B/L

181
B823
v.190

0786

BRASILIANA

5.ª Série da

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

★

Volumes publicados:

ENSAIOS

1 — BATISTA PEREIRA: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.

6 — BATISTA PEREIRA: **Vultos e episódios do Brasil** — 2.ª edição.

26 — ALBERTO RANGEL: **Rumos e Perspectivas.**

41 — JOSÉ-MARIA BELO: **A inteligência do Brasil** — 3.ª edição.

43 — A. SABOIA LIMA: **Alberto Torres e sua obra.**

56 — CHARLES EXPILLY: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.

70 — AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: **Conceito de Civilização Brasileira.**

82 — C. DE MELO-LEITÃO: **O Brasil Visto Pelos Ingleses.**

105 — A. C. TAVARES BASTOS: **A Província** — 2.ª edição.

116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **Estudos Piauienses** — Edição ilustrada.

150 — ROY NASH: **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

151 — A. C. TAVARES BASTOS: **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.

190 — E. ROQUETTE-PINTO: **Ensaios Brasilianos** — Edição ilustrada.

FILOLOGIA

25 — MÁRIO MARROQUIM: **A língua do Nordeste.**

46 — RENATO MENDONÇA: **A influência africana no português do Brasil** — Ed. ilustrada.

164 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA: **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil** — 4.ª edição da "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".

178 — ARTUR NEIVA: **Estudos da Língua Nacional.**

179 — EDGARD SANCHES: **Língua Brasileira** — 1.º Tomo.

FOLCLORE

57 — FLAUSINO RODRIGUES VALO: **Elementos do Folclore Musical Brasileiro.**

103 — SOUSA CARNEIRO: **Mitos Africanos no Brasil** — Edição ilustrada.

CARTAS

12 — WANDERLEY PINHO: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Ed. ilustrada.

88 — RUI BARBOSA: **Mocidade e Exílio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — 2.ª Edição — Ed. ilustrada.

61 — CONDE D'EU: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleuiss) — Edição ilustrada.

109 — GEORGES RAEDERS: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondência inédita).

142 — FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Edição ilustrada.

NOTA: Os numeros referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação. Ao leitor que o solicitar será enviado o catalogo completo das obras da "Brasiliana", em que figuram estudos brasileiros sobre outros assuntos.

★

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 639 — SÃO PAULO

Série 5.ª BRASILIANA *Vol. 190*
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA
N.º

E. ROQUETTE-PINTO

ENSAIOS BRASILIANOS

EDIÇÃO ILUSTRADA

981
B823
v. 190

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO - RECIFE - PORTO-ALEGRE

DO MESMO AUTOR:

Nesta série:

ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA BRASILIANA . . . . . Vol. 22

RONDONIA . . . . . Vol. 39

52-1627

Edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Aos professores

HELOISA ALBERTO TORRES

e

FRANCISCO VENANCIO FILHO

PRIMEIRA PARTE

GLORIA SEM RUMOR

CAPITULO I

TODAS as raças foram attrahidas pela nossa terra graciosa e linda. Ella não mentiu a nenhuma das que lhe ouviram a voz cheia de promessas; e por isso ahi estão, vivas e fortes, cooperando no seu progresso.

Assim, no seculo XIX, os borbotões do forte sangue da Germania principiaram a correr nas veias deste povo, animando os creadores de novos centros de vida na patria moça. Em 1819 desabrocha, na Serra dos Orgãos, a belleza de Friburgo; em 24, a pujança do nucleo Riograndense do Sul; em 45, a graça de Petropolis; em 49, começam os primeiros signaes da futura grandeza de Joinville. Em 50 surge, esperança abençoada de Hermann Blumenau, nos primeiros paus a pique das casinholas do Itajahy, a cidade magnifica onde hoje o patriotismo dos filhos de Santa Catharina — guiados pelo alto espirito de Adolpho e Victor Konder — levanta ao grande colono o monumento que elle ainda mais mereceu como sabio naturalista perdidamente apaixonado pelas maravilhas dos bosques e dos mares do Brasil.

Muitos dos pioneiros foram abandonados na selva, como aquelles cujos netos eu mesmo encontrei, em 1906, nas quebradas de S. Pedro, a Oeste da Lagoa de Itapéva, gente alourada e rosea, de pupillas côr do céu e torsos airosos, que evocava uma pagina das

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA

sagas quando o poema narra a luta corajosa do heroe Dietrich no seio da floresta.

Embora os responsaveis do abandono tenham procurado fazer, em todo tempo, do seu crime, uma culpa dos abandonados — os heróes aqui domaram a mata, ergueram villas e cidades, trabalharam cantando, como ninguem mais trabalha nesta minha terra tão querida... Os heróes venceram!

* * *

Fritz Müller era alto, louro, de cabellos annellados e longos. Parecia-se muito, segundo a tradição, com o conselheiro Trommsdorff, seu avô, notavel chimico.

Na aldeia de Windischholzhausen, perto de Erfurt, na Thuringia, nasceu Johann Friedrich Theodor Müller, em 31 de Março de 1822. Seu pai, sacerdote protestante, não podia viver folgadamente, tanto mais quanto eram numerosos os filhos do casal; Charlotte (1823), Augusto (1825), Rosine (1827), Hermann (1829), Luise (1832), Ludwing Theodor (1835).

Augusto veio com Fr. Müller para o Brasil e foi seu companheiro inseparavel. Hermann, tambem notavel naturalista, falleceu em 1883 como *Oberlehrer* em Lippstadt.

A correspondencia dos dois irmãos sabios constitue um verdadeiro repositorio de preciosas notas. Rosine — a meiga Röschen das carinhosas cartas de Fritz Müller — foi a sua confidente, a irmã querida com quem repartiu seus mais intimos soffrimentos e suas alegrias. Morreu em 1903.

A mãe de Fritz Müller era filha de Johann Bartholomäus Trommsdorff; foi por esse lado que a sua herança mais se accentuou, embora elle tenha escrip-

to; "Die Freude an der lebenden Natur haben wir Brüder von unserm Vater ererbt". (1).

Alfred Möller, que tambem descendia de Trommsdorff, deixa perceber que a influencia materna não foi extranha á sua ardente dedicação á natureza. Seja como fôr, está provado que não podia ser melhor o fundamento eugenico do grande naturalista. O mesmo disse E. Krause fazendo a biographia de Hermann Müller em 1884.

Em 1828 muda-se a familia do pastor para Mühlberg, na Thuringia. Na Paschoa de 1835, aos 13 annos, Fritz Müller deixa a casa dos paes e segue para a do velho Trommsdorff, em Erfurt — a "Botica do Cysne" — (Schwanenapotheke) — onde viveu durante o tempo em que frequentou o Gymnasio da cidade, escola que não lhe deixou agradaveis recordações visto que a sua enorme affectividade era, constantemente, arrepiada pelos modos rispidos dos mestres, nenhum dos quaes lhe recordava a gentileza do Rektor de Mühlberg, Tänzer. Não posso, dizia elle em 1870, lembrar sem amargura os bellos annos perdidos no Gymnasio.

A sua tendencia para o estudo dos idiomas estrangeiros desde cedo se manifestou. Hoje nos maravilhamos da correcção com que elle escrevia o inglez, o francez e a nossa lingua brasiliana. Por isso dizia em 1881: "So wäre ich wahrscheinlich Linguist statt Naturforscher geworden". (2).

Em Naumburg, onde morava seu tio Wilhelm Möller, passou a viver Fritz Müller desde 1840. A botica de Herr Bennecken foi, então, a sua melhor escola. Ahi parece ter tido o jovem aprendiz os primeiros impulsos aventureiros que, afinal, o dominaram. Chegou mesmo a indagar de um agente hamburguez, com quem se encontrou, sobre a possibilidade de installar uma pharmacia em Cape Town.

A miragem dos tropicos já naquelle tempo o deslumbrava. O seu amigo Biltz não podia, porém, abandonar o estabelecimento materno; a viagem gorou. Fritz Müller resolveu fazer-se professor e, em 1841, matriculou-se na Universidade de Berlin, onde se dedicou especialmente á mathematica e á historia natural. Foram ali seus mestres: Lichtenstein, (zoologia), Kunth, (botanica) Johannes Müller (Anatomia). Por esse tempo seguia elle tambem os cursos de Greifswald onde encontrou acolhida paternal no professor Hornschuch, grande bryologo de quem nunca mais se esqueceu.

Em Berlin, tornou-se discipulo querido do grande Johannes Müller para quem o seu raro talento de desenhista desde logo foi uma revelação. O primeiro microscopio que possuiu foi presente do seu mestre. "Desenhei para elle, diz Fritz Müller, algumas *clépsines*" (sanguesugas).

— Tem um microscopio? perguntou-me.

— Não.

— Leve este e examine os ovos recentemente postos".

O mestre queria saber si nos ovos das clépsines existe o movimento descoberto nos das planarias.

No "Archiv für Naturgeschichte" publicava nessa época Fritz Müller o seu primeiro trabalho scientifico; "Ueber Hirudo tessulata und marginata".

O espirito profundamente philosophico dominante em toda a sua obra acha-se expresso em uma carta de 1844, dirigida ao seu irmão Hermann:

"Mehr Genuss als ein ganzes zoologisches Museum gewährt die genaue Untersuchung eines einzigen Tieres!" (3).

A 14 de Dezembro de 1844 obtinha o gráu de Doutor em Philosophia com a these:

"Ueber die Blutegel der Umgebung Berlins". Poz na epigraphe dessa monographia um pensamento que havia mais tarde de resumir a sua vida :

"Caeterum, nullius in verba jurans, aliorum inventa consarcinare haud institui ; quae ipse quaesivi, reperi, repetitis vicibus diversoque tempore observavi — propono", palavras de O. F. Müller, de Copenhague, que em 1863 repetiu no "Für Darwin". (4).

Das "proposições" que sustentou na sua these, uma é sobremodo interessante :

"O estudo das linguas é menos apto a formar a mente dos jovens do que a mathematica e a historia natural".

Nós brasilianos, que consagramos nos programmas gymnasiaes um ou dois annos ás sciencias naturaes e cinco ou mais ao portuguez, estamos longe daquelle admiravel conselho de um sabio que, si não tivesse sido naturalista, dizia, teria sido philologo.

Em 1845 voltou a Erfurt como professor do Gymnasio, onde ensinou algebra e historia natural. Coube-lhe dar, alli, as primeiras lições de biologia. Ao dizer do seu meticuloso biographo, nessa época andou o amor pela primeira vez esvoaçando ao redor do jovem naturalista.

Começaram, porém, as attribulações moraes de Fritz Müller, cujas crenças religiosas se tinham desvanecido a medida que a sciencia mais e mais o empolgava. Elle assim o diz.

Para um professor de gymnasio official, naquelles tempos, era escandaloso considerar a Biblia livro puramente humano.

Pouco a pouco a situação foi-se tornando insustentavel. Em uma carta a Röschen, elle escrevia :

"Wahrheit und Tugend sind nicht denkbar ohne Freiheit". (5).

Depois accrescentava como lhe tinha sido penoso ver partir do coração todas as velhas crenças da mocidade. Mas, dizia, assim deve ser: "Sklave will und kann ich nicht sein!". (6).

Pensou, então, em viajar como medico de bordo, cedendo ao intimo desejo de conhecer as terras tropicaes. Foi quando brotou da sua penna um lindo, emocionante e verdadeiro verso, puro e simples como os que balbucia o coração: "Ja, es ist gar leicht zu sagen Lebewohl! Doch, ach, so schwer zu tragen: Lebewohl!" (7).

As cartas de Fritz Müller, durante a sua permanencia em Greifswald, documentam profunda revolta contra a oppressão religiosa que sentia ao redor de si, tanto mais quanto no meio universitario, em que passou a viver, as ideias dominantes eram bem differentes das que seu velho pae, sacerdote christão, e sua irmã, lhe recordavam sempre. Os seus autores predilectos eram Karl Marx, Bruno e Edgar Bauer, Feuerbach. Duas sociedades fundaram-se na Universidade: uma contra os duellos, habituaes nas escolas allemães (Mensur) e outra — "Wechselsteuerverein" — de aspecto perfeitamente communista.

De ambas foi socio e mais tarde, director.

Quasi no fim da vida, em 1893, escrevia elle a um amigo — (Oehlschläger) — relembrando Greifswald e dizendo claramente que as luctas e as discussões politicas, religiosas ou sociaes daquelles bons tempos, tinham tido a maior importancia no desenvolvimento do seu espirito.

Ha, porém, em todo esse periodo da existencia de Fritz Müller alguma coisa que não se pode deixar de mencionar. São os traços fortes do seu caracter indomavel, da sua sinceridade desataviada, brutal, organica, incontrastavel.

"Ich hasse, escrevia elle em 1846 a seu irmão August, ich hasse alle jene rücksichtsvolle Halbheit, die ein anderes Bekenntnis auf den Lippen, ein anderes im Herzen trägt". (8).

Tinha, porém, um coração profundamente affectivo. "Muitas lagrimas me tem custado esse meu orgulho"... são palavras de 1846.

Seja como fôr, a honestidade absoluta, em religião como em sciencia foi sempre a sua fé; "Ich will nur, wo ich sprechen muss, wahr sprechen". (9)

Por isso mesmo, ninguem mais do que elle amou a liberdade. Ha phrases, em suas cartas intimas, que mais parecem legendas historicas, dessas que os povos costumam tomar por lemma, para suggestionar os filhos: "Wie der Körper frei atmet, so soll der Geist frei denken!..." (10).

A crise moral tornou-se, dest'arte, cada vez mais profunda, na familia do pastor, cujo filho se distanciava sempre dos principios tradicionaes da casa. Até mesmo o doce conforto das cartas de Röschen começou a faltar a Fritz Müller. Ao terminar o seu curso medico, outro precalço lhe surgiu á frente, nos dizeres do juramento christão a que se via obrigado: "sicut Deus me adjuvet et sacrosanctum ejus evangelium". Pediu, então, ao Ministro que lhe concedesse tomar o grau proferindo o juramento dos judeus. Isso lhe foi negado.

Tudo, diz Alfred Möller, leva-nos a considerar muito natural a presença de Fritz Müller no Partido Democratico, por occasião da Revolução de 1848. De 1849 a 1852 empregou-se como preceptor dos filhos de um distincto agricultor de Roslofshagen, perto de Grimmen, na Nova Pommerania, Herr Lamprecht.

Em 1848 tinha encontrado a mulher que foi digna companheira de sua existencia, Karoline Töllner, de quem houve em 1849 a sua primeira filha, Louise. A virtuosa senhora falleceu em 1894, aos 68 annos.

Em Erfurt tinha Fritz Müller conhecido o Dr. Hermann Blumenau, botanico e pharmaceutico, espirito ponderado e tradicionalista, homem de larga visão e grande actividade que, em 1850, fundou, nas margens do rio Itajahy, a colonia destinada a prosperar na gloria desta região.

O moço, que vivia então pensando em partir para longe, não só para fugir ao mau estar que a sua descrença provocava na familia, senão tambem para dar largas a antigos sonhos aventureiros, leu um opusculo de Blumenau a respeito da colonia. Depois de hesitar, entre o Chile e o Brasil, decidiu-se de accordo com os conselhos do antigo companheiro.

Em 1852, já depois do nascimento da sua segunda filha, Anna, elle e o seu irmão August embarcaram, a 17 de Maio, em Hamburg, a bordo do "Florentin", ao mando do Capitão Lofgrén, de partida para São Francisco, no Sul do Brasil, porto que alcançaram na tarde de 17 de Julho.

A 21 de Agosto de 1852 chegavam os viajantes ás margens do arroio "Velha", onde foram recebidos pelo fundador da Colonia.

Estabeleceram-se os irmãos Müller nas margens do arroio Garcia, a uma hora da sua foz no Itajahy.

Em carta de 31 de Outubro de 1852, a seus paes, dizia August, tratando da sua feitoria: "Es sind die ersten Grundstücke der Kolonie Blumenau, die bis hetzt aus 12 Familien besteht" (11).

A liberdade com que sonhava Fritz Müller foi assim alcançada, nas clareiras das mattas que o seu proprio terçado derrubava. A 16 de Janeiro de 1853 elle escrevia, á querida Röschen, dizendo-se feliz na sua nova "Heimat". Até mesmo os mosquitos pernilongos (langbeinige Mücken) não eram peores do que os da Allemanha (... ganz ähnliche den deutschen). Naquelle tempo comprava-se, aqui, um sacco de batatas por

2 mil réis ; um, de feijão por 8 a 10 mil réis ; um de farinha custava 11 patacas, uma libra de carne valia 6 vintens.

Logo nos primeiros mezes os dois irmãos conheceram os indios, que, durante tanto tempo, luctaram nestes arredores, os Bugres ou Coroados, que o naturalista descreveu como sendo "hübscher als viele Brasilianer und weit schöner als die Neger" (12).

A grande alegria de Fritz Müller, naquelle meio perigoso e desconfortavel, provinha afinal do sentimento, quasi feroz, da sua independencia individual: "... das dankst du fast alles deiner eigenen Arbeit; mit eigener Hand hast du den Hausplatz von Bäumen gesäubert..." (13).

Algumas vezes foi obrigado a tratar de doentes, medico para quem a medicina não tinha nenhum encanto.

Entre os casos da sua existencia, então rodeada de imprevistos, cita elle o accidente que soffreu quando uma palmeira, as cahir decepada, attingui-o na cabeça, prostrando-o ensanguentado.

Da lingua portugueza não se cogitava na joven colonia. Não tinha razão de ser. Elle achava o idioma facil, uma especie de "ein Latein, dem man die Knochen zerschlagen hat". (14).

Tres vezes por anno — Paschoa, Pentecostes e Natal — matava-se uma vaca em Blumenau. O azeite de peixe alumiava os lares. Por sorte, Fritz Müller encontrou na floresta a arvore do *Araribá*, cujos ramos ardiam com boa luz, facilitando os bordados e costuras da mulher.

As mãos do sabio manejavam, com firmeza, o machado e a enxada.

Por isso, em 1855 o Dr. Blumenau poude escrever a Hermann Trommsdorff dizendo que a força de vontade e a energia dos irmãos Müller eram notaveis, bem

desejaria encontral-as em todos os seus companheiros. Quanto ás questões religiosas o caso era outro, "besonders mit der Richtung des Doktors"... (15).

Blumenau era representante do espirito ordeiro, pacato e seguro, que serve de esteio ás sociedades; Müller encarnava aspirações libertarias do futuro. Comprehende-se a restricção.

No rancho travado de cipós, sem mesas, sem cadeiras, sem camas, sem pão, sem carne fresca e sem batatas, sem vinho ou cerveja, na humilde choça, — "das Feuer brennt auf dem Herde Tag und Nacht" (16) — como si os pioneiros magnificos desejassem, na conservação incansavel da chamma na lareira, projectar o ardor da sua fé constructora atravez das gerações, que souberam recolher e augmentar, no brilho desta cidade, a pequena labareda accendida pelo animo dos avós.

* * *

Viveu Fritz Müller 34 annos em Itajahy, 11 em Desterro: basta isso, diz Alfred Müller, para ver como andou errado E. Haeckel propondo que se o designasse em sciencia sob o nome de *Fritz Muller — Desterro*, distinguindo-o de outros tantos Müller notaveis na bibliographia allemã.

Por volta de 1850 havia em Desterro um collegio de jesuitas, fechado em 52, quando a febre amarella assolou a provincia, matando sete dos padres. Em 1856 fundou a Assembléa Provincial o Lyceo, sendo Fritz Müller convidado para leccionar mathematica. Abriu-se o collegio em 57; e como se recusasse a servir de Director, para ter tempo de vaguear, estudando a fauna das lindas praias da ilha, foi dirigir o estabelecimento o seu compatriota Becker, jurista, por elle indicado.

João José Coutinho era presidente da Provincia. O elogio que faz da sua personalidade o severo Fritz Müller é um titulo de gloria para o nome desse administrador, cujos serviços o naturalista aponta minuciosamente. Dirigia tudo com o amor e o interesse do chefe de uma grande familia, provendo ás necessidades materiaes e culturaes do seu povo, economizando-lhe a fortuna e os bens. E ainda achava tempo para ouvir, uma ou outra lição, no instituto de ensino que era um dos seus desvelos.

Nenhum mestre foi mais querido dos seus alumnos do que Fritz Müller; não se apartava da natureza, e nada prende mais as jovens intelligencias do que a propria vida. Em sciencias naturaes, quem não *mostra* — não ensina.

Quando se recorda a biographia de Fr. Müller, ha uma circumstancia que é preciso lembrar, porque ella explica, se não justifica, alguns factos que lhe entristeceram o fim da vida. Assim, elle nunca permittiu que as suas filhas frequentassem a escola elementar da Capital da Provincia, instituto, na verdade, bem modesto.

Da Allemanha vinham todos os livros de que os pequenos precisavam. Para elles Fritz Müller compoz algumas ingenuas poesias: O vagalume, a paca, as formigas, etc. Na esperança de contribuir para o mais facil ensino da arithmetica, imaginou um systema de figuras, formadas por pequenos cubos, reproduzidos na exhaustiva obra de Alfred Möller.

Quatro annos depois da inauguração do Lyceu a gangorra ministerial, que fazia o encanto dos mexericos politiqueiros dos nossos avós, desandou para os conservadores. Subiram os liberaes e o grande governador João José Coutinho foi afastado do posto que tanto nobilitára.

Seu successor não agradou a Fritz Müller. Em 1861 dizia elle: Com que boa vontade iria eu dependurar no

cabide as minhas funcções de mestre para pegar de novo no cabo do machado! "Am Itajahy lebe ich unter Deutschen". (17).

Em 1864 o governo liberal entregou novamente o collegio aos jesuitas, declarando-se "avulsa' a cathedra de Fritz Müller. A floresta amiga o esperava. Seu irmão Hermann e seu amigo Haeckel tentaram-no para regressar á Allemanha; era tarde! Quem póde livrar-se do encanto desta nossa terra, uma vez que nelle se prendeu?

O grande momento, na existencia do sabio, foi aquelle tempo em que viveu no Desterro. Ali nasceu a obra scientifica de maior nomeada entre os seus admiraveis trabalhos.

Voltando para Blumenau, onde desempenhou modesto cargo publico provincial de 1867 a 1876, retomando embora o machado, elle inaugurou uma serie de observações e estudos que assombraram, pelo numero dos factos novos registrados e pelo espirito critico ali presente.

São dessa época (1871) certos conceitos de Fritz Müller que precisam ser citados, para que não se leve á conta de gratuita mal querença muito do que lhe fizeram mais tarde, ainda que seja penoso recordar algumas das suas palavras:

"Der Süden des Landes, Rio Grande, Sta. Catharina und Paraná, könnten ein vorwiegend deutsches Land werden, wenn die deutsche Regierung nicht, anstatt die Auswanderung hierher zu fördern, ihr alle möglichen Hindernisse in den Weg legte. Leider lässt sich die Sache in der Presse nicht erörtern; wir können natürlich nicht offen sagen, welche Aussicht eine zahlreiche deutsche Einwanderung hätte, in Südbrasilien zur herrschenden Macht zu werden und das verkommene romanische Element eints ganz aus demselben zu verdrängen. Dass eints, freilich nicht zu unse-

ren Lebzeiten, im aussertropischen Brasilien die germanische Rasse herrschen wird, darüber habe ich nicht den geringsten Zweifel; wollte Deutschland, so könnten es die Deuschen sein; leider ist wahrscheinlicher, dass es Engländer oder Yankees sein werden". (18).

O vaticinio não se cumprirá! Deve ser perdoado a Fritz Müller porque vivendo ás voltas com os seus crustaceos e as suas orchideas — andou sempre longe do povo que já tinha, naquella época, desdobrado aos olhos do Mundo o mappa das Bandeiras, e começava a traçar a epopéa da borracha nos charcos da Amazonia...

Desde moço, porém, elle não sabia calar o pensamento. Isso que ahi está, nessa carta... era, seguramente, linguagem corrente dos seus labios. Não é de admirar que alguns desaffectos, creados pela sua franqueza, transmittissem aquellas opiniões aos dirigentes da Republica, que em 1889 encontrou Fritz Müller funccionario do Museu Nacional, nomeado em Outubro de 1876.

No posto de *naturalista viajante* permaneceu até 5 de Junho de 1891, data em que pediu demissão do seu cargo — "por não poder mudar a sua residencia para o Rio de Janeiro" (19).

Não ha fabula que não se tenha inventado a proposito desse lamentavel acontecimento. De uns ouvi que Fritz Müller foi demittido a "bem do serviço publico"; de outros, que, uma vez demittido, soffreu grandes privações e passou a *andar descalço*, qual misero mendigo... E tantas coisas mais.

A verdade é que as attitudes religiosas e até mesmo administrativas, clamando com desassombro (mit scharfen Worten) contra o que lhe parecia irregular; a sua intransigente obsessão do *Deutschtum*, que não podia ser perdoada; a sua inquebrantavel independencia moral; o seu gosto pela ampla liberdade, e mesmo os

seus principios philosophicos — que o levaram a abençoar o cabo do machado — tudo isso, explica o incidente. Fritz Müller perdeu o emprego em 1891. No entanto, encontra-se no livro admiravel de A. Möller, um seu optimo retrato de 1886, da época mais prospera e feliz da sua vida — quando os scientistas de toda a Terra fixavam os olhos na humildade da sua casa de Blumenau, no tempo precisamente em que tinha o seu lugar no Museu... Em 1886 Fritz Müller andava em camisa, bolsa de couro a tiracollo, pés descalços, a mão direita apoiada num cajado, o chapéo desabado posto ao alto da cabeça. Era o seu uniforme de sabio e operario — as duas coisas que sempre quiz ser na vida. Eis ahi como se desfaz a lenda.

Digamos hoje a verdade, tal e qual elle queria...

Não foram condescendentes com o sabio os nossos governantes. Por tudo quanto elle representava de grandeza moral e intellectual, deviam ser toleradas as suas ideias nacionalistas e as suas criticas impiedosas. Umas e outras não fizeram nenhum mal ao paiz. Na Allemanha, e no Brasil, elle soffreu as consequencias do seu indomavel temperamento.

Cercado pela veneração dos sabios do Mundo, depois das attribulações passadas durante a guerra civil de 1893, recebeu Fritz Müller a 14 de Dezembro de 1894, em commemoração do seu doutorado na Universidade de Berlin, uma honrosa mensagem do Collegio dos Professores.

A 21 de Maio de 1897 morria, em Blumenau, o naturalista que Darwin chamou: "Principe dos Observadores", e nós consideramos genial dignificador da Especie Humana.

* * *

Pela sua originalidade e alcance philosophico, pela repercussão que teve, a obra de Fritz Müller é um dos maiores monumentos scientificos creados na America do Sul.

Seu nome não é citado correntemente — como o de Martius e o de Saint-Hilaire ou o de Bates — por dois motivos. Fritz Müller espalhou os thesouros, recolhidos na livre natureza, — por innumeras revistas scientificas e publicações technicas, nada populares; e, depois, a maior parte das suas observações pertence ao que ha de mais especializado em materia de biologia.

Só um pequeno livro publicou, opusculo de algumas dezenas de paginas datado de "Desterro 7 de Setembro de 1863" — é o *"Für Darwin"*, livrinho de fama universal.

"Für Darwin", porque?

O autor informa: depois de ter lido a "Origem das especies", pareceu-lhe que o melhor meio de apreciar a theoria de Darwin seria applical-a a um certo grupo animal e verificar si ella seria capaz de explicar, de modo acceitavel, a descendencia dos typos.

A classe dos crustaceos foi a escolhida por differentes motivos.

Mas, tentando distribuir as formas de modo a organizar uma provavel arvore genealogica do grupo, Fritz Müller cedo reconheceu que havia muitas falhas no que se sabia então quanto ao desenvolvimento embryogenetico desses animaes.

A primeira indicação decisiva encontrada em favor da theoria de Darwin foi, no dizer do autor, a descoberta da forma larval chamada *Nauplius* nos crustaceos superiores (malacóstracos). Porque, raciocina elle, si os crustaceos são derivados de uma só forma ancestral, todos devem ter passado pela mesma forma embryonaria.

O encontro do *Nauplius* do camarão — eis o primeiro facto *für Darwin*. Talvez não seja inutil lembrar que a larva inicial dos crustaceos superiores era, até então, a forma *Zoéa*. *Nauplius* era tido como larva dos crustaceos inferiores (entomóstracos). Hoje sabemos que, nos malacóstracos, a forma Nauplius, em geral, se passa dentro das membranas do ovo; por isso, até Fritz Müller, davam-na como inexistente.

O segundo facto articulado "pro-Darwin" foi obtido da comparação dos appendices em crustaceos machos e femeas de certos generos. São mais desenvolvidos nos machos, os quaes, além disso, possuem orgãos olfactivos muito maiores. No genero *Tanais*, os machos, antes da puberdade, assemelham-se ás femeas; logo depois metamorphoseiam-se e, d'ahi por diante, diz Fritz Müller, parecem viver sómente para amar. Interessante, porem, é que então se processa nelles uma differenciação: em uns, desenvolvem-se enormes patas prehensoras e augmenta-se o numero de filamentos olfactivos; em outros, conservam-se pequenas as patas, mas os filamentos olfactivos crescem de numero extraordinariamente. *Tanais* são facilmente observaveis num vaso de vidro. Apezar de ter examinado muitas centenas de individuos Fr. Müller não encontrou nunca dimorphismo igual nas femeas, nem tão pouco formas intermediarias masculinas.

"Para os da velha escola, diz elle, a occurrencia de duas formas masculinas seria uma simples curiosidade". Um *capricho* da creação: machos de mais olfacto e machos de maiores patas prehensoras (pinças)".

A selecção darwiniana, aos olhos de Fr. Müller explica, porém, claramente o caso. Iniciada a variação dos machos, ficaram em presença, pelo desapparecimento dos outros menos aptos, os dois grupos: olfactivos e prehensores. Entre elles segue a lucta, que, actualmente, parece estar caminhando para a victoria

dos prehensores, visto que o naturalista contou cerca de cem delles para um olfactivo.

Tambem na respiração aerea de crustaceos que normalmente respiram dentro d'agua, outros factos apontou o autor de "Für Darwin", favoraveis á doutrina.

Comparando a estructura do coração nos amphipodes e nos isopodes, elle observou que o orgão tem forma constante nos amphipodes, e grandemente variavel nos isopodes, ordens muito proximas. O phenomeno seria facilmente explicado por meio de algumas palavras gregas, diz o mestre. Como, desgraçadamente, esqueceu o grego... procurou outra explicação, na natureza.

Conclue que o coração dos amphipodes deve ser a forma primitiva.

Mas não é possivel, evidentemente, acompanhar todo o celebre livrinho.

Não desejo, porem, passar adiante, sem recordar as mais conhecidas das suas paginas, aquellas em que F. Müller estabeleceu o principio que Haeckel chamou *lei biogenetica fundamental:* a ontogénese repete a phylogénese. De facto, esse principio é muito anterior a Fritz Müller. Elle mesmo cita seu mestre J. Müller em 1844, e expressões de Agassiz (1856), em que a ideia se encontra latente, embora tenham sido, ambos, adversarios formaes do Darwinismo. Por outro lado os francezes attribuem sempre a mesma lei a Serres, professor do Museum de Paris em 1839.

Ninguem como Fritz Müller poz em fóco a referida lei, com tanta energia e tão ricos documentos. No seu livro, ella se encontra de diversas maneiras, sendo a seguinte a mais clara:

"No curto periodo de poucas semanas ou mezes, as formas cambiantes do embryão ou das larvas farão passar diante de nós, uma figura mais ou menos completa, mais ou menos exacta, das transformações sof-

fridas pela especie no correr dos tempos, até attingir ao seu estado actual".

Um eminente mestre, que tivemos o prazer de ouvir pessoalmente, ha tempos, o Prof. Caullery, no prefacio escripto para o Tratado de Embryologia Comparada dos Invertebrados, de C. Dawydoff, escreveu que o mais importante da obra de Haeckel é o commentario, por elle feito, do opusculo *Für Darwin*, de Fritz Müller. Não é preciso mais, para que se possa avaliar o vulto do naturalista de Blumenau. Houve, então, no mundo dos biologos, um enthusiasmo louco pelas conclusões de Fritz Müller, pedras basicas do transformismo. De 1870 a 1900, "uma orgia phylogenetica", na phrase de Caullery. Em 1900, com o surto da genetica e a critica ponderada, as coisas começaram a mudar. Actualmente não é possivel affirmar que já ninguem acredita na *lei biogenetica*. Mas a verdade é que foi reduzida a significação bem mais modesta. Um serviço, porem, ella prestou, ou antes Fritz Müller prestou, por seu intermedio á sciencia : foi o estimulo colossal, que a esperança de verificar a sua exactidão, levou a todos os biologistas. Durante aquelle tempo, em que foi tida por dogma, póde dizer-se que toda a embryologia de vertebrados e invertebrados passou ao dominio do conhecimento objectivo. Essa, é uma das glorias que pertencem ao grande pioneiro das mattas do Itajahy.

A relação dos trabalhos scientificos de Fritz Müller, publicados de 1844 até 1899 (dois annos depois do seu fallecimento), abrange 248 memorias ou monographias. Faltam noticias de mais 11 originaes, até hoje perdidos. Tudo mais está reunido na obra monumental de Alfred Möller. Não são muitas as especies novas descriptas por Fritz Müller. A avalanche de observações, contidas, nos seus trabalhos, é quasi toda de verificações biologicas de natureza philosophica, anato-

mica, physiologica ou ecologica. A taxinomia não o tentou jamais.

Foram os invertebrados, principalmente, o objecto mais constante dos seus estudos; nas plantas, foi a biologia floral o que mais o preoccupou. Não é razoavel repetir, aqui, o nome de todas as publicações scientificas da Allemanha, da Inglaterra ou da França, em que appareceram as suas notas. Ellas estão ao alcance de qualquer estudioso, nos volumes editados por Alfred Möller. Convem, todavia, fazer uma excepção. E' a que se refere aos "Archivos do Museu Nacional" unica publicação que durante longos annos o mundo scientifico recebeu do Brasil, echo solitario da cultura mental da Sul America no concerto dos sabios.

Fritz Müller ali publicou, desde 1877, algumas das suas mais notaveis descobertas. E si mais não nos deu, foi porque a falta de recursos necessarios ás carissimas impressões scientificas, sempre difficultou a regularidade da publicação. Um dos trabalhos de Fritz Müller só appareceu quasi dez annos depois de entregue. Felizmente a Republica tem pensado um pouco mais neste assumpto. Embora com o orçamento ainda muito menor do que o necessario, para attender a tudo quanto lhe incumbe, vae hoje o Museu publicando, regularmente e dignamente illustrados, os seus Archivos, Boletins e outros opusculos.

O primeiro trabalho de Fritz Müller, enviado de Santa Catharina para a Europa, foi a nota sobre as *planarias terrestres*, publicada em 1856.

Successivamente, foram, d'ahi por deante, apparecendo documentos de uma actividade assombrosa, memorias e monographias sobre os *Annelideos* e as *Medusas*, uma das quaes elle denominou "Tamoya"; sobre os Polypeiros, sobre uma larva de *brachiopode*, sobre o systema nervoso colonial da *Serialaria coutinhii*, bryozoario dedicado ao Dr. João José Coutinho, Pre-

sidente da Provincia, homem a quem devia, escreveu Fritz Müller, a possibilidade de realizar seus trabalhos scientificos. Depois outras mais sobre o esperma de um mollusco (*Janthina*), sobre uma nova esponja de aciculos estrellados, que elle chamou *Darwinella aurea*, sobre as *plantas escandentes*. No desenvolvimento phylogenetico de taes plantas, julgou Fritz Müller que os estagios successivos foram 5, sendo o primeiro o das que se supportam a si mesmo e o ultimo o das providas de gavinhas persistentes. A *estructura do lenho* nos caules voluveis, as mutações, naquelle tempo não assim denominadas, nas begonias e nas orchideas, o polymorphismo das *pontederias*, os *ninhos dos cupins*, as *abelhas brasileiras* desprovidas de ferrão — formam assumpto de outras tantas paginas maravilhosas de minucia e espirito philosophico. Uma abelha, descreveu elle, de habitos mui curiosos. A exemplo do que fazem certas formigas, a *Tataira* ou *abelha de fogo* (*Trigona sp.*) — serve-se de uma larva de *Membracis* como "Vacca leiteira", aproveitando-se de certa secreção adocicada que o bichinho produz.

Tambem não quero deixar no esquecimento algumas notas de Fritz Müller sobre os Sambaquis de S. Catharina, por elle classificados em tres typos :

1 — Sambaquis formados por conchas de diversas especies existentes no mar proximo (Venus, Cardium, Lucina, Ostrea, Purpura, Tritonium, Trochus).

2 — Sambaquis quasi exclusivamente formados de berbigão mui commum nas aguas salobras das lagoas.

3 — Sambaquis quasi exclusivamente formados de *Corbula sp.* mollusco jamais por elle encontrado vivo. Todos os praieiros que interrogou, grandes conhecedores da região, affirmaram que estes *Corbula* não existem actualmente, vivos em nossa costa. Destes sambaquis de *Corbula* retirou Fritz Müller fragmentos de

cranios humanos, de parede ossea muito fina. Nos cranios dos outros sambaquis, os ossos são tanto, ou mais espessos que os nossos proprios.

Ando muito enganado, ou então, de futuro, as singelas notas de Fritz Müller servirão immensamente para a resolução do problema dos Sambaquis.

Seus notaveis trabalhos sobre *mimetismo* começaram com a nota "Einige Worte ueber Leptalis", publicada em 1876; mas foram, mais tarde, abundantemente documentados. Actualmente, a influencia da *lucta pela existencia* na formação de novas especies, não tem mais o prestigio antigo...

De sorte que todas as velhas explicações do mimetismo, propostas nos "tempos heroicos" do transformismo, perderam quasi o seu valor. O espirito finalista, que sempre foi a grande sombra do evolucionismo, acabou prejudicando o systema. Elle não morreu, de certo. Hoje, mais do que nunca, o tradicionalismo creador não encontra adeptos sinceros entre os emancipados. Mas a verdade é que já ninguem mais acceita, sem maior exame, explicações teleologicas.

Sejam de Darwin, de Wallace, de Bates ou de Fritz Müller, as theorias do mimetismo já não são mais o que dantes foram.

Este não é o lugar proprio para tratar minuciosamente do caso. Mas sempre quero dizer um intimo pensamento a respeito.

E' que quasi nada sabemos, ainda hoje, das acções bio-chimicas formadoras, hormonicas, na maior parte dos seres vivos, mormente nos Invertebrados, que são precisamente, os seres em que mais facilmente se verifica a *homocromia* e o *mimetismo*. Que orgão, ou que grupo cellular representa, no crescimento das borboletas, o papel do thymus ou da thyreoide?

E' cedo portanto para architectar explicações.

Seja como fôr, coube a Fritz Müller descobrir um novo typo de mimetismo, que hoje tem o seu nome. *Müllershe Mimicry* ou *mimetismo circular*. E' o caso em que as duas especies em jogo, a que imita e a imitada... pagam-se na mesma moeda: imitam-se mutuamente (Ringmimicry).

No primeiro trabalho publicado nos Archivos do Museu Nacional, em 1877, sobre a *significação biologica das flores versicolores*, Fritz Müller começa fazendo notar a pouca importancia que os botanicos do tempo (... e os de hoje?) dão á coloração das corolas.

O trabalho confirma nas flores brasileiras de *Lantana*, as antigas observações de Delpino (de Genova), apontando as relações das côres do periantho com certos insectos.

As maculas sexuaes das azas das borboletas, os orgãos odoriferos desses insectos, *estudos sobre a grumicha* (Phryganideo), sobre as casas dos *Trichopteros*, sobre a *semelhança dos fructos com as flores*, sobre as *formigas das Imbaúbas* (Azteca), sobre o *paraheliotropismo* de certas plantas do Brasil, sobre a *caprificação*, sobre a *phyllotaxia*... constituem acervo extraordinario, como nenhum outro naturalista, dos que trabalharam no Brasil, conseguiu reunir em material original.

Ha, porém, mais e talvez melhor.

E' a *fauna das Bromeliaceas* — uma das interessantissimas descobertas de Fritz Müller.

Nos vasos esverdeados que as folhas das bromelias compõem, junta-se agua sufficiente para manter a vida e permittir a evolução de muitas formas. Sabe-se, agora, que são optimos viveiros de mosquitos. Nesses pequenos aquarios, suspensos entre os ramos das grandes arvores, Fritz Müller descobriu, em 1878, animaes que ninguem seria capaz de imaginar ali tivessem fixado domicilio. Entre elles uma pequena rã, cuja

photographia mandou a Darwin em 1879, femea que carregava no dorso os ovos em via de desenvolvimento.

Em todo caso, insectos ou rãs comprehende-se, sejam encontrados naquellas alturas. Mas... um crustaceo de typo fossil? Pois foi essa a grande, a enorme surpreza que teve o mestre. Deixemos que elle mesmo conte a historia desse maravilhoso encontro, tal como se acha nos Archivos do Museu Nacional:

"Já nos tempos geologicos mais remotos, de que nos ficaram restos fosseis, os *Cytherideos* — (crustaceos) — achavam-se representados por numerosas especies, e desde então elles se têm mostrado frequentes até hoje. As especies fosseis viviam todas no mar, sendo que ainda hoje estes pequenos crustaceos encontram-se em todos os mares.

Na agua doce, povoada pela familia alliada dos Cyprideos, elles são excessivamente raros; ainda não sóbe a meia duzia o numero de especies observadas nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Scandinavia. A essas pouquissimas especies da agua doce vou juntar mais uma, que ha pouco achei naquelles tanquezinhos, que nas arvores do matto virgem formam-se entre as folhas das Bromeliaceas parasitas. Ella ali vive em abundancia e quasi que não ha Bromelia sem a sua colonia de Cytherideos; é provavel que, com as Bromelias, ella se extenda por todo o Brasil.

Alem de ser notavel por esse domicilio singular, que ella habita e por ser a primeira especie de agua doce achada na America do Sul, a especie das Bromelias é interessante tambem pela sua forma insolita. As conchinhas bivalvas das numerosas especies não só da familia dos Cytherideos, como de toda ordem dos Crustaceos Ostracodes costumam ser comprimidas lateralmente, tendo o feitio de um mexilhão ou de um feijão preto; na especie das Bromelias, pelo contrario, a conchinha assemelha-se a um grão de café, sendo a largura

muito maior do que a altura, a face dorsal convexa, a ventral plana e percorrida por um sulco longitudinal. Por este feitio da conchinha a especie se afasta de todos os Ostracodes da actualidade até agora descriptos e só entre as especies fosseis mais antigas ha uma especie muito semelhante. E' a *Elpe -pinguis*, descoberta por Barrande nas camadas silurianas da Bohemia ; desta com effeito, a especie das Bromelias parece ser uma copia fiel em escala cinco vezes menor.

Foi por esste motivo que lhe dei o nome de *Elpidium Bromeliarum*". Depois de descrever o animal com as minucias e a segurança que eram dons individuaes, Fritz Müller continua : "O Elpidium é quasi o unico entre os numerosos visitantes e habitantes das Bromelias, que nellas nasce e morre. Muitos animaes vão visitar as Bromelias, seja para se agasalharem, seja para se nutrirem das substancias organicas, que entre as suas folhas se accumulam, seja emfim para ali depositarem os seus ovos. Esses visitantes passageiros são variadissimos ; ha entre elles Vermes Turbellarios (*Geoplana*), Crustaceos Isópodes (*Philoscia*), Arachnideos, Myriapodes, muitos Insectos, Batrachios (pererécas) e até cobras.

Outras especies vivem lá como larvas, sahindo depois de concluida a sua metamorphose, como sejam as pererécas e varios insectos orthopteros (Agrionideos), Neuropteros, Trichopteros, Coleopteros (Paomideos) e Dipteros (Culicideos, Tipulideos, Syrphideos e outros).

Nem para aquelles visitantes nem para estas larvas ha difficuldade alguma em explicar a sua estadia nas Bromelias. Com o *Elpidium* o caso é differente. Não podendo esses pequenos Ostracodes migrar de uma Bromelia e muito menos ainda de uma arvore a outra, como é que não obstante isso podem elles estabelecer novas colonias?

Elles não poderão fazer as viagens necessarias sinão adherindo ao corpo de qualquer visitante das Bromelias.

Apezar de assim parecer abandonada ao acaso a sua transmigração, ella se faz com a mesma regularidade com que o pollen das flores é transportado de uma planta a outra pelos insectos pronubos, como prova o facto de quasi não haver Bromelia sem a sua colonia de *Elpidium*".

Transcrevi, muito de proposito, estas linhas de Fritz Müller. Ellas revelam um mundo... Evocam as grandes transformações soffridas pela Terra, no vazio immenso das idades ; levam a gente ao seio da natureza fervilhante da vida occulta nos pequenos tanques, suspensos nos galhos da mattaria. Suscitam o pensamento profundo que envolve a origem das coisas ; são paginas que fazem pensar... E, no entanto, para isso, o mestre não quiz outra eloquencia, que não fosse a da singela narração do que encontrou na floresta.

Nem uma só imagem accessoria elle poz naquelle relato, tão simples. O grande campeador da verdade não precisou de mais ; soube ver e narrou o que viu. Ainda hoje, aquella simplicidade commove ; assim as forças da natureza agitam a alma dos homens sinceros.

Finalmente, em um tomo de 663 paginas, reuniu Alfred Möller as cartas de Fritz Müller. E' um delicioso volume. Sem ellas, a obra do naturalista ficaria, muitas vezes, incompleta. Porque elle, em muitas, poz minucias, apontamentos, que completaram algumas das suas memorias. As mais notaveis foram trocadas com Darwin, Weismann, Agassiz, Haeckel e Hermann Müller.

Toda a existencia de Fritz Müller está documentada naquella correspondencia. Ficamos sabendo tambem a historia do rincão em que morava. Assim nos informamos de que, no anno de 1866, as jacutingas foram numerosissimas ; em Itajahy, mataram-se 50.000... ;

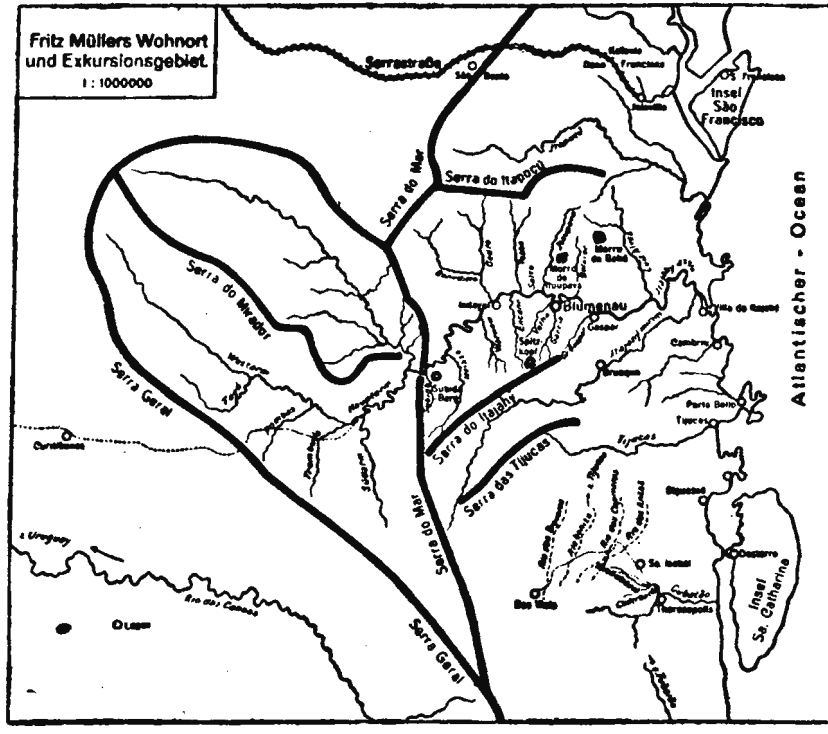
que o discipulo mais intelligente de Fritz Müller (20) — era um negrinho, tão bom alumno "como os melhores lá do clima frio" — dizia elle; que muitas plantas têm movimentos heliotropicos; que em 1865, elle e Darwin trocaram os proprios retratos, entre expansões de mutua e profunda estima; que Darwin considerou as opiniões de Agassiz "as of any value;" que o autor de *Origem das Especies* não cessava de pedir a Fritz Müller para guardar todas as suas notas, afim de fazer um "wonderful book"; que Fritz Müller teve a pachorra incrivel de acompanhar, minuto a minuto, a fabricação dos alveolos das abelhas *Trigona* e *Melipona*, marcando, nos desenhos, a ordem em que os escaninhos iam surgindo do trabalho das insignes ceroplastas; que elle se queixou, amargamente, do Governo da Republica, quando este acceitou o seu pedido de demissão; que resolveu applicar *exclusivamente*, em trabalhos scientificos, a somma de 360 Marcos recebida de Haeckel em 1895; que do proprio Museu Nacional, em grave crise naquelle tempo, elle se lembrava com tristeza...

Que importa?

Só existe, de facto, um julgamento seguro, firme, calmo e valioso, depurado pelas ondas frias do tempo — é o juizo das gerações. Nós aqui estamos, esquecidos das asperzzas de muitas das suas opiniões, para honrar o seu grande nome, venerar a sua vida transbordante de belleza.

De tudo o que elle foi, e mesmo de tudo quanto soffreu — nada se perderá nesta nossa terra do Brasil, onde a descrença dos que tem a alma envelhecida não ha de envenenar, jamais, o coração dos que têm fé.

Fritz Müller pertenceu á linhagem da gente forte, que trouxe privilegios de optima herança. Formou entre os primeiros desbravadores. Foi, por isso, apezar



Excursões naturalisticas de Fritz Müller.

(Apud A. Möller)

de "*puro allemão*", dos que nós temos prazer em venerar pelos seculos afóra. Façam-se bras'lianos todos aquelles que sentirem o coração tocado pelo rhythmo das nossas cachoeiras; mas não consideramos indispensavel o feliz acontecimento para que os outros honestos e dedicados ao progresso da nossa patria, mereçam a nossa estima sem restricções.

No dia em que for mister escolher uma figura para representar o *colono*, em tudo quanto essa palavra contem de fé, de ardoroso interesse pela terra, de coragem e de firmeza — não é preciso buscar outro typo, entre tantos que existem no Brasil — engrandecidos pelo trabalho e engrandecendo a nação; ahi o temos nesse homem raro, que conhecia o segredo de manusear as frageis borboletas com os dedos callosos, que o machado e o enxadão jamais conseguiram inutilizar para as delicadezas do microscopio. Sua vida é um constante exemplo de honestidade para comsigo mesmo, de meiguice e ternura, para com os seus, de trabalho sem descanço para a cultura do espirito humano. Ha, na sua historia, ao mesmo tempo simples e grandiosa, numerosos lances, que um dia serão traçados em um livro encantador, para delicia da gente pequenina, sedenta de aventuras, e sempre disposta a admirar os grandes.

A gloria de Fritz Müller acha-se para sempre ligada á historia da natureza deste paiz e cérca de brilho immortal a raça dos que vieram pelejar aqui a batalha da riqueza honesta.

Elle serviu ao Brasil, terra natal da maior parte das suas filhas e engrandeceu a sciencia, com a modestia e o desinteresse de uma abnegação de illuminado.

Tudo quanto fez vive, luz perenne das verdades que o tempo não desarticula.

NOTAS

(1) "Herdamos do nosso pai o gosto pela natureza viva".

(2) "Si não fosse naturalista, seria linguista".

(3) "O estudo meticuloso de um só animal dá mais gosto, do que ver todo um museu zoologico".

(4) "Aliás, o que exponho, sem jurar nas palavras de ninguem, e sem compilar as descobertas de outrem, é o que eu mesmo investiguei, achei e observei por diversas vezes e em diverso tempo".

(5) "Sem liberdade, não ha verdade nem virtude".

(6) "Escravo não quero ser, nem posso!"

(7) "Sim. E' tão facil dizer o Adeus! Mas é tão difficil supportal-o!"

(8) "Odeio a dubiedade que tem nos labios uma crença e outra no coração".

(9) "Sempre que tiver de falar, hei de dizer a verdade".

(10) "O pensamento deve ser livre como a respiração".

(11) "São os primeiros lotes da Colonia Blumenau, que conta 12 familias".

(12) "Mais bellos do que muitos brasileiros e ainda muito mais do que os negros".

(13) "Quasi tudo isso, tu o deves ao teu proprio trabalho; com as proprias mãos, arrancaste á matta o chão da tua casa".

(14) "Um latim de ossos quebrados".

(15) "... especialmente com a orientação do Doutor..."

(16) "A fogueira ardia no chão, dia e noite".

(17) "Nas margens do Itajay vivo entre allemães".

(18) "O sul do paiz (Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná) — poderia tornar-se territorio preponderantemente allemão, si o governo allemão, envez de promover a imigração para aqui, não lhe oppuzesse estorvos de toda classe. Infelizmente não é assumpto que se possa discutir na imprensa. De certo não podemos dizer com franqueza que alcance teria uma numerosa imigração allemã, para que, no sul do Brasil, ella se tornasse o poder dominante e afastasse um dia, de todo, o elemento latino decaden-

te. Não tenho a menor duvida de que, mais tarde, ainda que não em nossos dias, no Brasil extra-tropical a raça germanica ha de dominar. Quizesse a Allemanha, poderiam ser os allemães, infelizmente é mais provavel sejam os inglezes ou os yankees". (Carta de Fritz Muller a seu irmão Hermann — 26 de Julho de 1871 — A. Müller, 3.º vol. pags. 93).

(19) "Havendo o Snr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos resolvido que não tenham mais residencia fóra dessa Capital os Naturalistas Viajantes do Museu Nacional, como me communicaes por officio hontem recebido, devo desde hoje considerar-me demittido por não poder mudar a minha residencia para o Rio de Janeiro. — Saude e Fraternidade — Blumenau, 5 de Junho de 1891 — Ao Snr. Conselheiro Dr. Ladisláu Netto — Dmo. Director Geral do Museu Nacional do Rio de Janeiro. — (a) Frederico Müller".

(20) "Entre os meus discipulos deste anno o melhor, de muito, é um preto de puro sangue africano; comprehende facilmente e tem tal ancia de aprender qual aqui nunca encontrei e que é raro mesmo no vosso clima fresco. Este preto representa para mim mais um reforço da minha velha opinião contrária ao ponto de vista dominante que vê no negro um ramo por toda parte inferior e incapaz de desenvolvimento racional por suas proprias forças; quando em apoio disto se allega que no seu habitaculo não attingiu nenhum grau elevado de civilização e por isso se deve de ter como incapaz della, esquece-se que ha dois mil annos poderiam Gregos e Romanos ter dito o mesmo dos nossos antepassados. Si Burmeister não encontrou nenhum interesse mais elevado no seu trato com os negros, tambem elle não teria sido mais feliz com os jornaleiros da Pommerania e do Mecklemburgo. Conheço, entre pretos, uma quantidade de physionomias nobres e expressivas como difficilmente se encontraria entre caucasianos vivendo em situação social igualmente deprimida, e si essa situação em geral condiciona uma grande imperfeição moral observei, comtudo, com frequencia, bastantes vestigios indiscutiveis de um sentimento profundo e delicado. Deve-se levar em conta a geral reluctancia que tem o africano de nascimento em tratar com os brancos á respeito de sua patria. A' perguntas a ella referentes sempre obtive respostas evasivas. Que elles se esqueçam sua patria rapidamente e se sintam melhor aqui, como affirma Burmeister, não parece ser caso geral; ha coisa de um par de annos em Bahia, um grupo que se libertára com as suas proprias economias, voltou para a Afri-

ca e eu mesmo vi uma vez a alegria de uma velha negra taciturna á simples vista de um fructo de palmeira Africana, que um amigo lhe trouxera. Sabido é que os filhos de brancos e mulatos ás mais das vezes se caracterisam por suas aptidões intellectuaes emquanto que as suas frequentes falhas moraes em geral se explicam pela sua situação social". (Carta de Fritz Müller ao Prof. Hermann Müller, em Lippstad — Desterro, 30 de Maio de 1860) — Obras Completas — 2.º vol. pag. 19, Iena — 1921.

O discipulo negro de Fritz Müller era Cruz e Souza, segundo informação de Victor Konder. No entanto o poeta Cruz e Souza nasceu no Desteiro em 1863, conforme observa Ernani Lopes.

CAPITULO II

TEM um encanto singular a vida scientifica de Frei Leandro. Elle não ganhou renome por arrojadas explorações que tanto lustre deram a certos botanicos do tempo. Não foi viajante cheio de requintes, como Alexandre Rodrigues Ferreira que, a cada passo das suas extensas e perigosas caminhadas, revelava as preoccupações philosophicas que o levaram a estudar meticulosamente a choreographia dos indios, como elemento sociologico de alta valia. Tambem não foi autor de grandes e imponentes volumes, em que a vida das plantas estivesse delineada, com as minucias que della sabia tirar Silva Manso ou Arruda Camara. Frei Leandro foi o sabio amigo das arvores. Seu nome, nós não o devemos buscar nas bibliothecas; seria inutil. Nos grandes parques, que são a maravilha da minha cidade; nos troncos enrugados do Passeio Publico; nas frondes das jaqueiras do Jardim Botanico — algo ha de existir, ainda hoje, do grande carmelita, seja apenas a lembrança ou a saudade. Se as arvores recordam? Quem sabe? Böse, um biologo hindú, o affirma, e outros o confirmam que as arvores têm coração, como já o tinha advinhado o sentido apuradissimo dos poetas. E, talvez, nervos tambem. Quem ousaria dizer que as do Passeio Publico já esqueceram o seu grande amigo? Elle assim viveu encantado no meio das plantas. Numa terra em que cada homem tem destruido, pelo menos, um alqueire de floresta, em que cada patricio tem, por systema, ou só por alegria, queimado os bosques sem piedade, Frei Leandro deu o exem-

plo magnifico, que ás crianças devia ser apontado: Viveu plantando.

A sua obra de botanico apenas suscita uma recordação. Como trabalho de sciencia, o que delle ficou é inegavelmente muito pouco. Esse mesmo, conforme o seu illustre biographo ha tanto tempo indicou, falho e até, ás vezes, errado. O que sustenta o seu grande nome, o que explica e justifica a sua glorificação, foi o seu inexhaurivel carinho, pela vida das arvores, o seu admiravel talento de mestre, professor popular de botanica, sem igual neste paiz.

Estas são as faces mais impressionantes da sua existencia, que mereceu um valioso estudo de outro notavel mestre que eu tive a ventura de conhecer no tempo da minha adolescencia — José de Saldanha da Gama, figura de relevo no Instituto Historico, onde, em 1870, recordou com rara autoridade a biographia e os trabalhos de Frei Leandro. No entanto Saldanha da Gama tratou mais do que, na vida do Carmelita, menos impressão me faz. E não demorou bastante no que ella tem de proprio e commovente; o seu desvelo pelas nossas boas amigas de sempre.

Barbosa Rodrigues, que muito depois o exaltou de maneira particular, mais se interessou por esse lado da sua bella e simples existencia.

***

O sabio carmelita era de Pernambuco, nascido, no Recife, em dia que ninguem até hoje conseguiu precisar do anno de 1778. Era filho de Jorge Ferreira da Silva e de Thereza de Jesus. Na simplicidade santa do nome de sua mãe, bem se advinha o ambiente religioso em que se educou, preparando os seus futuros dias conventuaes. Sempre foi de má saúde. Descreveram-no,

os que o conheceram, como sendo alto, muito magro, cabellos negros e pelle trigueira, olhos pequenos e brilhantes. Aos vinte annos, 5 de Maio de 1798, recebeu Frei Leandro do Sacramento em Pernambuco, o habito dos carmelitas. Terminados os seus estudos canonicos, seguiu o frade para Coimbra, com a permissão de frequentar a Universidade.

Que lhe podia dar o Brasil, ao espirito curioso de saber, além do que já tinha no seu convento aprendido? Em Coimbra, segundo uma nota que se encontra no primeiro volume da "Flora Brasiliense" — foi alumno de Felix da Silva Avellar Brotero, o que tem a sua estatua no Jardim Botanico da Universidade, autor da Phytographia Lusitaneae, ousado simplificador do systema natural de Linneu, mestre de larga fama, e por signal tio do jurista José Maria de Avellar Brotero, lente da faculdade de S. Paulo, de quem meu avô João Roquette Carneiro de Mendonça, algumas facecias nos contava do tempo em que ali fôra seu alumno, por volta de 1860, companheiro de Rangel Pestana quando redigiam o jornaleco republicano — "Timbira".

Em 1806 Frei Leandro defendia these e concluia o curso de philosophia, no qual, como em todas as universidades dignas do nome, tinham e têm relevo as sciencias naturaes.

Voltando á patria não veiu logo ao Rio de Janeiro, como parece affirmar Saldanha da Gama. Porque, em 1808, achamos o seu nome subscrevendo a memoria sobre as *nitreiras naturaes ou artificiaes*, trabalho escripto no dizer de Sacramento Blake por incumbencia da Junta do Governo de Pernambuco e enviada ao ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, a 22 de Abril de 1808, talvez o primeiro documento scientifico recebido na Côrte do Rio, onde D. João chegára a 7 de Março.

E' certo, porem, que pouco depois Frei Leandro tomou conta da sua cathedra na Academia Medico-Cirurgica, na qualidade de lente de botanica, onde o encontramos, á vista dos documentos conseguidos por Saldanha da Gama, desde 1815. Documentos preciosos, unicos que se salvaram no incendio da Faculdade de Medicina, no tempo em que funccionou no morro do Castello.

O curso official de botanica e agricultura dirigido pelo padre-mestre, começava em Março e os exames eram realizados em Dezembro, como se vê dos papeis transcriptos por Saldanha da Gama.

Um delles menciona os discipulos do sabio carmelita.

"No dia treze de Março do anno de mil oitocentos e quinze deu principio a aula de agricultura e botanica, sendo lente Frei Leandro do Sacramento, e alumnos os que vão abaixo mencionados, e para constar passei este termo da minha letra e signal. Rio de Janeiro, 13 de Março de 1815. — *Fr. Leandro do Sacramento*".

Eram alumnos *ordinarios:* Flavio Joaquim Alves, José Joaquim da Silva, Luiz Pereira da Rosa, Emilio Manoel Moreira, Domingos Ribeiro G. Peixoto, Antonio Ildefonso Gomes. Eram *voluntarios*, ouvintes, como se diz em nosso tempo: Estevam Alves de Magalhães, Antonio Americo de Azevedo, José Bernardino de Senna, José Maria do Carmo, D. Francisco de Almeida e o Visconde de Barbacena.

O outro, dos seis documentos assignados por Frei Leandro, e encontrados por Saldanha da Gama, é uma acta de exames:

"No dia tres de Dezembro do anno de mil oitocentos e quinze, tiraram ponto Antonio Ildefonso Gomes para os seus exames do dia seguinte, e sahiu-lhes por sorte — Plantação d' arvores floresteiras, sua conservação, córte de madeiras, influencia dos bosques, tanto

na economia animal como na vegetal: em agricultura. Em botanica: classes triandria, tetrandria, e gynandria. De que passei este termo para em todo o tempo constar da minha letra em que me assignei. Frei Leandro do Sacramento, lente".

O ponto era vastissimo; em compensação foi sorteado de vespera... e a prova começou ás oito horas da manhã. Na linguagem dos botanicos de hoje estariam obrigados os rapazes a tratar das *gramineas, cyperaceas, iridaceas, dipsaceas, cruciferas* e *orchidaceas.*

Os dois alumnos eram, porem, estudantes de pôlpa; e foram ambos approvados, diz-nos o frade, com distincção, ou na lingua da epoca: *Nemine discrepante*"

O nome do Visconde de Barbacena, citado na lista dos alumnos voluntarios de Frei Leandro, confirma a tradicção segundo a qual o prestigio das lições do frade — era retumbante. E tambem justifica o juizo que os contemporaneos fizeram do Marquez Felisberto Caldeira Brant Pontes, militar amigo das sciencias, introductor da vaccina jeneriana no Brasil. Porque é bem de ver que só a conselho do Marechal deve ter ido seu filho — o Visconde de Barbacena, acompanhar as lições de botanica. O Visconde nasceu na Bahia, em 1802. Teria assim, em 1815 treze annos, bem pouca edade para um curso de agricultura e botanica do quilate daquelle, cujo programma, em parte, se advinha pela extensão do ponto de exame acima referido. E por ser tão jovem, era ouvinte. No emtanto, ao que li algures, só recebeu de facto o titulo de Visconde em 1830, por graça de Pedro I.

Eu o conheci já centenario, em 1905, cara raspada, de collarinho muito alto, sempre de preto, aprumando a sua velhice nos bondes em que a sua presença era notada. Não havia, no Rio, ha uns vinte e cinco annos quem não conhecesse o Visconde centenario que apos-

tava com o nosso amigo Dr. Catta Preta quem sabia envelhecer com mais donaire e mais linha.

Alem do curso da Academia-Medico Cirurgica, Frei Leandro mantinha a sua aula popular de botanica, no Passeio Publico. Ali, ao que parece, era o seu auditorio constituido pelo que de melhor havia entre os intellectuaes da côrte.

Naquelle tufo de verdura, que é uma alegria e um pequeno parque de historia simples, que inspirou a Macedo uma lenda de poesia commovente, nasceu o ensino das sciencias naturaes em nossa terra. A glorificação de Frei Leandro deve ser ligada a essa ephemeride brilhantissima, cujo alcance a cultura dos nossos tempos bem avalia, porque o povo já não considera os seus guerreiros como sendo os unicos cidadãos de benemerencia historica, comprehende que não são menores as glorias da sciencia e da arte.

O carmelita teve um companheiro na iniciativa ; foi um franciscano eminente, o primeiro director do Museu Nacional, Frei José da Costa Azevedo. Frei Leandro do Sacramento, na Academia Medico Cirurgica e no Passeio Publico ; Frei José da Costa Azevedo na Academia Militar e no Museu Nacional ; o carmelita ensinando, principalmente, botanica ; o franciscano, mineralogia — foram os dois grandes mestres da feliz missão. Antes de Frei Leandro do Sacramento e de Frei José da Costa Azevedo, escreveu Saldanha da Gama, nenhum brasileiro alcançou a gloria de assumir a posição de professor de botanica na cidade do Rio de Janeiro. Nem o proprio Frei Velloso, que deixou trabalhos como naturalista, sem duvida muito maiores.

Frei Leandro, alem do mais, era mestre de raras prendas. Illustrava todas as suas lições com o material que o Passeio Publico lhe offerecia e tinha uma natural eloquencia simples e persuasiva, empolgante e colorida. Um dos seus ouvintes, certa vez, achou-se de tal

modo transportado, ao seguir a lição do carmelita, que o mestre mesmo se surprehendeu com o arrebatamento que o seu discipulo manifestava. Esse alumno voluntario era Balthazar da Silva Lisboa, doutor em direito, jurista e historiador dos Annaes do Rio de Janeiro que, discipulo de Frei Leandro, deixou diversas memorias, algumas notaveis de sylvicultura e botanica. O Dr. Joaquim José da Silva — foi outro discipulo famoso de Frei Leandro.

As aulas do frade desdobravam-se muitas vezes, á sombra das grandes arvores do parque. Em geral, funccionavam em um pavilhão que o padre Luiz Gonçalves dos Santos — (Padre Pereréca) — descreveu como sendo "muito elegante" e junto ao Largo da Lapa construido de proposito para o curso de botanica, logo depois que Frei Leandro foi investido na direcção do Passeio, pelo Governo de D. João VI.

Esse edificio deve ter sido demolido em 1841 por occasião das reformas do Passeio Publico, que todos sabem foi construcção benemerita do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, no local da infecta Lagôa do Boqueirão da Ajuda ou Lagôa Grande, aterrada com o morro das Mangueiras, outeiro altos da Avenida Mem de Sá, junto a Santa Thereza (Morro do Desterro).

"Quem quizesse — escreveu o meu sempre lembrado e querido amigo Vieira Fazenda — quem quizesse antigamente sahir do coração da cidade em busca dos sitios do Cattete, Carioca e Botafogo, teria de caminhar pela actual rua Chile e buscar a estrada que da Ajuda — (a Cinelandia de 1929) ia para o Desterro, hoje Evaristo da Veiga. Ali, estreito trilho constituido pelo lado par da hoje rua Visconde Maranguape, ia desembocar á praia, por onde se chegava até a Gloria. Esse trajecto era forçado, pois que seria impossivel atravessar a Lagôa Grande ou do Boqueirão, no logar occupado muito depois pelo Passeio Publico".

O lindo parque surgiu de preoccupações de hygiene publica ao tempo em que o Vice-Rei Vasconcellos e Souza adoeceu da epidemia reinante, que o povo baptisou "Lamparina", corrompendo o nome da cantora Zamperini, que por volta de 1770, em Lisboa, era coqueluche de damas e senhoras ; tudo então era a "Zamperini" : vestidos, penteados, adereços.

A epidemia, como a seducção da cantora, não poupava ninguem. Donde nós outros, victimas da *Hespanhola*, concluimos que devia ser uma especie do mal que os medicos chamam *Influenza* — uma vez que, por consolo, sempre dão nomes ás doenças.

O benemerito Vice-Rei, criador do primeiro museu de historia natural no Brasil — a Casa dos Passaros ; — constructor do caes dos Mineiros — e tantas outras obras uteis entregou a planicie conquistada pelo aterro da Lagôa Grande do Boqueirão da Ajuda ao mestre Valentim da Fonseca e Silva, architecto e entalhador esculptor dos de mais fina sensibilidade que o Brasil tem possuido. Ajudaram-no Francisco dos Santos Xavier. — O *Xavier das Conchas*, artista que então compunha com os restos dos molluscos, ornatos de toda a especie e Francisco Xavier Cardoso Caldeira — o *Xavier dos Passaros* — naturalista amador, encarregado de zelar pelo museu do Vice-Rei, o mesmo artista que entreteceu de papos de tucanos o manto imperial, para o que José Bonifacio, em um documento que existe no Archivo do Museu Nacional, mandou em 1821 fossem entregues todos os tucanos menos dois, escolhendo-se os que tivessem o papo bem amarello. Diz Vieira Fazenda que no terraço do Passeio Publico construiram-se dois pavilhões : o do Apollo — decorações do Xavier das Conchas e o Mourisco, entregue á habilidade de Xavier dos Passaros. Os pavilhões não duraram muito. Parece que em 1847 e depois em 1862, outros ali se edificaram, substituidos pelos actuaes que uma inspiração

levará, sem duvida, o Sr. Prefeito a mandar arrazar dentro em breve, para alegria dos cariocas, que não se resignam a ver o Passeio Publico suffocado pelos monstros em má hora destinados a desfigurar a ramaria solemne e acolhedora (*).

O carinho dos cariocas pelo Passeio Publico nunca desmereceu. Basta ver a rica literatura que a sua historia fez repontar na penna de Mello Moraes, Macedo, Vieira Fazenda. Os naturalistas brasilianos têm mais esse motivo para bem querer ao lindo e pequeno Parque: ali nasceu, nas lições de Frei Leandro do Sacramento o ensino publico da historia natural. Hoje, que celebramos o Mestre — O Museu Nacional convida o Instituto Historico para, juntos, erguerem, um singelo monumento commemorativo da ephemeride, seja uma inscripção recordando que a sciencia merece tudo, mórmente neste paiz que só por meio della poderá vencer ás difficuldades do seu progresso. Lembraremos, então aos nossos patricios que o tempo de progredir sem ella, — já passou. Hoje, muito mais do que no passado, os povos *fortes* — são os povos que *sabem*.

A aula do Passeio Publico tão notavel na côrte, fez com que Frei Leandro fosse chamado ao Jardim Botanico. "No mez de Março de 1824, diz elle, na sua *Memoria Economica sobre a Plantação, Cultura e Preparação do Chá* — em que tomei conta da direcção do Jardim Botanico da Lagôa Rodrigo de Freitas...".

Não nos faltam, felizmente, notas e tradições a respeito da vida de Frei Leandro no Jardim da Lagôa de Socopenapan — sem nenhum motivo chamada Rodrigo de Freitas, nome de um capitalista alienigena, que em Portugal viveu os ultimos annos e lá morreu sem deixar no Brasil o menor traço progressista.

Barbosa Rodrigues condensou, em algumas obras, o que ha de notavel sobre a actividade do frade carmeli-

---

(*) Demolido... (1938)

ta naquelle horto. Não tenho nada mais a fazer do que resumir e commentar o que elle, autorizadamente, sobre isso nos deixou escripto.

Frei Leandro dirigiu o Jardim Botanico durante cinco annos. Recebeu um parque de diversões ; deixou um horto scientifico, que cada dia, desde então vê augmentar a sua belleza e o seu prestigio.

A lagôa, em cuja margem se construiu o jardim, era chamada pelos Tamoyos, *Socopenapan* — o caminho das garças (socó). (Th. Sampaio) ou como quer Barbosa Rodrigues *Sapopen-ipau* — Lagôa das raizes chatas. Penso, como Theodoro Sampaio : e muito desejaria ver nos mappas da minha cidade, restaurado o nome tupi ou mesmo traduzido : Lagôa das Garças, nome evocativo, por todos os motivos preferivel ao inexpressivo patronymico do felizardo capitalista, que adquiriu em 1660 de Alberto Fagundes Varella, o engenho de canna ali fundado em 1596 por Diogo de Amorim Soares, em terras pertencentes á Camara Municipal.

Em 1808, já era fallecido Rodrigo de Freitas. A 13 de Maio desse anno o Principe Regente festejou o seu dia natalicio criando uma fabrica de polvora, a mesma que ora funcciona junto á Raiz da Serra da Estrella e foi então installada no engenho da Lagôa de Socópenapan, desapropriado por cerca de 42 contos de réis. Foi nomeado inspector de artilharia o Brigadeiro Naplon. Nada de mais, era uma fabrica de polvora. Mas a administração geral foi entregue... a um philosopho, o Marquez de Maricá. Mezes depois, a 11 de Outubro, era criado, annexo á fabrica de polvora, um Real Horto para cultura de especiarias da India.

Deu-se por esse tempo, um facto cheio de consequencias para o desenvolvimento do Horto.

O chefe de divisão Luiz de Abreu Vieira e Silva, naufrago da fragata *Princeza do Brasil*, em mares de

Gôa, tentando ganhar o cabo da Boa Esperança, cahiu prisioneiro dos francezes que o mandaram para a ilha de França.

Fugindo da ilha, em companhia de outros patricios, Abreu trouxe uma collecção de mudas que offereceu ao soberano e foram plantadas no Real Horto, de onde se espalharam por todo o Brasil : o abacateiro (persea sp.), o sagú (cycas sp.) a fructa pão (artocarpus sp.) o cajá — (spondias sp.) e a Palmeira Real (Oreodoxa sp).

Luiz de Abreu tinha a paixão da agricultura. E' sua iniciativa a plantação do chá no Rio de Janeiro, obtendo que de Macáu lhe mandasse algumas sementes o seu amigo Raphael Bottado de Almeida, que as remetteu a bordo do brigue *Vulcano*, ao mando do capitão Tenente Joaquim Epiphanio de Vasconcellos, segundo as notas publicadas por Barbosa Rodrigues.

Tão viçosas cresceram as plantas do chá que D. João, em 1814, resolveu promover a vinda de uma colonia de chins, dona dos segredos de bem preparar as folhas.

Saint' Hilaire que, alem do que nos deixou como naturalista, traçou paginas valiosissimas como historiador do Brasil-Reino e cujo nome hei de citar aqui muitas vezes, encontrou em 1818, perto de Araruama, no Estado do Rio, remanescentes da colonia chineza.

Frei Leandro, ao tomar conta do Jardim Botanico em 1824, só encontrou o "china mestre do chá". A cultura tinha decahido. Dos tres massiços plantados, só um estava em boas condições. Reergueu o cultivo da planta valiosa e aprendeu por si o que era preciso para beneficiar as folhas visto que "o china de facto não era capaz de publicar as idéas que sabia executar na pratica...".

Saldanha da Gama criticou profundamente a "Memoria sobre o chá".

Logo no começo Frei Leandro errou de certo classificando a planta — *Thea viridis* na familia das Euphorbiaceas, de Jussieu. No emtanto, não sei se a culpa cabe mais ao carmelita do que aos botanicos porque elles, já naquelle tempo promoviam intermina contradansa na collocação das especies. Certo é, como diz Saldanha da Gama, que o primeiro a se espantar da collocação da especie entre as euphorbiaceas seria, hoje, o proprio Frei Leandro, vendo que o chá é actualmente uma *theacea* ou uma *gordoniea* tribu da familia das *termstremiaceas*, na "Flora Brasiliense".

Outra falha, apontada na monographia de Frei Leandro, foi o nome latino que na taxonomia scientifica devia caber á especie que descreveu.

Aqui, porem, não me parece tenha sido muito justo Saldanha da Gama. O frade escreveu a sua memoria por ordem do Governo, para divulgar entre agricultores os cuidados e os conselhos relativos ao plantio e ao preparo do chá. O folheto destinava-se a acompanhar as sementes enviadas ás provincias. *Cha*, portanto, parece-me bastante. Tanto mais quanto, ao contrario do que seria para desejar, o nome vulgar, está provado, conserva muitas vezes, mais fixidez do que o scientifico, que os sabios relegam a cada momento para as interminaveis *synonimias* de que estão recheadas as *floras e as faunas*. O bicho do pé, em 1758, era *Pulex penetrans* de Linneu; em 1815, passou a ser *Rynchoprion* de Oken; mas em 1843 mudou de nome outra vez: foi *Dermatobius* de Guerin. E o *mosquito rajado* que no tempo de Oswaldo Cruz era *Stegomia* é hoje chamado *Aedes*? A poaia (ipecacuanha) em menos de cem annos mudou de nome umas quato vezes: *Cephaelis* (Richard), *Callicoca* (Brotero); *Psychotria* (Velloso); *Uragoga* (Baillon).

Saldanha da Gama não se esqueceu de apontar nenhum dos senões da monographia: recorda que Frei

Leandro errou acreditando que a planta só se cultiva por sementes, quando o enxerto dos ramos, no tronco das camelias, é pratica usual no Oriente, que o frade se esqueceu de mencionar as plantas aromaticas (magnolia, Vulan Oleo flagrans), camelia sazangua que os chinezes ajuntam ao chá para tornal-o delicioso e perfumado.

E quem sabe si não é por deficiencia tão simples, que o chá do Brasil, apezar de tão bem iniciada a sua industria, nunca poude vencer definitivamente. No entanto, ha quem prosiga na velha iniciativa. Ha uns dois annos eu mesmo tive opportunidade de receber a delicada offerta de um pouco de chá cultivado e vendido em Ouro-Preto — *O chá do Thesoureiro.* Quando Frei Leandro chegou á direcção do Jardim Botanico, criado annexo ao Museu a 11 de Maio de 1819, D. João já estava ha muito em Portugal. Mas o carinho do Principe Regente e do Rei pelo Jardim torna obrigatorio recordal-o quando se trata de evocar o scenario da dedicada actividade do carmelita.

Vieira Fazenda traçou, em uma das suas interessantes chronicas da "A Noticia", hoje felizmente reunidas na Revista do Instituto, o caminho que D. João seguia para ir da cidade ao Jardim. Pela praia de Botafogo ao longo da antiga bahia de Francisco Velho, chegava ao *caminho do Pasmão* (rua da Passagem) e ganhava a rua Berquó (rua General Polydoro). D' ahi seguia-se até o *caminho de S. Clemente*, na aba da montanha, que conduzia á Lagôa. Vinha, outróra a Lagôa até bem proximo dos morros

Nesse trecho, reza a chronica, existia, dominando com a sombra o caminho antigo, um enorme pedrouço, que parecia a cada momento dever esmagar os transeuntes. D. João ali, deixava a sége e passava a sua preciosa pessoa para uma canôa, transpondo assim o trecho

que julgava perigoso. Do outro lado, retomava o carro que o conduzia ao horto.

Ahi, em 1809, o principe plantou a *palmeira real*, trazida pelo chefe de divisão Abreu, da ilha de França, conforme foi dito. Só muito depois da morte de Frei Leandro, fructificou pela primeira vez a palmeira real, quando governava Pedro I e dirigia o jardim Serpa Brandão, aulico cioso daquella preciosidade, que, para impedir a disseminação da especie pelos jardins publicos, mandava recolher e queimar, cuidadosamente, todos os fructos.

No emtanto a *palmeira real* espalhou-se. Os escravos do jardim sabiam furtar á noite, em tempo habil, as sementes que vendiam a 100 réis cada exemplar. Esta nossa *palmeira real* ou *palmeira imperial* não é todavia, a *palmeira real dos botanicos* (Oreodoxa regia). E', conforme mostrou Barbosa Rodrigues a *Oreodoxa oleracea*, de Martius, ou *Areca oleracea* de Linneu. Aliás, são especies muito proximas. A *oleracea* é mais alta, delgada e regular ; a *regia* é um tanto ventricosa ou levemente barriguda.

Sobre um comoro construido por Frei Leandro com a terra que se retirou do lugar em que hoje existe o lago por elle iniciado, Barbosa Rodrigues ergueu o monumento do carmelita. Os restos do sabio, quando elle morreu, a 1 de Julho de 1829, foram levados ao convento do Carmo. Fui visital-os ha poucos dias. Mas, no convento só existe de Frei Leandro a memoria. Uma pedra lisa sobre o ossuario dos Carmelitas. Não é possivel saber quem ali repousa. Dormem todos na quietude de um grande somno anonymo.

As obras de Frei Leandro do Sacramento, no que se conhece, são as seguintes :

1 — These — Coimbra 1805.

2 — Memoria sobre as nitreiras naturaes ou artificiaes deste paiz.

Escripta por incumbencia da Junta do Governo de Pernambuco em 1808 e mandada ao ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho a 22 de Abril de 1808.

3 — Aguas mineraes de Araxá, no Brasil — Carta ao Conde da Barca in "Correio Brasiliense", tomo 19, 1817 pag. 524.

4 — Instrucções para os viajantes e empregados nas colonias, sobre a maneira de colher, conservar e remetter objectos de historia natural, augmentadas de algumas reflexões sobre a historia natural do Brasil e estabelecimento do Museu e Jardim Botanico em a Côrte do Rio, 1819.

5 — Memoria economica sobre a plantação do chá, Rio. 1825.

6 — Memorias sobre as balanophoraceas. (perdida).

7 — Compendio de botanica (inedito, perdido).

Numerosas monographias enviadas a publicações européas.

Em taes memorias Frei Leandro descreveu as plantas que lhe pareciam novas para a sciencia. Não é possivel reprimir um movimento de dolorosa emoção recordando, nesta hora, que por insufficiencia do meio patrio a grande vida de trabalho scientifico do mestre foi iniquamente sacrificada. Basta lembrar que dos nove generos novos, por elle descriptos e nomeados, oito cahiram em synonimia. Frei Leandro, no Brasil, no começo do século, era um desamparado. Sciencia, e da melhor, elle a possuia, mas instrumentos de trabalho? Livros? Como poder o sabio controlar as descobertas que realizava?

Como Anchieta, por falta do necessario, elle parecia escrever na areia os segredos das plantas da sua terra que o olhar amestrado encontrava.

Veiu muito cedo, numa terra ainda semi-barbara, o discipulo de Brotero. Por isso perdeu a maior parte do que conseguiu colher.

O seu primeiro genero *Funifera* — ainda subsiste na familia das *Thymeleaceas*. O typo é a *embira branca, Funifera utilis*, de Leandro, do Rio de Janeiro.

Já o segundo, *Augusta*, onde elle descreveu a *Augusta Chrysanta* as lindas flores rubras do "brinco de macaco" — foi posto na synonimia do genero *Stiftia*, de Mikan.

Spixia — foi outro genero creado por Frei Leandro, nas Euphorbiaceas. Martius o aceitou e consagrou a especie typo ao carmelita, sob o nome *Spixia Leandri*, Mart.

O genero, porem, mais tarde, cahiu. E' hoje o genero *Pera*, de Mutis. Foi tambem genero de Frei Leandro o *Gymnarrea*, ainda nas Euphorbiaceas. Passou a secção do genero *Actinostemon* de Martius, onde Saldanha da Gama descreveu a "canella de veado", da Parahyba do Sul (Actinostemon lanceolatum, Sadl.).

Tambem o genero Langsdorffia, de Leandro, nas Rutaceas, foi depois incluido no *Xanthotoxilum*, de Saint' Hilaire.

Uma das mais pungentes decepções do sabio carmelita deve ter sido o que lhe aconteceu a proposito das *balanophoraceas*, parasitas das raizes das grandes arvores das mattas, umas comestiveis (*ombrophyto* do Perú), outras tinctoriaes ou medicinaes (Cynomorium coccineum) e ainda outras caracterizadas pelo cheiro repellente que exahlam (Sarcophytum).

Uma especie nova do Brasil, achou Frei Leandro, que a denominou Lathreophila. Era planta já des-

cripta nas Memorias do Museu de Historia Nacional, de Paris, no genero *Helosis* de Richard.

Nem mesmo aquellas Memorias, em uma terra em que só se lia o que era de origem franceza, tinha o sabio ao seu alcance!

Os generos *Raddisia* e *Martia* de Frei Leandro tiveram o mesmo fim. No entanto, todos os botanicos do Mundo applaudiram todas as homenagens que na Italia o celebre Raddi lhe prestou, fundando, em sua honra, o genero *Leandra* — homenagem merecida pela existencia de trabalho honesto do grande naturalita — o sabio desamparado.

Era, alem de tudo, uma especie de reparação de muitas ingratidões que dos seus collegas de alem mar havia soffrido.

Saint' Hilaire, homem justo, nosso amigo, mas que não sabia dizer as coisas senão com linguagem clara e franca, falla assim de Frei Leandro: "J'avais le plaisir de m' entretenir souvent de mes études favorites avec mon ami le Pére Leandro do Sacramento...

Le P. Leandro do Sacramento, professeur de botanique, directeur du jardin des plantes du Rio de Janeiro, cultivait avec succès la science qu' il était chargé d' enseigner et possedait encore des connaissances en chimie et zoologie. On lui doit l' analyse das eaux minérales d'Araxá, des observations botaniques imprimées dans le recueil des Memoires de l' Académie de Munich et un mémoire sur les *Archimmedées* ou *Balanophorées* qui, je l' espère, sera bientôt publié. C' était un homme de moeurs douces, d' un commerce facile, plein de candeur et d' amabilité. Il accueillait les étrangers avec bienveillance, et, il faut le dire, l' on ne fut pas toujours reconnaissant envers lui. Pour justifier les reproches qu' ils font quelquefois aux habitants de l'Europe, les brésiliens pourraient citer la manière dont fut traité le P. Leandro. Il avait fait part de ses

collections á nos navigateurs ; il avait envoyé des plantes seches au Museum de Paris ; expedié pour le gouvernement français six caisses de plantes vivantes á la colonie de Cayenne, et ce fut en vain que, pendant longtemps, le consul de France á Rio de Janeiro, et moi, nous sollicitames une simple lettre de remerciment de deux de nos administrations".

"Comme si l'on eut voulu faire disparaitre jusqu' au souvenir de cet homme recommandable, on a détruit un genre qu'il avait formé dans l' un de ses mémoires ; pour expliquer cette suppression on a dit, il est vrai, que le genre existait dejá en manuscript, mais nous ne devions jamais perdre de vue cette régle si sage établie par M. de Candolle dans son admirable *Théorie élementaire*, savoir que pour l' antériorité, il ne faut point tenir compte des travaux inedits".

Que valem as injustiças e a inveja interesseiras? A voz de Saint' Hilaire — do meigo Saint' Hilaire, nós a recolhemos hoje, no centenario da morte do grande compatriota, e ella se amplia no éco dos corações, revivendo a santa existencia, na admiração e no carinho da posteridade, que póde ser demorada mas não falha nunca.

Tambem outro, grande naturalista do tempo, o Barão W. L. von Eschwege, deixou-nos boas lembranças de Frei Leandro. No seu *Pluto Brasiliense*, (Berlin, 1833) descreve as fontes mineraes (bebedores) que em 1816 visitou nos sertões de Araxá, perto da Serra dos Agudos e da Fazenda do Salitre.

Narra Eschwege ter evaporado, em um caldeirão, cincoenta libras de agua do Salitre, recolhendo acima de meia libra de saes, que foram enviadas ao "seu amigo" — o frade Leandro do Sacramento. O relatorio da analyse, feito por Frei Leandro e transcripto por Es-

chwege é um modelo do protocolo scientifico, para os conhecimentos da época e os recursos existentes na Côrte.

Acredito que os estudiosos acharão certo interesse em saber como se fazia analyse de uma agua, no Rio de Janeiro, em 1815. As notas do Frade, que Eschwege traduziu para o allenão, dizem em resumo que achou na Agua do Salitre (nitrato de potassio) alcali vegetal nitrico (carbonato de potassio) alcali vegetal carbonico e um alcali vegetal sulfurico (sulfureto de potassio).

* * *

Ha no Jardim Botanico uma grande arvore triste que as outras devem invejar : a jaqueira de Frei Leandro.

Ali o sabio frade, já nos deliquios que as hemoptises provocavam, animava os escravos do jardim ao trabalho :

"Como formigas, minha gente ! Como formigas..." dizia elle na sua voz sempre mansa. Hymno ao trabalho, entoado de maneira tão simples e tão suggestiva, que os moços devem conhecer. Não ha para os instantes de inercia moral, para os momentos tristes, outro remedio melhor que o trabalho. Tudo, ás vezes, nessa hora, são trévas e desalento. Mas quando a confiança parece fugir e o animo se desconjunta, basta que a gente mergulhe depressa numa tarefa qualquer, em que haja um laivo de idealismo, para que o vigor moral se retempere e de novo reponte, na alma do que se esforça. Na sombra da grande arvore, ha um seculo, surgia assim o singelo conselho inestimavel.

A existencia de Frei Leandro foi a tragedia usual na vida dos naturalistas : o desamparo, a hostilidade, a indifferença ou a ingratidão. O escarneo dos que julgam a sciencia uma especie de vadiação felizarda e gozadora, quando não descabellada maluquice.

Mas, felizmente, tem sobrevivido a lembrança e a tradição daquelles mestres, ainda quando muito da sua obra se haja perdido. Cem annos faz que o nosso primeiro professor de historia natural desappareceu.

Num seculo, que é tempo bem curto na vida dos povos, nós conseguimos algo realizar, no caminho da cultura scientifica. Os sabios que vêm de ultra-mar, e todos os mezes os recebemos, já não desdenham dos successores de Frei Leandro, nem os *ineditos* europeus prevalecem correntemente contra os estudos feitos no paiz. O que se tem publicado, nestes quarenta annos de vida republicana, é já uma imponente literatura scientifica. O mappa do Brasil já quasi não tem os claros antigos pelo esforço dos proprios brasileiros. Odeio o optimismo dos rhetoricos; mas no balanço imparcial das realizações da minha gente busco forças para caminhar.

Mas, vivemos aqui, é certo, ainda muito sós, os que trabalham na sciencia. Faltam-nos ainda bibliothecas e outros meios de estudo que são hoje quasi prohibidos aos povos que têm pouco dinheiro. A publicação dos resultados da actividade dos pesquizadores é ainda morosa e falha, no Brasil. Hoje não se admitte a falta de documentos graphicos em sciencias naturaes. E elles precisam ser fieis e por isso são caros. Não temos sufficiente independencia no trabalho, porque as leis fiscaes governam os creditos concedidos ás casas de pesquiza technica, como se fossem instituições puramente administrativas e todos sabem, no emtanto, que a indagação e as observações scientificas não podem ter hora certa, nem logar fixo... mas vamos, mesmo assim, seguindo com sinceridade o conselho immortal do carmelita. E, ainda que a luminosa tradição se esvanecesse, ainda quando não restasse mais éco daquelle desprendimento dos nossos velhos mestres — ahi presente estará sempre o renovado prestigio da

terra, para arrastar outros tantos, em qualquer condição e em todos os tempos.

Vejo uma lição de belleza immortal na vida humilde de Frei Leandro.

É o drama perenne dos que a Natureza attrahe, prende, encanta, deslumbra — para depois abater e esmagar, como se ella quizesse que os seus amigos tivessem, no Brasil, a sorte das arvores que morrem sem ninguem saber, desfeitas no meio-silencio tumultuario dos capoeirões, nutrindo outras que repontam sempre, no triste pó das que se foram.

CAPITULO III

NINGUEM, no Brasil, até hoje, pensou com mais clareza e mais profundamente, sobre os nossos grandes problemas, do que Alberto Torres. E ninguem soube, como elle, explicar a nação a si mesma. Suas paginas são diaphanas e coloridas. A phrase é sempre forte, porque é constantemente sincera. Seus ornatos são ideias.

Uma orientação pessoal, nova e segura, domina o espirito sociologico que elle applicou ao estudo do Brasil. Para Alberto Torres o grande problema nosso era unicamente a *organisação*. O grande sociologo sabia que a *raça* não póde servir de base á *nação*. A nacionalidade é obra de construcção social. As sociedades sem espirito nacional, são como os hoteis ou as estradas de ferro "onde se encontram e cruzam-se, em movimento febril, milhares de individuos, camadas e gerações, sem nenhuma consciencia do interesse commum. Taes sociedades, accrescenta Alberto Torres, não deixam, em pós si, senão riquezas mortas e monumentos mais mortos ainda ; obras frias de uma historia que não anima o espirito de um ideal".

Todas as constituições brasileiras carecem de base propria. "Vivemos de ensaios e reformas" exclama. A devastação cyclopica das mattas, a delapidação inconsciente de reservas naturaes, preparou, no passado, as vicissitudes do presente, synthetisada na falta de uma *economia*.

Os periodos de Alberto Torres são, nessa altura, formidaveis: "A nacionalidade é a vida de um povo, feita pelo calor e pela energia de um *espirito*, sobre a saúde de uma *economia*. "Nós temos de fundar a *economia* da nossa Patria, fazendo revelar o *espirito* das suas raças, sobre a natureza tropical".

E' difficil encontrar quem defina melhor o conceito nacionalista de um paiz. E' inutil procurar na literatura brasileira pensamento mais claro e profundo a respeito do que nos está faltando. Os individuos, as classes, os grupos conseguem enriquecer; nem por isso a nação enriquece, por falta do elemento essencial acima apontado.

"O nosso problema não é um problema de moralidade pessoal: os abusos apontados em nossa vida publica, nada valem quasi, por muitos e grandes que sejam, em face das perdas colossaes que soffremos com a nossa inadvertida politica, ou, melhor, com a nossa inteira falta de politica".

Ha pois, no Brasil, pelo conceito de Alberto Torres, só uma falha essencial e essa é a defficiencia collectiva, mas não ligada á raça ou mesmo ás caracteristicas moraes do povo.

A raça viril que desbravou o paiz, diz o Mestre, achou-se num conflicto entre as ideas decadentes que ia recebendo dos seus maiores e os impulsos de uma terra e de uma gente que tendiam ao progresso. Partiu talvez d' ahi o grande mal; foi essa a causa da desorganisação.

"O influxo, escreveu elle, que animou a vida mental do Brasil nasceu da calmaria das instituições, das leis e dos costumes de Portugal em declinio com intermittencias de rajadas revolucionarias, de aragens romanticas e de bafejos scepticos"...

E o grande pensador accentuou nessa passagem as feições do nosso conflicto moral: "Ao convite do tra-

balho que a natureza nos dirigia e ao brado de animação e de coragem, que ella clamava, nós respondemos, installando, no grandioso e no intermino da nossa superficie a civilisação em miniatura das instituições portuguezas e a voluptuosidade preguiçosa, ou a rebeldia exaltada, das letras francezas em estado de ebulição de reforma e de duvida. Comprehende-se, assim, que os Nietzsche, os Vacher de Lapouge e os Gobineau fossem pontifices entre nós".

Em vão procura-se em nossa bibliographia conceitos mais exactos e mais luminosos sobre as normas do progresso brasileiro. E' como si Alberto Torres subisse a uma altura excelsa e de lá gritasse ás gerações: A patria reclama que se olhe para ella! Antes de nada mais contemplem a terra e mergulhem na sua natureza para tomar conta do que lhes deve pertencer!

O povo brasileiro não é de facto dono da sua terra. Senhoream-na muitos brasileiros e alguns estrangeiros; o povo, não.

Este só poderá vir a ter o seu quinhão, quando houver, aqui, organisação dos valores. Essa depende dos estadistas, mas repousará nas forças vivas das nossas raças.

Alberto Torres, pela sua vida e pelos seus escriptos, dá-nos a impressão singular de ter sido até agora o unico sociologo efficiente porque fallou certo e claro, que a cultura scientifica produziu no Brasil: um homem que se aposentou de todos os postos sociaes occupados para estudar a sua gente, verificando, objectivamente, o que ella vale e o que póde dar e encontrando formulas superiores para indicar-lhe o caminho que leva á formação de uma nacionalidade definida e forte.

CAPITULO IV

HA justamente trinta annos...

Alvaro Ozorio de Almeida — que foi, desde o começo, um leader do nosso curso de medicina, fez o preconicio das aulas de Morize, na Polytechnica e como em Santa Luzia as lições de physica eram só theoricas, e raras experiencias chegavam ao fim decentemente uns tantos condiscipulos do Alvaro rumaram para o amphitheatro do Largo de S. Francisco acompanhar o curso de Morize. Eramos uma meia duzia de *morticolas*, perdidos entre os *anexins*, nome que, naquella escola, davam aos calouros, os veteranos: Ozorio, Carlos Guinle, Mauricio Gudin, Oscar Pinto de Carvalho, Tito Barbosa de Araujo.

Muito alto, magro, olhar vivo e meigo: Morize. Palavra facil, muita clareza, frequentes laivos de humorismo delicado, pronuncia francamente paulista. Dedicação e enthusiasmo. O gesto, as figuras eschematicas, os calculos no quadro negro, as demonstrações praticas, numerosas e limpas, novidades da sciencia em que os compendios ainda não falavam, excitando a curiosidade dos rapazes e subjugando a attenção de todos... Era assim aquelle mestre, bom e sábio, que attrahia para o seu curso alumnos de outra escola.

Henrique Morize nasceu em Beaune (Cote d' Or) — França a 31 de Dezembro de 1861.

Chegou ao Brasil aos quatorze annos, acompanhando sua tia Mme. Henry, que foi mais tarde proprietaria de uma grande e conhecida casa commercial do Rio de Janeiro.

Pobre, era preciso que Morize trabalhasse. E, em S. Paulo, o seu primeiro emprego foi um posto humilde no balcão da Livraria Garraux. A companhia dos livros deve ter influido para animar a ancia de saber que foi um dos mais indisfarçaveis caracteristicos da sua personalidade. Fez naquella cidade seus estudos secundarios e matriculou-se na Polytechnica do Rio, principiando, por esse tempo, a trabalhar no Observatorio Astronomico, dirigido por Luiz Cruls.

Em 1889 collaborou no excellente volume *Le Brésil*, escrevendo a monographia classica sobre o clima deste paiz, trabalho que ampliou no Diccionario editado pelo Instituto Historico em 1922.

* * *

Proclamada a Republica, o Governo Provisorio, todos sabem, resolveu dar os primeiros passos para a transferencia da Capital. Trata-se de uma velha idéa levantada em 1808 por Hyppolito da Costa, no *Correio Braziliense:* "O Rio de Janeiro não possue, escrevia elle, nenhuma das qualidades que se requerem na cidade que se destina a ser a Capital do Imperio do Brasil; e se os Cortezãos que para ali foram de Lisboa tivessem assaz patriotismo e agradecimento pelo paiz que os acolheu, nos tempos de seus trabalhos, fariam um generoso sacrificio das commodidades e tal qual luxo que podiam gozar no Rio de Janeiro, e se iriam estabelecer em um paiz do interior, central e immediato ás cabeceiras dos grandes rios, edificariam ali uma nova cidade, começariam por abrir estradas, que se dirigissem a todos os portos do mar..."

José Bonifacio, Porto Seguro e outros adoptaram o ponto de vista de Hyppolito da Costa. Mas foi a Republica que deu o primeiro impulso pratico, nessa materia, fazendo delimitar o *Districto Federal* pela Commis-

são Exploradora do Planalto Central do Brasil, em 1892, sob a direcção de Cruls. Os seus astronomos, além do Chefe, eram Oliveira Lacaille e Henrique Morize. A lista dos companheiros de Cruls é brilhantissima: Eugenio Hussak, Ernesto Ule, Alipio Gama, Tasso Fragoso...

A Henrique Morize, alem dos trabalhos geodesicos da Turma S E, coube o serviço photographico da Expedição.

Poucas vezes no Brasil tem se conseguido uma documentação iconographica tão linda qual a collecção de photographias de Morize no grande volume da *Commissão do Planalto.*

* * *

Ao entrar para o corpo docente da sua velha escola, Morize encontrou a physica experimental apenas ensaiando o surto... E' sabido que desde o começo do seculo XIX a pratica desta sciencia, e da chimica, tinha sido iniciada, no Rio, por Frei Leandro. Em Dezembro de 1824 sob a direcção do Dr. João da Silveira Caldeira, fundava-se no Museu Nacional, um laboratorio chimico e physico.

Frei Custodio Alves Serrão, em 1828 "lente cathedratico de chimica e physica" da Escola Militar e Director do Museu, depois de Caldeira, luctou quanto poude pelo progresso do ensino de taes disciplinas. Mas a verdade é que o desastre historico da inauguração do telegrapho, episodio que não vale a pena recordar, mostrou que a physica, no ensino superior, antes de Morize, no Rio de Janeiro, era divulgada apenas em discursos, talvez eloquentes e conselheiraes,.. Por isso eu mesmo escrevi algures que elle foi o fundador da physica experimental neste paiz.

Mal surgia a novidade nos laboratorios europeus, e aos seus alumnos elle a apresentava, repetindo no Rio o recente milagre da sciencia. Assim foi quando Röntgen descobriu os raios X, assim foi quando Becquerel encontrou a radio-actividade e os Curie acharam o Radium.

* * *

Successor de Luiz Cruls na direcção do Observatorio, Morize foi digno da grande herança e desde então seu nome passou ao mundo sábio, cercado de justo prestigio.

Ali não descansou emquanto não removeu o Instituto, então alojado em velha casa conventual do morro do Castello, para edificio proprio, construido na sua administração.

Trabalhos de physica do Globo e de Climatologia interessaram grandemente o sabio mestre.

A elle devemos os primeiros ensaios, baseados em methodos modernos, para a previsão do tempo neste paiz.

Membro da Conferencia Internacional da Hora, obteve Henrique Morize que pelo telegrapho sem fio coubesse ao Observatorio do Rio de Janeiro transmittir o tempo, no Atlantico Sul.

O nome do mestre acha-se ligado a uma das mais brilhantes observações até hoje promovidas para a verificação da theoria da *Relatividade*. Einstein, quando foi recebido na Academia Brasileira de Sciencias, não se esqueceu de uma referencia ao episodio. Coube a Morize preparar em Sobral (Ceará) o posto de onde alguns sabios, elle inclusive, acompanharam o celebre eclipse solar de 29 de Maio de 1919, que forneceu dados dos mais importantes na comprovação das ideias de Einstein.

Não é preciso ser astronomo, nem grande, nem pequeno, nem mestre de physica, para tomar conhecimento do que se passou em Sobral...

Na theoria de Newton a luz é formada de corpusculos emittidos pela fonte luminosa. Na theoria de Maxwell, ao contrario, a luz não é formada de particulas materiaes: é resultante das vibrações do *ether*, tal como o calor ou a electricidade, questão de frequencia das oscilações. Para Einstein, a luz deve ter *massa* e portanto *peso*. A *massa* da luz corresponde á materia que ella contem; o *peso* da luz representa a acção da *gravidade* sobre tal massa.

Na theoria da *gravitação* formulada por Einstein, o raio luminoso de uma estrella, ao passar perto do sol, deveria ser attrahido, inflectindo-se na sua direcção, o que alias a theoria de Newton tambem indicava. Mas, de accordo com Newton, o raio luminoso deveria inflectir-se de 0,75 (segundos de distancia angular); de accordo com Einstein, a inflecção seria de 1,75.

Quem tinha razão? Newton ou Einstein?

* * *

O eclipse de Sobral (Ceará) iria responder.

A discussão das idéas de Einstein estava apaixonando o mundo.

O resultado da observação era, como se vê, de importancia capital, vida ou morte da *Relatividade*....

A Sociedade Astronomica da Grã-Bretanha começou a preparar a *British Eclipse Expedition* antes da guerra. Emquanto a Europa, entre explosões de odio se ensanguentava, os astronomos inglezes proseguiam os preparativos da grande prova. A 29 de Maio de 1919 uma das commissões achava-se sob direcção do Dr.

Eddington. na ilha do Principe, na costa occidental da Africa ; outra, sob as ordens do Dr. Crommelin, era hospede do Brasil, em Sobral, onde Morize tudo havia preparado para a efficiencia dos trabalhos.

Foram tomadas umas tantas photographias do céo, durante o eclipse ; e, dois mezes depois, outras chapas da mesma região celeste, foram obtidas. Já então o sol andava longe daquelles lugares sideraes, e não podia mais influir na direcção dos raios das estrellas consideradas.

Na reunião da Royal Society, a 6 de Novembro de 1919 foram publicados os resultados : o desvio foi de 1,98, nos documentos de Sobral ; nos da ilha do Principe, 1,62. A média dos desvios foi 1,80.

"Einstein havia annunciado 1,75 ; Newton teria dito 0,75. Os scientistas ortodoxos teriam predito O" (Harrow).

Crommelin e Einstein, assim como todos os sabios que trataram com Morize, ficaram seus amigos, venerando o seu saber e as suas qualidades pessoaes.

* * *

Em 1916 fundava-se, no salão nobre da Escola Polytechnica, a Academia Brasileira de Sciencias. Morize era dos mais velhos entre os scientistas presentes. Parecia o mais moço, tão grande era o seu desejo de ver os estudiosos, nos diversos campos, entrar em contacto mais directo, rompendo o que elle chamava "os compartimentos estanques" que no Brasil difficultam o progresso da cultura.

Finalmente, em 1923, um dos seus discipulos mais humildes e mais dedicados procurava-o para pedir-lhe que tomasse a dianteira num grande movimento civilizador, que seria a pratica da radiotelephonia educa-

dora. Mal terminada a exposição do plano idealizado, e o velho mestre, no seu gabinete de S. Januario, erguia-se commovido, abraçando o seu discipulo. Desde aquelle instante, foi o guia magnifico de uma campanha civica, ora triumphante, culminada na fundação da *Radio Sociedade* (P R A 2).

Agir junto ao Governo, para obter que velhas leis prohibitivas da pratica do T. S. F. fossem revogadas, influir por todos os meios, com o seu prestigio scientifico e social para que o grande sonho se realizasse — um outro exemplo de desinteresse pessoal e grande amor ao Brasil que Henrique Morize offereceu a este paiz.

Os eruditos hão de encontrar sempre o seu nome nos trabalhos que elle deixou. O povo humilde da minha terra não esquecerá jamais o que elle fez pela sua educação.

Nós, seus companheiros, havemos de ter ao nosso lado, o resto da vida, a infinita saudade dos seus conselhos e da sua estima.

CAPITULO V

NESTAS linhas despretenciosas e sinceras quero recordar o homem idealista que um dia me auxiliou numa linda campanha espiritual. Amadeu Amaral era bem aquelle semeador abençoado no seu lindo verso.

Era alma aberta ao progresso e á luz. Um dia, em 1922, fui levado a estudar um pouco de radio-electricidade, tratando de certas pesquizas physiologicas que não vêm a pelo recordar. O meio mais simples de obter no laboratorio uma pequena fonte de ondas continuas era construir um elementar heterodyno, cousa facil que, na época, era difficil porque as valvulas de tres electrodios constituiam raridade no Rio de Janeiro. Procurei no Observatorio o meu velho e querido mestre Dr. Morize e delle recebi as lições de que precisava. Entrei, assim, na T. S. F. de laboratorio. Coincidiu com estes estudos a inauguração das estações radiotelephonicas do Corcovado (S P C) e Praia Vermelha (S P E). Corcovado irradiava diariamente. Cada vez que tomava os phones vinha-me ao pensamento o que o Brasil poderia ganhar com aquelle meio formidavel de expansão cultural. Levei as idéas que me occorreram á Academia de Sciencias. Verificámos que um regulamento anacronico, carrança, retrogrado, infeliz, prohibia a pratica da T. S. F. pelos cidadãos. A policia apprehendia as miseraveis "Galenas" que eram denunciadas.

A Academia de Sciencias mandou, então, ao ministro Francisco Sá uma representação que poz a questão nos seus devidos termos e tão eloquente foi, que

abriu, atravéz da tal lei "colonial", o surto da radiophonia.

Nesse tempo, já em 1923, Amadeu Amaral tomava conta da direcção da "Gazeta de Noticias".

A propaganda exhaustiva que vinhamos realizando, Morize e nós todos da Academia de Sciencias, encontrou no admiravel jornalista um apoio inestimavel. Foi a seu convite que escrevi o artigo de 14 de abril, nas vesperas da fundação da Radio Sociedade do Rio de Janeiro.

Em junho, Amadeu quiz ver de perto como se recebem facilmente as irradiações de uma estação proxima. Proporcionei-lhe essa observação, servindo-me da mais elementar apparelhagem.

No "Estado de S. Paulo" elle narrou assim o episodio: "Quando vi a antena plantada a um canto do jardim — uma simples vara de bambú com uns fios ligeiramente installados — e sobretudo quando penetrei no quarto das operações e pude examinar os toscos objectos que completavam o dispositivo, não pude deixar de sorrir por dentro. Não era possivel que aquella carangueijola, feita com bambú, alguns metros de fio de cobre, uma bobina de papelão e um phone de apparelho commum, désse resultado sério. Quem sabe, se aquillo que pregavam ouvir por intermedio desse apparelho, não seriam quaesquer vibrações ordinarias, confusamente conduzidas pelos taes fios expostos!

Dentro em pouco, porem, collocando o phone ao ouvido, pude escutar versos declamados na Praia Vermelha e entremeiados de musica, tudo tão perceptivel como se os sons se originassem a dois passos. Aquella carangueijola ridicula funccionava maravilhosamente..."

O resto do lindo artigo do poeta é um hymno á T. S. F. educadora da nação, tal qual nós a queriamos... e, *hélas!* ainda a queremos.

Assim termina a correspondencia de Amadeu Amaral para o "Estado de S. Paulo":

"A propaganda não é tão commoda como poderá afigurar-se. Ha que combater a classica indifferença nacional; e, o que é peor, ha que luctar contra a propria curteza de vista dos poderes publicos que, para começar, prohibiram aos particulares a installação de postes radiophonicos".

O descuidado leitor que hoje ouve em Copacabana o som de "Big-Ben" de Londres ou as operas do Colon de Buenos Aires, não imagina sequer o que custou a tal propaganda contra a "lei colonial". Felizmente os documentos da campanha estão todos publicados.

Nella, Amadeu Amaral teve o seu posto.

Foi, ainda uma vez, o poeta que abençoava o gesto de quem planta.

CAPITULO VI

DESAPPARECERAM, juntos, Moscoso, Labouriau e Amoroso Costa.

Tobias Moscoso era, antes de mais nada, um estheta.

A linha indisfarçavel da sua pessoa e da sua phrase, denunciava de longe o artista, exhuberante mas delicadissimo.

Mesmo nas conferencias technicas os seus dotes literarios repontavam sempre. A esse artista do estylo a vida entregou alguns problemas aridos de estatistica e demographia. O seu talento de rara agudeza permittiu-lhe, nesse terreno, prestar serviços valiosos.

Não foi elle o iniciador da biometrica no Brasil. Eu mesmo sei de um modesto laboratorio em que ella se praticava desde 1912. Mas ao professor da Polytechnica deve-se a formação de um nucleo de discipulos que certamente não deixarão morrer o energico movimento inicial. Por outro lado, Moscoso, pregou sempre a boa doutrina respeito ao problema demographico. Elle confirmou que o Brasil, dentro de um seculo, contará população maior talvez do que a necessaria, só pelo jogo do crescimento natural de sua gente. A morte não permittiu que concluisse o trabalho que tinha em andamento sobre a theoria do acaso. Mas o seu bello espirito e o seu labor de mestre, fundador de um curso, hão de ser recordados sempre no paiz que elle serviu com amor e desprendimento.

Labouriau morreu presidente da Radio Sociedade, filha da Academia de Sciencias. Naquella casa gerada

pelo idealismo constructor, quem estaria melhor do que o moço republicano, fremente de patriotismo consciente e sempre ansioso por servir aos melhores e mais puros ideaes de sua gente?

Onde houvesse necessidade de uma voz clamando "mais verdade e mais justiça" — elle encontrava o seu posto. Foi tão forte o sentimento humano naquelle coração cheio de enthusiasmo e de carinhos que a Sciencia não conseguiu obter tudo quanto elle lhe poderia ter dado, mau grado a pouca idade em que desappareceu.

Ainda assim a campanha que promoveu pela siderurgia nacional, elle a baseou scientificamente, deixando-nos o seu tratado e as notas magnificas das suas excursões á região do ferro.

Pouco antes de morrer, Labouriau enfurnou-se dias e noites no laboratorio e trouxe de lá novas conquistas sobre o comportamento de certas ligas metallicas.

Labouriau — era a grande alma enferma do soffrimento alheio. O ardor social, nobre e vigoroso, a paixão com que sentia a miseria dos pequeninos, o desconforto que lhe causavam todos os quadros de injustiça, a revolta que nelle provocavam o desleal e o deshonesto, a iniquidade e a vileza, deram-lhe toques sublimes de luz na personalidade seductora.

Manoel Amoroso Costa, foi dos primeiros companheiros na fundação da Academia Brasileira de Sciencias, quando ao redor de Morize nós todos nos grupámos.

Ainda hontem eu folheava alguns papeis portadores da sua letra brusca e original. Cartas de Petropolis (Duas Pontes) — em que elle enviava notas para as sessões a que não podia comparecer, quando secretario.

Era uma individualidade das mais bem definidas que tenho podido encontrar. Conhecia o segredo da elegancia que não se faz notada. Seus olhos viviam abertos para toda a natureza e elle nada recusava do que

ella lhe offerecia de interessante. A' primeira vista, parecia passar indifferente aos espectaculos do mundo que não fossem themas dos seus estudos predilectos. Que illusão! Um instante de palestra, desde que elle quizesse dar ao interlocutor a confiança de seu raro abandono, mostrava o subtil humanista, ao mesmo tempo que profundo pensador, para quem o Universo não tinha vozes inuteis.

Do seu mestre, que foi Otto de Alencar, elle traçou um perfil de linhas sóbrias e verdadeiras, onde a modestia sincera e a capacidade de admirar — traço dos mais altos espiritos — reponta, a cada passo.

Vulgarizando a theoria da relatividade em 1922, elle denunciou claramente uma das suas mais fortes tendencias. "A sciencia, escreveu, é um systema de symbolos que não póde attingir a essencia das cousas".

O encanto, no mathematico retrahido, de quem, no entanto conhecemos phrases de espirito agudissimo, provinha daquella condição que não permittia jámais elle se distanciasse da natureza e da sociedade. Em resumo, acredito que nelle a sensibilidade esthetica, tinha uma grande, uma formidavel amplitude.

Para bem apreciar a figura intellectual, recatada e complexa de Amoroso Costa é util comparar alguns paragraphos do seu ultimo livro, volume que apenas comsigo soletrar, mas onde mesmo pessoas de mediocre preparo encontram leitura seductora.

Assim, no começo elle mostra como o mathematico, guiado "por vagas analogias, pelo senso esthetico, descobre um mundo de idéas no qual se revelam uma ordem e uma harmonia surprehendentes". A poesia não deve desamparar o geometra para que este consiga novas conquistas espirituaes.

Em um dos ultimos capitulos ensina ao leitor como surgiram as geometrias não-euclidianas concepções que, diz Amoroso Costa, Gauss possuia desde antes de 1816,

mas que não publicou pelo respeito humano que tinha pela critica dos beocios — na sua propria expressão, em carta de 1829.

Passa depois a considerar os postulados fundamentaes das tres geometrias, o que, para os ignorantes curiosos do meu feitio é altamente interessante.

Na geometria de Euclides "por um ponto qualquer passa uma, e só uma, parallela e uma recta dada". Nessa geometria, a somma dos angulos de um triangulo é igual a dois rectos.

Na geometria de Lobatchewski "por um ponto qualquer passam duas, e só duas, parallelas a uma recta dada. Os angulos do triangulo valem menos que dois rectos. A differença chama-se deficiencia do triangulo.

Na geometria de Rieman "por um ponto qualquer, não passa nenhuma parallela a uma recta dada. Todas as rectas que passam por aquelle ponto cortam a recta considerada. A somma dos angulos de um triangulo é superior a dois rectos. A differença chama-se excesso do triangulo.

Considerados como construcções logicas, os tres systemas são legitimos, escreveu Amoroso Costa. Por que?

Elle mesmo vae dizer com a sinceridade habitual.

A geometria euclidiana formou-se nos attritos directos do homem com a natureza, desenvolveu-se com a experiencia. "Póde parecer que a geometria euclidiana seja a unica adequada aos resultados das medidas physicas e nesse caso as outras geometrias não passariam de puras abstrações destituidas de interesse pratico". Ora, nenhuma medida por mais requintada que venha a ser a nossa technica experimental, permittirá jamais demonstrar a realidade dos postulados euclidianos".

A medida dos angulos de um triangulo plano, diz Amoroso Costa, só excepcionalmente dá o valor eucli-

diano: dois rectos. "Na verdade os triangulos da experiencia se apresentam ora como riemanianos, ora como lobatchewskianos, com excesso ou deficiencia, sempre muito pequenos, mas muito differentes do zero. A escolha da solução intermediaria, que é a da geometria euclidiana, obedece, por assim dizer, a um criterio de média".

E conclue: "Compete ao physico e não ao geometra escolher o typo de geometria que melhor convenha á representação dos phenomenos naturaes, mesmo quando tenha de recorrer a uma concepção pouco conforme ao senso commum. Mas o geometra é livre de seguir as suas construcções abstractas, respeitando apenas as leis da razão".

Depois de ler o que elle escreveu, a grande familia plebéa a que pertenço, gente que apenas consegue entender as mais rudimentares construcções da velha geometria de Euclides — e isso mesmo sabe Deus como! — já não considera mais absurdo que outros consigam acompanhar as abstracções dos modernos. Eu não sei nada dos caracteres hebraicos; mas não tenho o direito de prestar homenagem á minha insufficiencia, resolvendo affirmar que o hebraico é uma ociosa fantasia...

Para Amoroso Costa a criação artistica e a scientifica approximam-se, quando separam "na infinidade de combinações possiveis, aquellas que são realmente fecundas, porque só essas são realmente bellas".

Penso que elle viu justo e certo. Sinto que ellas caminham para o infinito seguindo parallelas que embora muito proximas se destinam uma, á belleza e outra, á verdade... Mas, parallelas euclidianas...

"Rien n' est beau que le vrai..." O mestre-escola da poesia franceza queria dizer que só é bello o que é sincero.

Se a arte tivesse de ser sempre e perfeitamente verdadeira e não apenas sincera e honesta, teriamos a cada hora os desatinos da sciencia artistica e os arrebiques da arte scientifica, horrores equivalentes.

Mas não acredito que a fecundidade de que nos fala o mestre seja o substracto commum.

A arte e a sciencia, bem como a religião e até mesmo a technica, onde se entrelaçam é no abalo emocional, sublime arrancada que leva os homens a tentar a conquista da perfeição indefinivel e inattingivel, como o valor daquelle symbolo grego, inicial do nome de Prometheu, eterno anseio, que encontramos no inicio das theorias da sciencia, ou no embryão das obras de arte e dos monumentos religiosos de todas as crenças. No entanto não está mais em nossa época confundir, no mesmo termo, as differenças do sentido esthetico, condicionadas pelos temperamentos.

Em sciencia o caso é differente.

Ha, de facto, uma grande belleza manifesta, quando a biologia prova que a curva de uma existencia (nascimento, crescimento, declinio e morte), seja a de um homem, seja a de uma abelha, é semelhante á trajectoria de uma bala, como se cada ser fosse um projectil que a natureza atirasse, num momento dado, para o turbilhão da vida universal. Mas essa belleza philosophica, póde deixar indifferente um sensibillissimo criador de belleza artistica.

Sciencia tem de ser sempre pensamento.

A arte puramente intellectual — é uma monstruosidade.

Ella é eminentemente sentimental nos seus primeiros movimentos. Nem é por outra razão que os povos primitivos dominam os segredos de muitas artes e pouquissimos problemas da sciencia conseguem resolver.

Concordo, porem, sem restricções em que os dons artisticos, a sensibilidade, a imaginação, mesmo a fantasia, sejam, condições quasi imprescindiveis ao labor scientifico. Um scientista que não fôr um pouco poeta, como queria Amoroso Costa, nunca dará o architecto. Ha de passar a existencia como simples artifice, pedreiro humilde e automato, a levantar pedestaes para a gloria dos outros... Seja como fôr aquella pagina de Amoroso Costa é uma profissão de fé.

A independencia espiritual, a liberdade de alma que elle definiu e que tambem tanto prezavam os seus dois outros companheiros de infortunio, denunciam sensibilidade superior, condicionando o surto, rumo da infinita perfeição, transe do artista e do sabio que é, ao mesmo tempo, gloria e martyrio.

O destino renovou na quéda do sinistro avião de 3 de dezembro, como no caso de Curie, o symbolismo contido no gesto do soldado de Marcellus.

Na trajectoria da especie, o acaso suscita aquelles desastres para que as gerações possam encontrar sempre um programma inacabado.

Ha uma belleza immanente na obra incompleta. Avalanches de sonhos incontidos revestem-na de prestigio.

Elos de uma cadeia que ninguem sabe exactamente de onde veiu, nem póde, com segurança, affirmar para onde vae, os homens contam pela capacidade individual de transmittir, augmentando-a, a vibração que receberam. A omnisciencia, a omnipotencia, a immortalidade seriam tristes e infecundas como a tréva absoluta.

Só a morte consegue dar o relevo definitivo ás figuras; ella accentua os vincos do rosto e anima em sublime paradoxo, os traços espirituaes dos que se foram.

CAPITULO VII

UM telegramma de Berlim annuncia a morte de Karl von den Steinen.

A noticia não parece despertar, nos circulos intellectuaes do paiz, a emoção que eu esperava. Os acontecimentos, por si, pouco valem; o que lhes amplia a significação é a resonancia pessoal em quem os observa. Karl von den Steinen foi muito mais que o viajante explorador do valle do Xingú. Foi um grande mestre da ethnographia e, particularmente, um reformador dos methodos empregados no estudo dos indios sul-americanos.

Não ha exagero nenhum em dizer que desde o velho Martius, o estudo dos nossos aborigenes não havia feito progressos realmente scientificos. A ethnographia pertence um pouco a todo mundo, como a medicina e a loucura, de sorte que a não serem alguns dados geographicos e outros referentes á technica, quasi tudo era motivo de literatura impressionista, contos maravilhosos ou mentiras. O que havia de melhor ainda eram as velhas chronicas dos seculos passados. Em 1884, Karl von den Steinen, medico transfuga da clinica naval, e como tantos outros, apaixonado pela documentação sociologica, que constitue o maior encanto da pesquisa ethnologica, poz as vistas nos indios do Brasil.

Que motivos o levaram a procurar as nossas regiões? Elle mesmo os apontou: a primeira geração do seculo XIX, disse, enthusiasmou-se pelas viagens á Amazonia; a segunda dedicou-se ao Polo Norte; a seguinte devassou a Africa Central. Só a America do Sul espe-

rava que se reatassem, no seu ambiente, as pesquisas da sciencia. A Sul America principiou a ser "moda", accrescentou von den Steinen. E nós outros poderiamos dizer agora que o Xingú, principalmente — passou a ser moda para os sabios allemães...

A primeira viagem de Karl von den Steinen deu-nos o admiravel volume "Durch Central-Brazilien (Atravez do Brasil Central), publicado em Leipzig (1886), livro dedicado a Pedro II. Foi realizada a excursão em 1884, sendo companheiros do sabio o Dr. Otto Clauss, astronomo e Wilhelm von den Steinen, desenhista.

De Cuyabá ganharam os expedicionarios a região dos Bakairi do rio Novo e depois o Paranatinga e o Batovy, entrando no Xingú que foi descido até ao Amazonas; mais ou menos o que fez em 1913 o commandante Gusmão Fontoura, a serviço do Ministerio da Agricultura.

Na Sociedade de Geographia do Rio pocurou alguem, creio que foi Pimenta Bueno, em 88, contestar a von den Steinen a prioridade da exploração do Xingú. Valia-se, para isso, de um antigo mappa publicado, se bem me recordo, em 1802, por Caetano Pinto de Miranda Montenegro, carta em que as principaes curvas do rio estavam esboçadas. A verdade, porém, é que aconteceu, no caso do Xingú, o mesmo que na historia da maioria dos encontros geographicos em nossa terra. O caboclo descobre mas não sabe escrever os documentos do que encontrou... E' como se não tivesse descoberto. E'cos remotos das suas investigações attingem, ás vezes, os eruditos, quando muito. O que fez Karl von den Steinen foi mais do que uma simples viagem e mais do que interessantes descobertas. Com os elementos ali conseguidos elle refundiu completamente as bases da nossa ethnographia indigena.

A surpresa do mundo, em 1884, quando teve noticia de que ainda havia, na America do Sul, homens

na "idade da pedra", homens, escreveu von den Steinen, nas condições em que foram encontrados os indios, pelos descobridores da America, tal surpresa, só em 1907 se renovou, quando Rondon arrancou para a serra do Norte e desencantou outros primitivos, ainda no mesmo estado.

Karl von den Steinen considerava como resultado mais importante das suas pesquisas, a verificação da diversidade linguistica dos indios do Xingú, segregados no "hinterland".

Consequencia de tudo isso, que o momento não me permitte desenvolver, foi uma nova classificação dos aborigenes e depois, uma tentativa curiosissima feita no sentido de traçar as possiveis migrações dos nossos grupos ethnicos primitivos.

Hoje a obra de von den Steinen, mórmente nesta ultima parte, soffreu, como era natural, grandes modificações. No meio seculo decorrido, muito se tem trabalhado e é justo reconhecer que os brasilianos levaram tambem o seu concurso á grande escola.

A segunda viagem de Karl von den Steinen foi realizada em 1887-1888. O lindo volume que contem os seus resultados é de 1894 : "Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens (Entre os naturaes do Brasil Central). Foram, então, seus companheiros Paul Ehrenreich e Vogel.

Dois capitulos desta obra, um sobre os Borôros e outro sobre os Pareci, estão publicados na Revista do Instituto, o primeiro traduzido por Basilio de Magalhães e o segundo por Carlos Loureiro. Alem de innumeros artigos, em differentes revistas, Karl von den Steinen deixou um volume sobre a lingua e as lendas dos Bakairi (Bakairi Sprache — Leipzig, 1892), e outra obra monumental sobre os primitivos das ilhas Marquezas : "Die Marquezaner und Ihre Kunst", estudo magistral sobre a origem e o desenvolvimento da tatua-

gem, que elle verificou estar, entre aquelles primitivos, ligada á religião.

Capistrano de Abreu, teve sempre o cuidado de chamar a attenção dos estudiosos brasilianos para os trabalhos de Karl von den Steinen ; João Ribeiro, na sua Historia do Brasil, livro que considero um dos grandes volumes em que se asyla a nossa cultura, resumiu admiravelmente as theorias do sabio ethnologo. Em 1895, na "Revista Brasileira", dirigida por José Verissimo, Capistrano assim se refere aos trabalhos de von den Steinen ; "Ao mesmo tempo que apparecia o livro do dr. Steinen sobre a lingua, estava aqui um Bacery trazido do Paranatinga pelo dr. Oscar Miranda, quando realizou sua tão tormentosa viagem rio abaixo até o Amazonas. Com o mesmo indio pôde quem escreveu estas linhas estudar o livro do sabio allemão vocabulo por vocabulo, e não acha palavras bastantes para exprimir a admiração que lhe causou o exacto da transcripção phonetica, a agudeza com que foi apurado tudo quanto nos materiaes colhidos havia de aproveitavel. Se, em um paiz que blasona de essencialmente agricola, fosse permittida a comparação, poder-se-ia dizer que o seu engenho, como uma das moendas gigantescas hoje em uso, esgotou todo o caldo de canna, deixando apenas o bagaço".

Capistrano não sabia elogiar ; dizia sempre a verdade.

Tal foi o amigo e mestre que perdemos hontem.

A guerra levou Karl von den Steinen a grandes aperturas.

Com os olhos rasos de agua elle viu partir da bibliotheca os volumes da sua inestimavel collecção americana. Em 1924, na Suecia, tive a fortuna de conhecer

pessoalmente o sabio. Já em avançada idade, que não parecia ter, era homem de alta distinção, irradiante sympathia, espirito vivo e amavel. Falou do Brasil de maneira commovente. Bem se via que, em sua alma, paisagens dominadoras, tinham, ali tambem, deixado quadros que o tempo não conseguia desmaiar.

CAPITULO VIII

ESTA — dizia-me ha poucos dias a nossa illustre collega dra. Emilie Snethlage ao partir para o Amazonas — será a minha ultima viagem...

E foi mesmo, para grande tristeza de todos os naturalistas do mundo, particularmente para nós outros brasilianos, que de perto vimos a sua dedicação ás nossas cousas.

Snethlage consagrára a existencia ao estudo da Ornis brasiliense. E dizia, cheia de contentamento, que noventa e cinco por cento das aves do Brasil ella as tinha podido surprehender, vivas e activas, nos campos e nas mattas.

Quando se sabe que a fauna do Brasil é notavel pela sua riqueza ornithologica, avalia-se facilmente a perda que soffremos com a morte de tal naturalista.

Tinha Emilie Snethlage cerca de sessenta annos e ha uns vinte e cinco percorria o Brasil em todos os rumos. Nascida em Kratz (Westphalia), estudou principalmente em Berlim, onde se doutorou em sciencias naturaes.

Do seu mestre, o celebre Weissmann, guardou a mais funda lembrança. Em 1907, logo depois de chegada ao Pará, onde entrára no corpo scientifico do Museu Goeldi, começamos a encontrar noticia das suas excursões. O Tapajóz, o Tocantins, o Purús, deram-lhe notas valiosas. Como trabalho de exploração duas grandes viagens, entre outras muitas, realizou a nossa querida, modesta, sabia e amavel collega — duas viagens que não devem ser esquecidas.

A primeira foi a travessia da região entre o Xingú e o Tapajóz, em 1909, quando ainda se achava no Museu do Pará.

A segunda foi em 1928, quando cedendo a suas instancias, o Museu Nacional deu-lhe o encargo de percorrer grande parte da ilha do Bananal — a ilha cheia de mysterio. Em ambas estas explorações, mórmente na ultima, ao lado do que obteve em zoologia, avultam as notas ethnographicas.

As numerosas memorias e os relatorios scientificos de Emilie Snethlage acham-se esparsos em muitos publicações do Brasil, da Allemanha e dos Estados Unidos. Nada, porem, a interessava mais neste momento do que a grande Monographia das Aves do Brasil, cuja publicação tinhamos assentado seria começada no anno proximo. A sua ultima viagem ao Amazonas foi motivada por algumas duvidas a respeito dos habitos de certas especies que ella desejava definitivamente esclarecer.

Snethlage tinha uma modestia meiga, tão attrahente que ninguem a encontrava sem que a estimasse logo. Espirito vivo e sensivel, adorava a musica. Recordo-me ainda de ouvir as expressões do seu enthusiasmo narrando o encanto que lhe proporcionou o "Quadro allemão" de cantores que ha poucos annos encarnaram, no Municipal, os heróes e as heroinas de Wagner. Dos brasilianos humildes do interior, dos "seus" indios, dos seus canoeiros ou tropeiros ella falava sempre commovidamente. Cortou o Brasil em todos os rumos e nunca encontrou quem lhe quizesse fazer o menor mal. E era mulher que conservou os seus lindos cabellos longos até ha pouco, explicando que a moda dos cabellos curtos seria de facto muito commoda para uma naturalista, mas que as senhoras, no interior, poderiam, no começo do uso, estranhar... Os cabellos longos garantiam-lhe o respeito das familias, em muitos lugares.

A morte de Emilie Snethlage ha de ser profundamente sentida, não só nos circulos intellectuaes do resto do mundo e do Brasil, na Academia Brasileira de Sciencias, de que ella fazia parte, como está sendo no Museu Nacional, onde ella tinha um amigo respeitoso em cada collega.

O seu desapparecimento será tambem uma tristeza para os nossos humildes compatriotas, perdidos na terra immensa, que a grande enamorada das aves palmilhou cheia de enthusiasmo, derramando sympathias emquanto servia a sciencia.

CAPITULO IX

O livro de Manoel Bomfim surgiu no momento proprio, quando o paiz inteiro começa a pensar na raça e procura verificar se são verdadeiras as doutrinas dos derrotistas que calumniam os seus patricios atrasados.

E' uma grande voz contra a bacharelice ousada, que se intromette na biologia humana, com o mesmo desplante das mulheres velhas, que receitam mézinhas para qualquer enfermo.

Livro são. Erudito e despretencioso. Forte. Claro. Preciso. E, ao mesmo tempo, cheio de communicativa emoção. E' para mim, o melhor dos livros de M. Bomfim; um dos mais notaveis trabalhos do pensamento, publicados neste paiz, nos ultimos tempos.

A obra continua, de maneira logica, outro volume do autor — "A America Latina" — em que elle respondeu aos sociologos ingenuos que julgam todos os povos deste continente, "povos inferiores, condemnados á agitação facciosa de um barbarismo esteril e desinteressante para o resto do mundo".

No volume actual estuda o caso particular da formação brasileira, desmontando o preconceito pueril e o commodismo dos que attribuem todos os nossos males á raça, ao cruzamento, á mestiçagem...

Tornava-se necessario, diz o autor, considerar esse tratamento quasi infamante, para mostrar, justamente, que elle só é adoptado, e assim repetido, porque dissertadores faceis nos julgam sem nos conhecer.

O autor quer ver desvendados todos os defeitos reaes deste povo, objectivados, analysados, nas origens e nas circumstancias que favoreceram a sua eclosão. Mostra, porem, sem nenhum sentimentalismo e sem pieguices, que são males curaveis, transitorios.

Não é possivel admittir que este povo tenha resultado de uma somma algebrica de taes e quaes expressões ethnicas. Insurge-se o autor contra a supposta *mistura*. Houve, muito mais do que isso, e que a bacharelice não sabe que é differente : — *combinação*.

Muitos caracteres dos elementos que entraram no phenomeno, perderam o significado ; outros novos appareceram, como é de regra nas reacções.

Depois da notavel introducção, Manoel Bomfim passa a estudar as origens ibericas, o gentio, o negro.

São capitulos alentados, de erudição sedimentada.

Não direi que, ao longo de tantas paginas, aqui e ali, as opiniões do autor coincidam rigorosamente com as doutrinas que me são mais caras. E' certo, porem, que tudo, nesse livro, é honesto e sincero.

Onde culmina — "O Brasil na America" — para mim, é no quinto capitulo, consagrado ao estudo do cruzamento, na formação da população brasileira. Não acceito integralmente as opiniões do autor a respeito da "herança mixta" na especie humana. Os meus estudos e as minhas observações, colhidas durante muitos annos, levam-me a confirmar o que Fischer verificou no cruzamento hollandezes X hottentotes (Rheoboter) e Davenport encontrou na Jamaica : a herança mendeliana é real. Nos mulatos, quando a prole é grande, ella se ostenta claramente. Mas, a não ser essa pequena divergencia, considero magistral o estudo que, dos cruzamentos na especie humana, realizou M. Bomfim no seu bello trabalho.

Habituado ao trato directo da sciencia, professor de Historia Natural dos mais idoneos, fundador dos es-

tudos de psychologia experimental neste paiz, Bomfim apresenta o nosso problema da raça em termos nitidos:

"A Nação Brasileira é um producto de mistura, num grau tal, por tantos seculos, que da nossa visão de progresso e grandeza social deve ser afastado todo o anhelo e toda a preoccupação de pureza, negativa e dissolvente. Se ha absoluta inferioridade nas raças; se o cruzamento ainda accentua taes inferioridades; então resignemo-nos a ceder a terra a outros, onde possa haver pureza de sangue, porque no Brasil que ahi existe, no Brasil tradicional, effectivo e real, desde os seus primeiros anos até hoje, o povo — a realidade mesmo da nação, é mistura, já agora indestrinçavel, mistura que poderá realisar um novo typo ethnographico, um producto estavel, mas que jamais será um typo branco de relativa pureza — um typo aryano, no dizer pretencioso dos que se aprazem em arremedar a sciencia".

Ainda quando os melhores autores dissessem o contrario, nós temos deante dos olhos a "sciencia que está na vida" e vale muito mais do que "a sciencia que está nos livros". O Brasil não é uma expressão sentimental. A conquista é a occupação do territorio não é um *soneto*... o Brasil é um *facto*.

O que o povo mestiço fez em um seculo, depois que se livrou da exploração gananciosa que o garroteou durante trezentos annos, não é uma allegoria, nem uma flôr de rhetorica...

Não ha peor derrotismo do que o embuçado nos disfarces da anthropologia literaria, que encontra na tolice do "sangue aryano" — a salvação do paiz. E' perigoso. E' mau. Porque simplifica de modo grosseiro uma série de questões difficilimas e, por isso, acaba seduzindo muita gente. Lei do menor esforço...

O livro de Manoel Bomfim — "O Brasil na America" — veiu no bom momento, abrir os olhos dos es-

tudiosos contra os imprudentes e levianos que, sem medir o damno que fazem, porque a sciencia, que os serve, para tanto não basta, tentam criar no Brasil uma "questão de raças", explorando preconceitos que mal vegetam na população, augmentando ainda mais o que o grande espirito de Alberto Torres considerou o maior mal deste paiz: falta de organização nacional.

CAPITULO X

CADA vez que algum dos meus amigos ergue a voz para lastimar as desgraças do Brasil — paiz que continua, como no tempo do rei, "á beira de um abysmo" — eu, que sinto profundamente tudo quanto acontece á minha terra, agito-me desassocegado, á procura de alguma cousa que me sirva de apoio ao espirito optimista incorrigivel. Quasi sempre tenho sido feliz. Porque raras vezes deixei de encontrar, entre documentos publicados, o que todo o meu ser reclamava como elemento essencial de um conforto, de um consolo ou de uma nova esperança.

Isolo-me algumas horas na leitura e na meditação de tudo quanto este povo vae realizando na sciencia, na arte e na industria. E as sombrias perspectivas que os quadros da vida politica por ventura possam suggerir, sem demora desmaiam, como as sombras que revestem fórmas aterradoras aos olhos das crianças deixam de impressionar os pequenos, desde que se lhes chame a attenção para outros lados. Infantil? Devo, assim, ao almirante Ferreira da Silva um dos taes sublimes derivativos; a leitura do seu Relatorio sobre a demarcação da fronteira Brasil-Perú.

O livro sahiu da Imprensa Nacional este anno de 1929. Mas foi concluido a 31 de Maio de 1928. E' obra massuda, como todos os relatorios, mas tão cheia de vida, referta de episodios, tão documentada por graphicos, mappas, photographias, que agente a lê de uma assentada; aprendendo sempre alguma cousa mais do nosso territorio, da energia do seu povo humilde, da

capacidade dos seus homens cultos, entre os quaes o illustre almirante tem digno lugar.

A historia da demarcação daquelles limites é das mais interessantes. Conta alguns nomes realmente notaveis ou mesmo gloriosos.

O resumo precioso do prof. Fernando Gabaglia menciona, desde 1841, as tentativas realizadas no assumpto. Em 1861 e 64 foi nosso representante o barão de Ladario, então capitão-tenente José da Costa Azevedo. Na exploração do Jaquirana, em 1866, dois auxiliares da Commissão Mixta, Soares Pinto, brasileiro e Paz Soldan, peruano, foram flechados pelos indios. Em 1871, o barão de Teffé foi o chefe por parte do Brasil. O geographo Paz Soldan que, mais feliz do que Soares Pinto, escapara da setas de 66, morria, então, de febre no Içá. Em 1905, já depois do tratado de Petropolis, apparecem na empreza dois nomes de brilho: Euclydes da Cunha e Bellarmino de Mendonça. De 1913 é a organização da Commissão Mixta em que, por parte do Brasil, figurou como chefe o almirante Ferreira da Silva. Mas, até aqui, eu citei apenas os grandes nomes dos chefes. No entanto, entre os auxiliares de 1913 encontro Antonio Pyrineus de Souza, meu companheiro da "Rondonia" e que hoje commanda a Escola de Sargentos de Infantaria, centro de cultura de que se póde orgulhar o Exercito Nacional.

Cerca de quinze annos de trabalho acerrimo resume o livro de Ferreira da Silva. Evidentemente o aspecto que interessa á geographia physica é, ali, o maior. Houve mesmo, por parte do commissario brasileiro, um justificavel luxo de minucias, tendentes á maior precisão possivel em todas as determinações. A radiotelegraphia brilhou — como sempre — nos serviços prestados a determinações de longitude. Em 1902 Luis Cruls tentara utilizar-se do telegrapho sub-fluvial para obter a longitude de Manáos. A linha, porém, era pre-

caria. Ferreira da Silva, no entanto, ecebia em "Senna Madureira", convenientemente, os radio-signaes de Manaos, transmittidos com 75 kw. Em Manaos, recebia mal os signaes do Acre, enviados por uma estação de ondas amortecidas, de 9 kw. Isso era, porem, em 1913. Não estavam, então, ao alcane de qualquer, as ondas continuas, as ondas curtas, as valvulas thermionicas, que permittem actualmente a um collegial de S. Paulo conversar com o Japão, ou a um curioso do Tunel Velho "falar" com a Inglaterra, usando uns 15 watts...

As coordenadas da nascente principal do Jaquirana foram definitivamente fixadas.

Depois de historiar esse problema, fazendo inteira justiça aos predecessores, que não dispunham de instrumentos de trabalho comparaveis aos seus, conclue o Almirante: "Penso ter resolvido o caso duvidoso de latitude da nascente principal do rio Jaquirana ou Alto-Javary, o qual esteve durante 25 annos no dominio da interrogação".

A fronteira demarcada conta 1.565 kilometros,, 83m,31, sendo 572 kil. 774m,11 por agua e 992 kil. 309m,28 por terra. A linha ficou assignalada por 86 marcos. Os levantamentos auxiliares comprehenderam 1.589 k., 311m,11. A Commissão Ferreira da Silva fez entrar no mappa do Brasil, total 3.183 kil., 227m., sem falar nos trechos tambem levantados em outros pontos da região, e desenhados em mappa especial. Seria vantajoso divulgar a construcção de um abrigo de madeira, imaginado pelo geographo brasiliano, para proteger o seu theodolito astronomico, abrigo "aconselhavel em todas as commissões que venham a utilizar-se de instrumentos semelhantes e nas mesmas condições".

Aos botanicos interessa particularmente uma nota do Relatorio. E' o caso, que a derrubada feita por Luis Cruls, em certo ponto das margens do Jaquirana, der-

rubada que pela sua extensão o sabio astronomo pensava sempre se poderia reconhecer, ao cabo de alguns annos nenhum signal tinha deixado: "Passados eram annos, escreve o Almirante, e nenhum vestigio foi encontrado da referida derrubada, naquelle lugar, onde existem arvores tão grandes como as demais da densa floresta...

Dos indios da região, alguns dos quaes devoram os seus mortos, mas não comem jamais os inimigos, nada soffreu, de sério, a commissão. Tambem Ferreira da Silva e os seus dignos companheiros não pensam, por principio, como aquelle general norte-americano para quem "Indio bom, é indio morto".

O perigo maior, nas explorações do nosso hinterland, em certas regiões, é a doença. Felizmente a previdencia do chefe encontrou nos drs. Gouveia Freire, João Braulino de Carvalho e Manuel Mauricio Sobrinho, os assistentes dedicados que as circumstancias reclamavam. Em annexo ao Relatorio, encontram-se notas interessantes sobre a ethnographia regional, devidas aos cuidados de João Braulino e Manuel Mauricio.

Ao dr. João Braulino, especialmente, deve a historia natural ter sido representada no meio dos engenheiros, preoccupados com trabalhos de alta responsabilidade. O proprio chefe da Commissão, ás vezes, transcreve apontamentos valiosos, como o referente a certa arma dos Cachinauás destinada á propulsão das flechas, typo original de balestrina.

Não quero concluir esta breve noticia sem transcrever algumas linhas do Relatorio magnifico do Almirante Ferreira da Silva. E' corda que faço vibrar sempre que posso e agora me agrada muito ver tambem pulsada pelo eminente geographo.

"Serviços de alta relevancia, diz elle, podiam ser drestados ao paiz, se ás commissões demarcadoras das nossas fronteiras se incorporassem geologos e outros

especialistas dos varios ramos de Historia Natural, destacados dos nossos institutos officiaes, que assim aproveitariam optimas opportunidades para a realização de importantes estudos, em regiões desconhecidas, com pequena despeza e grande proveito scientifico".

Basta correr os olhos nas publicações de historia natural, feitas directamente pela Commissão Rondon, ou com o seu apoio, para ver quão justas e certas são essas palavras. Infelizmente não se trata somente de destacar um scientista para seguir uma dessas commissões. E' preciso apparelhal-o. Aqui é que pega o carro... Pela parte que nos tóca, desejo fornecer uma simples informação. Os institutos norte-americanos costumam calcular o orçamento de uma exploração scientifica, na Africa ou na America do Sul, avaliando em 3.000 dollares, *por mez* e *por pessoa*, as despezas a realisar.

Um botanico, nessa base, viajando na Amazonia, annexo a uma commissão de limites, deveria ter á sua disposição para trabalho de tres mezes, 9.000 dollares, sejam 75 contos.

Os naturalistas do Brasil dispõem mais ou menos, da raiz cubica de taes recursos... E nem sempre.

CAPITULO XI

A gloria lyrica de Claudio Manoel da Costa vae depressa amortecendo, como crepusculo de baixa latitude. Hontem, relendo o poeta e ouvindo o que delle disse de maneira tão profunda Alberto de Oliveira, em uma das suas melhores lições de literatura, que foi a sua palestra na Academia, veiu-me ao pensamento o ambiente intellectual dos nossos maiores. Rhetorico, sem nenhuma naturalidade, o velho poeta de Villa Rica dá-me a impressão de um erudito que fazia versos porque era preciso conquistar os patricios...

Na conferencia realizada no Instituto Historico, o Sr. Afranio de Mello Franco lembrou que o chamaram "Metastasio brasileiro". Não conheço comparação mais infeliz. Metastasio, que era Antonio Domenico Bonaventura Trapassi — foi para J. J. Rousseau "l' unique poète du coeur"...

Schlegel o chamou: "Racine de Italia"; Voltaire dizia delle que era um Corneille sem declamação.

Onde em Claudio Manoel da Costa, o vigor poetico? A sensibilidade profunda e natural?

"Então eu me ajuntava com Glauceste
E á sombra d' alto cedro, na campina,
Eu versos te compunha e elle os compunha
A' sua cara Eulina".

Vê-se logo que elle não conheceu jamais nenhum Glauceste, nem nunca achou tal cedro, nos pincaros de Ouro Preto. Mas, era moda. Acabou-se.

Mesmo o soneto que Alberto de Oliveira recitou na Academia, como sendo uma das joias do patrimonio de Claudio : "Nize ! Nize ! Onde estás? — é de uma superficial sensibilidade que nos deixa absolutamente indifferentes ás dores do poeta. Ouvindo-o, tem-se vontade de dizer : "Qual ! Isso é verso !"

Sylvio Romero nota, muito bem, que o poeta descrevia mal a natureza ; acha "habilidade" nas suas linhas consagradas ao mundo do pensamento e da sensibilidade ; era um "melancolico". E' certo. Mas de uma tristeza convencional, embora não lhe faltassem, na vida amorosa, razões e motivos para ser sincero.

Na "Inconfidencia", a insufficiencia de Claudio Manoel da Costa é ainda mais accentuada. O menos que se diz, nos panegyricos, é que o "seu depoimento foi infeliz". Infelicissimo. Delator dos companheiros, pusillanime, preoccupado em salvar a pelle, talvez o mais serio accusador do Tiradentes.

No entanto, parece ter sido o primeiro dos victimados ; não resta mais nenhuma duvida á luz dos documentos hoje conhecidos quanto ao seu assassinato na prisão. Foi, pois, um martyr, embora medroso e sem lustre.

Se, porem, as suas poesias não lhe poderiam dar, em bôa justiça, um lugar definitivo entre os melhores ; se a sua conducta civica não lhe engrandeceu, em nada, a estatura, Claudio Manoel da Costa foi, incontestavelmente, um intellectual de grande relevo naquelles tempos. Isso deve bastar para o fazer lembrado, mesmo porque, os dias em que vivemos vêm cada vez mais confirmado as expressões de Sylvio Romero : "Um povo que nada produz, na ordem das idéas, é um povo esteril e inutil para a humanidade. Na ordem das idéas as mais importantes são as scientificas..."

Affonso Celso, tambem na Academia, quinta-feira passada recordou a erudição de Claudio Manoel da Cos-

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA

ta, lembrando, entre outros factos, a sua divulgação das obras de Adam Smith, o economista do tempo, e os conhecimentos scientificos que o "poeta" revelou possuir.

Rezam as noticias biographicas que, em 1758. Claudio Manoel da Costa levantou a carta topographica de Villa Rica, recebendo, então, um premio que, por esse trabalho, lhe conferiu a Camara do lugar. Francamente, se a "carta" está certa e eu creio que sim, á vista do premio, Claudio deveria ser evocado de bussola e prancheta, antes que de cíthara em punho. Mórmente se nos recordarmos dos accidentes topographicos da região levantada...

Não chegarei ao ponto de propôr o cancellamento da gloria poetica de Claudio Manoel da Costa, nem tão pouco a sua exclusão da lista dos martyres do patriotismo. Mas, penso que todos os seus sonetos de circumstancia que hoje ninguem mais lê — não valem, positivamente, como serviço prestado á cultura do seu povo, a carta topographica de Villa Rica, em 1758. Qualquer doutor de Coimbra faria versos daquella classe...

Por que razão, esse homem erudito, dono de bôa sciencia e de tão anemica sensibilidade artistica, foi sempre glorificado justamente como poeta? Porque nunca se lembrou alguem de publicar a "Carta Topographica de Villa Rica" — documento sem duvida, hoje, muito mais precioso do que todos os seus versos alambicados? E' que a rhetorica sempre foi estygma forte da vida intellectual dos nossos avós.

CAPITULO XII

Se fosse preciso definir as tendencias da medicina moderna, eu diria, duas palavras: racional e social. Guerra surda ou declarada, ao preconceito etiologico ou therapeutico; solicitação constante ás sciencias, revolta incoercivel contra a autoridade profissional indemonstravel. De outro lado individualização cada vez mais apurada do phenomeno pathologico e extensão cada vez maior, do aspecto social de todos os casos.

Ninguem ousará negar o que tem existido de chaotico, anarchico, e mesmo confuso naquella evolução; mas tambem ninguem deixará de reconhecer que a inquietação moderna impediu a estagnação da arte logo após ás conquistas retumbantes da microscopia, da chimica biologica, da historia natural applicada. Porque foi o desassocego dos mestres que se não contentavam com a diagnose anatomica e com a etiologia, o que levou a medicina ao espaço novo, amplo e fecundo, definido por De Giovanni como ambiente condicional indispensavel, na consideração do facto clinico.

O mestre italiano observa quanto é ainda forte o preconceito que attribue toda doença a causas externas. Faz valer o individuo. E não andaremos longe da verdade, por nossa vez achando, que, no individuo, na maioria dos casos o medico apenas encontra, estuda e procura curar um symptoma particular de um grande mal do povo...

Felizmente começam a reconhecer que nos individuos doentes assistem ao epilogo dos males. E então, buscam prevenir a desgraça certos de que isso é possivel pela educação e pela eugenía.

Miguel Couto foi um pioneiro completo da arte renovada.

Os mestres no seu tempo de estudante poucas indicações pediam ás sciencias que hoje tão largamente assistem á clinica. Ao lado dos famosos profissionaes titulares do Imperio, que se contentavam em "ver a lingua" e "tomar o pulso" entre duas pitadas de rapé, socorridos pelo grande lenço d'Alcobaça, já Torres Homem pesquizava albuminuria, nas febres do Rio de Janeiro; outros commentavam o emprego do thermometro e Nuno de Andrade chegava á innominavel ousadia de aconselhar injecções hypodermicas.

Miguel Couto apparece entre os pregoeiros do progresso, cuidando de levar á clinica a contribuição scientifica mais apurada que os tempos iam permittindo.

A minha geração pôde ver o esforço que tiveram de fazer os pioneiros. Quando ahi por volta de 1900, appareceu a peste bubonica em Santos, partiram do Rio em trem especial dois medicos illustres — Chapot-Prevost e Affonso Ramos — encarregados de realizar o diagnostico bacteriologico do mal. Chapot Prevost, notavel professor de histologia e parteiro; Ramos, laryngologista de boa clinica, tinha por acaso o curso do Instituto Pasteur de Paris. Era o que havia de mais autorizado. Miguel Couto na sua cathedra, rompeu a marcha dos valores novos. Apenas Henrique Morize e Otto de Alencar na Escola Polytechnica haviam ensaiado para fins didacticos os Raios X e logo Miguel Couto conseguira inaugurar, brecha formidavel nas melhores tradições da "verdadeira clinica" um modesto laboratorio de roentgen-diagnostico no serviço da sua enfermaria. Ali vimos, alumos curiosos de 1903, a primeira ampolla; e foi alli tambem que pela primeira vez, num recanto escuro, brilhou aos nossos olhos uma substancia radioactiva, muito antes de se ter começado a applicação corrente da curietherapia. Foi tambem iniciativa de Miguel Couto a installação de um

galvanometro de corda"—"numa casinhola adrede construida no pateo ajardinado da Santa Casa — primeiro electrocardiographo da Faculdade de Medicina. Eis ahi em poucas palavras, que são apenas ementario de factos, como elle serviu ao ideal da medicina do tempo, em tudo quanto se relaciona com a sua constituição scientifica. Racional e Social, disse eu. Social foi igualmente a sua carreira, como poucas, neste paiz. Nos ultimos annos Miguel Couto vivia — elle que era a propria serenidade — vibrando de civismo, empolgado por dois problemas que são, ao mesmo tempo, questões de sciencia e da mais elevada arte politica : a educação do povo e a protecção da raça. Melhor que outro qualquer elle comprehendeu o problema educativo no Brasil ; é principalmente uma questão de recursos. A chave mestra do seu projecto era armar o poder publico com dinheiro bastante para realizar a conquista. Que se consagrasse em cada orçamente algo de menos miseravel, para custear a campanha do ensino. Continúo, ainda aqui, a formar entre os seus discipulos. E quero repetir mais uma vez : o problema da educação popular no Brasil, não é questão pedagogica ; é caso financeiro ou economico. Fóra dahi : congressos, conferencias, discursos...

E por amor á raça, Miguel Couto fundou o Congresso Brasileiro de Eugenia cujo exito memoravel não preciso recordar.

E' certo que no caso immigração não pensavamos inteiramente do mesmo modo. Num de seus ultimos e luminosos discursos o Mestre deu-me a immensa alegria de acceitar algumas opiniões, de que, ha annos, dissentia. Concordou commigo que não ha lei biologica nenhuma que desaconselhe os cruzamentos. E si alguem aqui com autoridade bastante de novo a formulasse, nos todos a demonstrariamos com o exemplo tangivel dos nossos mestiços, que conquistaram a terra inhospita e della tomaram conta. Mas appellava para razões de ordem

extra biologica; e, nesse terreno, eu até hoje não disse nada... A respeito do povoamento do Brasil, penso que os brasilianos precisam ser educados e não substituidos. E a respeito da immigração creio que, em nosso interesse proprio, o individuo immigrado importa muito mais que a sua raça. Individuo são, de boa herança, educado e instruido, senhor de um officio — não póde deixar de ser bemvindo. O Brasil não precisa de braços; mas precisa de gente que lhe traga ensino e cultura para que elle saiba, afinal, aproveitar os maravilhosos braços que tem.

A existencia de Miguel Couto, foi, para a nossa riqueza moral e espiritual, um thesouro de acções bellas, boas e fortes. A Academia Brasileira de Sciencias manda-me glorificar sua excelsa memoria. Sou nesta hora, o mais feliz dos seus discipulos.

CAPITULO XIII

QUANDO, ha mais de trinta annos, no Museu Nacional, comecei os meus estudos brasilianos, a figura de Hartt, extremamente sympathica entre os naturalistas estrangeiros dedicados á nossa terra, prendeu a minha attenção. O cuidado com que realizou as suas observações, a honestidade scientifica, a clareza da exposição, a visão ampla dos problemas, a emoção discreta que resalta de muitas das suas paginas consagradas a esta nacionalidade, a natureza de alguns trabalhos seus versando assumptos da minha predilecção — tudo concorreu para que a personalidade de Charles Frederic Hartt fosse ancorada na minha estima.

Quando a Sociedade Brasil-Estados Unidos possuir a sua galeria de notaveis, o retrato do sabio norte-americano deverá figura entre os primeiros, mas offerecido pelos socios brasilianos...

Nos meios scientificos do Brasil seu nome e seus trabalhos são constantemente recordados. Não ha geologo ou ethnologo deste paiz que delles prescinda. No Museu Nacional, de que elle foi professor chefe de secção, uma sala tem o seu nome. Mas o grande publico naturalmente não póde estar sempre ao par do que hajam feito ou vão fazendo os que trabalham nos recantos scientificos. Desse ponto de vista, a Arte ampara melhor os seus cultores. A arte serve-se das multidões; as multidões servem-se da sciencia... e por isso muitas vezes ignoram os scientistas de cujo labor tiram proveito. E guardam facilmente o nome dos artistas.

Longe de mim pretender nestas paginas apressadas traçar a biographia de Hartt, e compor um ensaio critico sobre a sua grande obra; o meu proposito é apenas evocar um nobre vulto que serviu ao Brasil e á Sciencia, honrando a patria norte-americana. E, tambem, nesta homenagem, pago uma divida contrahida commigo mesmo, na minha mocidade.

* * *

Charles Frederic Hartt nasceu na Cidade de Fredericton, New Brunswick, Canadá. Quando? Encontro em uma noticia biographica a data de 1840 para o seu nascimento. Mas, em 1878, segundo um documento official, morreu com 39 annos; logo, deve ter nascido em 1839. E estamos assim celebrando, de facto, o seu centenario.

Seu pae dirigia um Instituto de Ensino na America ingleza, e o joven Hartt concluiu os seus estudos no Collegio da Acadia, Nova Escossia, em Wolfville.

Ainda estudante, realizava pesquisas no terreno. O Professor Dawson descreveu alguns insectos fosseis, dos mais antigos descobertos pelo moço naturalista. Em 1862, encontramos Hartt trabalhando no Museu de anatomia comparada de Cambridge, sob a direcção de Luiz Agassiz. Cambridge, Mass, U. S. A., séde da Harvard, a mais antiga Universidade do paiz, residencia de Longfellow prolonga, na America, como todos sabem, a fama daquelle nome inglez de identico prestigio cultural. Agassiz, em diversos pontos de seus estudos referentes ao Brasil, não foi, positivamente, bem succedido. Mas era indiscutivelmente grande naturalista, mestrê de autoridade. Antes de ir da Suissa, sua terra de nascimento, para os Estados Unidos, ainda estudante teve a honra de receber de Martius, para des-

crevel-a, a collecção de peixes obtida por Spix, na viagem memoravel de 1817-1820.

Tenho criticado severamente algumas paginas de Agassiz, consagradas aos mestiços do Brasil: desejo aproveitar esta occasião para prestar-lhe a homenagem a que, por muitos outros titulos, tem direito. Foi grande amigo da nossa terra; e entre outras coisas que lhe devemos, acha-se a viagem de C. F. Hartt, seu assistente no Museu de Cambridge, de quem elle fez geologo da expedição de 1865-66, custeada por Nathaniel Thayer e excepcionalmente auxiliada pelo imperador Pedro II.

Não exaggero dizendo que, de 65 até o fim da vida, o Brasil constitiu o principal objecto dos estudos de Hartt. Como geologo da expedição Thayer, Hartt estudou a geographia physica e a geologia da costa do Brasil, entre Rio e Bahia, acompanhado por Edward Copeland, de Boston, naturalista voluntario de quem fez grandes elogios. Voltou aos Estados Unidos com Agassiz, mas não se demorou muito. Na primeira viagem, o Brasil o tinha impressionado de tal forma que, no anno seguinte, 1867, resolveu passar as ferias estudando particularmente os recifes coralinos dos Abrólhos. Recursos pecuniarios para esta segunda exploração foram facilitados por John Lockwood, de Brooklin; a New York Association for the Advancement of Science and Art; o Cooper Institute; Miss Chadeayne e outros benemeritos.

Na vida de Hartt essa excursão foi decisiva.

A hospitalidade com que, por, toda a parte, me receberam no Brasil — escreveu elle — a assistencia que me offereceram — "have made me love the land of the sabiá"

Accrescentava que o seu desejo profundo era servir ao Brasil.

Ao regressar da segunda viagem, publicou Hartt o seu grande volume "Geology and Physical Geography of Brasil", Boston, 1870, onde compendiou igualmente os resultados da sua actividade na expedição Agassiz.

Já então, era professor de Geologia da Cornell University. Nesse Instituto, fundou um laboratorio photographico. Em Ithaca, N. Y. fundou a Sociedade de Historia Natural. O Museu Nacional do Rio de Janeiro era bem modesto, não tinha ainda passado pela notavel reorganização do Ministro Thomaz Coelho, fôra em 65 soberanamente despresado por Agassiz. Mas em 70 merecia a attenção de Hartt.

Encontro, nos documentos do archivo do Museu, este aviso: "Ministerio da Agricultura, etc., 10 de Janeiro de 1870. — Tendo Ch. Frederic Hartt, professor da Cornell University, de New York, e autor de uma obra ainda não publicada sobre a geologia e geographia physica das provincias maritimas do Brasil, pedido uma collecção illustrativa dos nossos productos para o Museu daquella cidade, convém que V. S. informe se póde ser attendido o desejo manifestado pelo referido professor, ou até que ponto póde elle ser attendido. Deus guarde a V. S. Paulino José Soares de Souza — Ao Sr. Director do Museu Nacional".

Em Outubro do mesmo anno, achava-se Hartt no Amazonas, dirigindo a Morgan — Expedition (1870-1871). No verão de 74, obteve 5 annos de licença na Cornell University, e veiu de novo ao Brasil dirigir a Commissão Geologica do Imperio.

Devo a Euzebio de Oliveira, meu illustre amigo e collega na Academia de Sciencias, cópia do seguinte documento em que o proprio Hartt narra a fundação dos serviços que passou a dirigir em 75:

"Em 1874, tive a honra de receber de S. Ex. o Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira um pedido official de fazer uma proposta relativa á exploração sys-

tematica de Geologia do Imperio. e foi ao Rio de Janeiro, no fim do anno, submettido logo ao Governo Imperial um plano para esse fim. Não havendo verba sufficiente, S. Ex. o Ministro propoz que eu começasse em uma escala mais modesta do que a da minha proposta. E no dia 1.º de Maio de 1875 fui nomeado chefe da Commissão, sendo nomeado ajudante o Engenheiro Dr. Elias S. Pacheco Jordão, geologos auxiliares os Srs. Orville A Derby e Richard Rathbun, e praticante o Sr. Dr. Francisco José de Freitas. Tendo o governo me dado o direito de contractar um photographo, escolhi o Sr. Marc Ferrez, da Côrte".

Marc Ferrez — que era mestre na sua arte, deixou o nome aqui ligado a essa e outras iniciativas scientificas. Foi no fim da vida um habil conselheiro dos amadores de photographia, pouco numerosos no começo do seculo. Menino de calças curtas, muitas vezes procurei a sua loja, na rua S. José, defronte da Galeria Cruzeiro, para comprar material e principalmente o "papel sensivel", que elle mesmo preparava em grandes folhas. Orville Adalbert Derby, illustre discipulo de Hartt, foi seu continuador. Numerosos trabalhos dos mais interessantes e notaveis, deixados por C. F. Hartt, foram carinhosamente concatenados, revistos e publicados por Derby.

Derby, que eu conheci pessoalmente, nasceu em 1851, em Kelloggsville, N. Y. Era um erudito, mormente em geologia e historia do Brasil. Intelligente, espirituoso, sarcastico, um tanto desleixado, lembrava-me um pouco o meu grande mestre e amigo, Capistrano de Abreu, com quem elle mesmo andava muitas vezes ás turras, a proposito de velhos documentos. Com aquelle aspecto rebarbativo e *grognon*, adorava as pilherias, os *bons mots*... De um collega pouco assiduo, dizia elle: "F..... é um professor exemplar; chega a 1 e 30, e sae a 1 hora...!

Depois das criticas acerbas de Agassiz, o Governo Imperial tratou de reorganizar o Museu Nacional, que foi, apesar de tudo, o berço de quasi todas as sciencias neste paiz. O Decreto de 9 de fevereiro de 1876 póde servir de marco essencial na historia da velha casa. Ladislau Netto conseguia dar ao Instituto fundamental um solido arcacouço technico especializado. Nesse tempo, figuraram no quadro dos naturalistas do Museu Nacional, ao lado de illustres brasileiros, Ladislau Netto, Nicolau Moreira, J. J. Pizarro, Baptista de Lacerda, Ferreira Penna, dois estrangeiros de fama internacional: o grande Fritz Müller e C. F. Hartt. Mais tarde, Orville Derby tambem foi occupar a cadeira de Hartt.

Nomeado para o Museu a 2 de março de 76, Hartt, que já se achava doente, ao que parece de grave paludismo contrahido nas excursões, deixou o posto no fim do anno, enviando ao Director o seguinte officio:

> "Illmo. sr. — Como os trabalhos da Commissão Geologica precisam de todo o meu tempo, e presentemente occupam-me inteiramente, estou determinado de pedir immediatamente a minha demissão de logar de director da Terceira Secção do Museu Nacional, Deus guarde v. s. illmo. sr. dr. Ladislau Netto, digno director do Museu Nacional. — Rio de Janeiro, Dez. 21 de 1876".

Quando entrei para o quadro dos professores do Museu, trinta annos depois delle, encontrei nas collecções numero imponente de especimens provenientes da sua actividade; e ainda achei, na lembrança do habil preparador Eduardo Teixeira de Siqueira, meu muito querido amigo, as melhores recordações do sabio norte-americano, homem de enorme nobreza moral, affavel e bom. Entre os velhos papeis do Museu, en-

contro esta nota simples e significativa : na reunião dos professores, em 8 de julho de 76, Baptista de Lacerda insiste pela acquisição de um apparelho de projecções. Hartt, modestamente, á vista das difficuldades orçamentarias, offerece o seu, que declara : "com alguns reparos, poderá funccionar".

Pouco mais de um anno depois de deixar o Museu, Hartt fallecia. Conhecendo, mesmo de longe a sua sympathica personalidade, todos comprehendem o sentido desta noticia que foi publicada no "Jornal do Commercio" de 20 de março de 1878 : "Os professores e demais empregados do Museu Nacional, como manifestação de pesar pela morte do professor Hartt, membro correspondente e antigo professor do mesmo Museu, resolveram deitar luto por oito dias".

Hartt foi enterrado em São Francisco Xavier, quadro protestante, a 18 de março de 1878. Falleceu na casa n. 41 da rua Princeza Isabel, Rio de Janeiro. O attestado medico reza que o victimou uma *apoplexia*. Um jornal do tempo, — "Gazeta de Noticias" — diz que o naturalista morreu de *febre perniciosa*. A tradição corrente nos meios scientificos sempre attribuiu sua morte á *febre amarella*.

A 3 de maio de 1883 foram os seus ossos exhumados e transladados para os Estados Unidos. O "Novo Mundo", periodico de José Carlos Rodrigues, no qual Hartt sempre collaborou, tratando do seu desapparecimento, em abril e maio de 1878, informa que a viuva do professor e dois filhos menores residiam em Bufalo, N. Y. Accentuava a noticia os dotes artisticos de Hartt, que era bom musico e excellente desenhista.

Se, como disse e provou, o seu grande desejo era servir a terra do sabiá, cumpriu até morrer esse destino. A terra do Brasil recebeu os seus despojos como os de um filho querido.

Os estudiosos brasilianos, no centenario do seu nascimento, guardam o seu nome e cantam a sua gloria.

* * *

Os trabalhos de Hartt podem ser grupados em cinco titulos : 1) Geographicos ; 2) Geologicos ; 3) Ethnographicos ; 4) Archeologicos ; 5) Linguisticos.

As monographias geologicas especializadas de C. F. Hartt, que figuram na bibliographia da Geologia, Mineralogia e Paleontologia do Brasil, organizada por Alpheu Diniz Gonçalves, Boletim n. 27 do Serviço Geologico e Mineralogico, Rio, 1928, não têm, para este rapido ensaio, o sentido que offerece o grande volume publicado em 1870. O autor cumpre, no corpo do livro, a promessa do prefacio : trata de destruir "false impressions so current about Brazil and to make the resources of the Empire better known in America".

Depois de taes expressões o leitor não se admira de achar nos interessantes capitulos as notas de sciencia pura, geographia, geologia, botanica, zoologia, paleontologia, tudo de mistura com descripções, observações, commentarios de natureza historica, economica, social e até mesmo... commercial. Pragmatico, o nosso amigo Hartt, que teve como collega, na expedição Thayer, o celebre William James, fundador do "Pragmaticism".

Começa tratando do Rio e da sua bahia. Lembra, a proposito, que os primeiros colonos francezes deram ao Pão de Assucar o nome de *Pot de beurre*. Quem conhece as theorias de Agassiz a respeito da vastissima glaciação recente de quasi todo o territorio brasileiro, quem se recorda de que a sra. Elisabeth Agassiz, sua esposa e chronista da expedição de 65, mais de uma vez se refere á "caçada dos geleiros..." que o mestre en-

contrava, logo de sahida, em todos os logares por onde andava, não póde deixar de sentir aguda curiosidade pelas notas de Hartt a respeito do *drift*, das *morainas*, das *rochas encarneiradas*, dos *blocos erraticos*, dos rochedos *estriados*, signaes de glaciação que o chefe da Thayer Expedition andou descobrindo a cada passo.

Hartt está longe dos geologos modernos, como Branner, que affirma — "No Brasil, não houve época glacial"; tambem não está de accordo com o velho Schuch Capanema, para quem os blocos soltos são devidos "á decomposição dos penedos" — (1866). Hartt pensa que muitos dos suppostos blocos erraticos do seu mestre Agassiz, são de facto resultado da decomposição *in-situ*; mas deixa bem claro, no seu livro, que o phenomeno glacial, por estas bandas, foi real: "I should infer that Dr. Capanema is a disbeliever in the glacial origin of the surface deposits claimed by Professor Agassis *and myself* to be drift, and that he rather considers them to be the result of decomposition alone". No capitulo em que trata do Espirito Santo, figura um admiravel bloco, proximo ao Pão de Assucar, de Victoria, e accrescenta: Em nenhum logar vi melhor exemplo do bloco de decomposição — (*Boulders of decomposition*). Da colonia allemã de Santa Leopoldina, Rio Santa Maria e Ribeirão da Farinha, fundada em 1857. Hartt fornece preciosas informações para nós outros, que vivemos preoccupados com os problemas anthropologicos do Brsil. Primeiro, elle transcreve a narrativa de von Tschudi, dando conta de uma visita á fracassada colonia. Depois, accrescenta estas linhas: "There is a strong prejudice against Germans in this part of the country. They are represented as idle and given to drinking, and I am very sorry to say that it is fully confirmed by my acquaintance with those colonists I met in Victoria. Elsewhere the Germans make good colonists". Quem conhece *de-visu*, como eu, as

maravilhosas colonias allemãs do Sul do Brasil, sabe que Santa Leopoldina, no Espirito Santo, como São Bernardo, em S. Paulo acabaram na desmoralização e na penuria, por causa da pobreza das terras, da falta de communicações e principalmente por causa das doenças. Quando as condições do meio são precarias, falham todas as raças. Os males da raça, disse e repito, são males da fome e da miseria. Com essas duas tristes companheiras... falham os allemães, os brasilianos e outros quaesquer mais pintados.

No Rio Doce, Hartt visitou uma colonia de norte-americanos, cerca de 400 pessoas, provenientes dos Estados do Sul da grande republica.

Do Espirito Santo entrou para Minas Geraes pelo Mucury. Foi atacado pelo paludismo. Não morreu, segundo affirma, pelos cuidados de uma senhora Gazzinelli — "who took a mother' s care of me..." diz elle. Os nomes de plantas, animaes e os toponímicos geographicos são excepcionalmente bem reproduzidos na obra de Hartt. E' de um cuidado absoluto. Tudo certo. No entanto, ás vezes se acham nomes curiosos. Assim Aguada Nova, elle escreve Agua da Nova...

Descendo o Jequitinhonha, alcançou o naturalista o littoral, onde estudou os recifes de coral dos Abrolhos, temiveis inimigos dos antigos marujos, um dos quaes, hollandez, escrevia em 1624: "Captain and crew took the Sacrament before passing them!"

Era a região da pesca da baleia. Hartt descreve com toda minucia a vida dos baleeiros. Caravellas era o quartel general da grande pesca. Se o animal era grande, o arpoador recebia 120$. Hartt annota que o mil réis "has an approximative value of about fifty cents American currency"; o que, lido em 1938, dá vontade de rir ou chorar...

Hartt estudou minuciosamente os recifes dos Abrolhos. Os seus exhaustivos trabalhos são apenas citados,

um tanto displicentemente pelo professor Branner. Aliás não foi sómente ahi que o grande mestre de Stanford bem pouca attenção parece ter dado á obra de Hartt. No seu tratado encontro este nome citado, de passagem, umas quatro vezes ; o desenho do recife da Lixa, em frente a Caravellas, publicado na obra de Branner, é do lapis de Hartt.

Na Bahia, entre outras coisas, demora-se Hartt sobre o que lhe pareceu "barro impregnado de betume, capaz de fornecer gaz de illuminação e kerozene. E' a conhecida turfa de Marahú.

No capitulo consagrado á bacia do S. Francisco o mais interessante é o resumo das pesquisas de Lund, directamente feito sobre as publicações dinamarquezas de Renhardt. Mas a proposito da canalização do grande rio, Hartt affirma corajosamente que a maior difficuldade não provem de "Paulo Affonso", nor "Sabradinho". nor "Pirapora", but politics and the jealousies of those who have had anything to do with the matter". Ao menos, esse amigo não tinha papas na lingua...

Na viagem pelo interior da Bahia, elle acompanha o relato de Spix e Martius. Recorda que, nas vizinhanças de Cachoeira, achou-se no seculo 18, massa volumosa de cobre nativo, enviado a Lisboa e exposta no Museu do Principe com a seguinte inscripção ; "Maria I et Petro III imperantibus cuprum nativum minaerae ferri mixtum ponderis libr. MDCXVI, in Bahiensi. Praefectura prope oppidum Cachoeira detectum et in Principis Museo P. MDCCLXXII".

Do interior do Estado, Hartt transcreve notas de Spix e Martius, Burton, J. A. Allen.

Nos outros capitulos segue resumindo o que se sabia na época sobre as formações geologicas respectivas, das provincias do Norte. Chega-se então á Amazonia. Ahi a leitura cresce de interesse, porque Hartt, embora conhecendo a verdadeira paixão com que o seu

mestre, Agassiz, via geleiros por toda parte, inclusive um enorme, descendo dos Andes e formando o valle amazonico, vê-se obrigado a confessar a sua discordancia. Mas, assim, quiz dar uma grande prova de estima a Agassiz, e accrescentou que, apesar das discordancias impostas pelos factos, continuava convencido da verdade da theoria de Agassiz a respeito da existencia de geleiros "under the tropics" — a theory which I hold as firmly as he'.

O livro de Hartt traz um appendix, dedicado aos indios Botucudos — (Aymorés) — do Espirito Santo. Transcreve e compara informações de naturalistas que o precederam, Neuwied, von Tschudi e accrescenta muita coisa. Elle tinha grande gosto pelos estudos linguisticos, e dos Botucudos — Naknanuk recolheu vocabulario ainda inedito. De uma grammatica Tupy, composta durante os ocios amazonicos, deu-me noticias o meu illustre collega Rodolpho Garcia, Director da Bibliotheca Nacional; os Annaes da Bibliotheca Nacional Vol. 51 dentro em breve darão a conhecer esse trabalho de Hartt, que, com a sua autoridade Rodolpho Garcia considera notavel. Numerosos mythos amazonicos recolhidos por C. F. Hartt foram publicados nos Archivos do Museu Nacional. "No Amazonas, escreveu o geologo, quem não se interessar por algum outro ramo da sciencia, perderá muito tempo; porque, distanciadas, como são ali as localidades geologicas, elle terá, muitas vezes, de viajar dias consecutivos, sem poder fazer uma observação de importancia. Em 1870, acheime no grande rio, revendo o trabalho do professor Agassiz, e occupado em procurar provas para confirmar ou refutar a sua hypothese da origem glacial do valle do Amazonas. Em contacto intimo com a população indigena do paiz, interessei-me pela lingua, ou Tupy moderno, como falam em Ereré, Santarém e no rio Tapajós, e empreguei as horas de ocio em aprendel-a,

fazendo certo progresso na acquisição de material para esclarecer a sua estructura".

* * *

Euzebio Paulo de Oliveira, discipulo de Orville Derby, e, portanto, representante primacial da escola de Hartt, resumiu, em 1929, em erudita conferencia da série da A. B. E., o estado actual do conhecimento geologico da Amazonia. Corrigindo embora alguns pontos da historia geologica do grande valle, tal qual foi esboçada por C. F. Hartt, completando ou retocando á vista de numerosos trabalhos recentes, o que esboçou, em 1871, o grande mestre, Euzebio de Oliveira, mais uma vez, reconhece no fundador da Commissão Geologica o verdadeiro creador dos estudos systematizados da geologia brasilica. Nem era outra a opinião de Gorceix, expressa em 1889.

Não teria cabimento algum repetir aqui a lição de Euzebio de Oliveira sobre a formação do valle Amazonico, a começar pelas "terras nucleares" archeanas: Brasilia, ao Sul; Guyanis, ao Norte, ilhas macissas balisando o enorme canal primitivo. Mas não me parece fóra de proposito propor aos geologos do Brasil conservem, para o geosynclinal amazonico, onde se fez a sedimentação nos tempos geologicos — (siluriano, devoniano, carbonifero e cretaceo) — o nome que, de passagem, lhe deu o eminente director do Serviço Geologico: *Canal de Hartt.*

* * *

Entre as notas ethnologicas de ordem geral deixadas por C. F. Hartt, uma existe que, sendo absolutamente verdadeira, nem por isso despertou o interesse que merecia. Porque todo mundo — eu tambem... — ape-

sar do que elle demonstrou, nem por isso deixamos de persistir nas denominações erradas, que o uso consagrou : Tupy e Tupan.

Os indios do littoral do Brasil, divididos em numerosas tribus, falando a mesma lingua, mais ou menos, nunca se chamaram *Tupys*. Os primitivos chronistas mencionam Tupinambás — (Tuppin-Imbás), Tupiniquins — Tuppinikins)... Os tupiniquins applicavam aos vizinhos e inimigos tupynambás — o nome *Tawaijár*... Tupys — como designação geral das nações da costa, parentes e inimigas — começou a ser empregado pelos chronistas mais recentes — (Simão de Vasconcellos...) No Amazonas, nenhum indio de "lingua geral" é chamado *tupy ;* são todos *tapuias*. Hartt transcreve a phrase : Ixé tapuy' a xañeé tapuya ñeé a — Sou tapuyo e falo a lingua do tapuyo (tapuyá ñeéa). E tupy? Ninguem. Só na fala dos civilizados...

O padre Tastevin, em 1910, tratou exhaustivamente desse caso. A razão está com Hartt. Mas como ninguem sabe qual haja sido o nome commum ás tribus da "lingua geral" — nasceu, cresceu e firmou-se o Tupy. O caso de Tupan é igualmente curioso ; afinal, para denominar o Ser Supremo — Deus dos Christãos — por influencia dos missionarios, adoptaram os indios o nome do trovão, mas, como pondera Lery, os Tupynambás observaram, a principio, que um deus que assusta a gente, vale bem pouco...

A proposito, Hartt lembra as palavras do Padre Nobrega — "Esta gentilidade nenhuma coisa adoram, nem conhecem Deus ; sómente aos trovões chamam Tupane, que é como quem diz coisa divina, e assim nós não temos vocabulo mais conveniente para trazer ao conhecimento de Deus que chamar-lhe Pae Tupane".

Penso que Hartt tem razão quando faz derivar *tupan* do verbo *roncar*. Ao estalar o trovão, gritam ain-

da hoje no Amazonas certos tapuios; *Teapú-An*-Roncou!

O naturalista accrescenta: — "uma vez que os missionarios escolheram Tupán para significar a divindade christã,.. o mytho cresceu e é realmente curioso ver como desenvolveu-se nos livros sobre o Brasil. Os autores foram citando uns dos outros, philosophando, combinando e generalizando, até que o mytho de Tupan é agora um mytho dos livros, não dos indios".

A opinião de Hartt foi amplamente confirmada na exegese de Metraux, em 1928. A mythologia tupynambá admittia possivelmente um Deus, ou Deuses, creadores, guias, senhores. *Monan*, por exemplo, tinha sido, na informação de Thevet, o creador do céu e da terra, dos animaes; *Tupan*, nunca... Tupan, conclue Metraux, "c' est une sorte de génie ou démon qui n'était l' object d' aucun culte et auquel aucune prière n'était adressée Sur ce dernier point toutes nos sources concordent".

Fica-se a imaginar a surpreza e o grau de confusão mental dos pobres indios, ouvindo os meigos padres entoar todos os louvores ao "demonio roncador", que, para elles, até então, só tinha servido de importuno espalha-brazas...

* * *

Os Archivos do Museu Nacional começaram em 1876. Hartt fez parte da redacção e no primeiro volume publica duas memorias. Uma descreve alguns machados de pedra da collecção do Museu; a outra, apresenta ao mundo scientifico a ceramica dos admiraveis artistas da ilha de Marajó.

Cabe-lhe a honra de iniciar os estudos do surprehendente material que, em 1866, Agassiz, apezar de visitar a ilha, não levou em consideração. Será que já

então ninguem ainda houvesse descoberto as jazidas do lago Arary? Pouco provavel. O proprio Hartt diz que, em 1870. por occasião da sua primeira viagem ao Amazonas, Domingos Soares Ferreira Penna, naturalista do Museu Nacional e dos maiores que o Brasil tem conhecido... ou desconhecido, como quizerem... chamara sua attenção para a pequena ilha do Pacoval, no lago Arary, da ilha de Marajó, onde constava existir grande quantidade de louça fabricada pelos antigos indios.

Desde então, Hartt nunca mais abandonou a ethnologia do Brasil. Os estudos que realizou sobre material recolhido sob sua direcção por Barnard, Derby, Beckley, Penna, foram publicados nos Archivos do Museu Nacional, reunidos e revistos por Derby, commentados por Ladislau Netto, que foi o grande esteio das nossas investigações de tal especie. A maravilhosa ceramica de Marajó nunca mais foi desprezada. E, nos ultimos dez annos, tem encontrado um espirito de escol, superiormente apparelhado para estudal-a, na professora Heloisa Alberto Torres, que o Museu Nacional enviou a Marajó, em 1930, e a quem hoje devemos a melhor monographia sobre a materia, traçada com erudição, alto senso critico, e onde surgem interpretações originaes e seguras, verdadeiras descobertas no dominio da ethnologia brasiliana.

* * *

Quaes são as principaes jazidas archeologicas da Amazonia? Até que ponto é possivel, no estado presente dos nossos conhecimentos, interpretar-lhes a significação? São estas as questões que hei de considerar neste breve ensaio, para terminar.

Restos deixados por tribus de um mesmo grupo ethnico, ou por diversos grupos independentes apon-

tavam-se: 1 — Jazidas de Marajó, comprehendendo depositos lacustres em montes artificiaes — (Pacoval, lago Arari), e depositos ribeirinhos, (Camutins); 2 — Jazidas speleologicas de Maracá; 3) *Bluff-dwellers* de Hartt, Jazidas dos Altos, de Santarem, que Orville Derby achava melhor denominar restos do *povo da terra preta*, porque material semelhante ao de Santarém encontra-se nas margens do Tapajoz, do Trombetas e outros rios, "mas sempre em manchas de terra pre ta" coberta de matta; 4) Jazidas da costa do Parú; 5) Jázidas dos sambaquis, fluviaes e maritimos. Essa era a systematização de Derby, seguindo os estudos de Hartt e as investigações proprias. A divisão é acceitavel e corresponde, mais ou menos, aos caracteristicos do material fornecido pelas jazidas. As pesquizas recentes de Curt Nimuendajú deram um accentuado impulso no que se sabia a respeito da ceramica de Santarem. Nimuendajú conseguiu peças inteiras que permittiram identificar numerosos fragmentos até então mal definidos.

No Trombetas, um companheiro de Rondon, o sr. Barbosa de Faria, obteve material ceramico igualmente valioso para o estabelecimento de certas relações dos antigos habitantes da foz do Amazonas. Ha uns dez annos um joven e erudito naturalista do Museu Nacional, o professor Raymundo Lopes, teve a felicidade de desvendar uma importante jazida palethnologica, com accentuados traços amazonicos, nas destruidas palaffitas do lago Cajari, no Maranhão. A "arte do Cajari" lembra, por vezes, Marajó; basta ver os idolos de pedra encontrados pelo Prof. Raymundo Lopes. Mas apresenta, realmente, muitas caracteristicas individuaes: ausencia de figura humana, na ceramica, modelagem de folhas... Em Marajó, a cara humana foi dos mais torturados elementos ornamentaes, e as plantas, nunca aproveitadas na decoração.

O estudo da ornamentação delirante da louça de Marajó levou Hartt a formular uma interessante theoria da origem da arte. A musica, dizia elle, depende de effeitos physicos produzidos sobre o apparelho auditivo, o ornato esthetico não se póde explicar senão sobre a base da estructura do olho. Os ornatos mais antigos são feitos de linhas rectas, não derivam da natureza. A linha recta é a que exige, na sua percepção, o menor trabalho dos musculos motores do globo occular. Percorrer com os olhos uma linha recta, dizia Hartt, é como passar a mão sobre uma superficie perfeitamente polida. Nada ahi faz tropeçar, numa aspereza ou num desvio, o sentido interessado. Linhas parallelas, nem muito proximas nem muito afastadas, na sua theoria, podem ser comparadas aos accordes musicaes, em que ha sons diversos impressionando simultaneamente o ouvido. Das formas iniciaes que apparecem de accordo com a physiologia dos globos oculares, na sua movimentação, surgem as demais, sempre de accordo com verdadeira "selecção esthetica", na qual as formas que eu chamarei "dissonantes" desapparecem, em proveito das que, na phrase de Hartt, "dão mais prazer á vista".

A theoria de Hartt não parece estar de accordo com tudo quanto hoje se sabe da arte dos primitivos. Até porque, segundo os estudos de Max Schmidt, que esmiuçou exhaustivamente a technica dos trançados e dos tecidos sul-americanos, especialmente do Brasil e do Perú, ha muitas formas geometricas, do mais bello effeito esthetico— gregas e sygmoides admiraveis — que resultam apenas de imposições do material empregado na confecção da peça onde o ornato apparece...

Nas regiões em que predominam as palmeiras da folha de typo pennado, a arte indigena é pobre de motivos ornamentaes (Guatós, Bororos...). A folha flabeliforme "permitte numero avultadissimo de variações na padronagem fornecida pelos trançados".

A grande região dos maravilhosos trançados primitivos é a das Guyanas com o valle amazonico.

Assim não é demais dizer que foram as palmeiras que ensinaram aos artistas amerindios, insensivelmente, o mysterio das "gregas"...

A applicação da theoria de Max Schmidt á ceramica de Marajó, feita pela Professora H. Alberto Torres, veiu explicar de maneira admiravel numerosos traços da arte soberba da foz do Amazonas. E permittiu tambem, desde logo induzir uma conclusão importante: devem ter vindo pelas mattas do grande rio, aproveitando, durante seculos, os seus recursos na arte dos trançados, os ceramistas magnificos. Um outro ponto que tambem representa observação original da professora do Museu Nacional, diz respeito ao que chama "horror ao vazio": a decoração não parece ter sido feita para valorizar a peça; tem-se a impressão de que a peça foi feita... para supporte do ornato. Tudo é coberto de motivos, desenhados, gravados ou mesmo modelados.

Quánto ao sentido das manifestações artisticas encontradas nas velhas jazidas do norte do Brasil, ainda é muito cedo para conclusões anthropogeographicas; tudo parece indicar que se trata de reliquias de povos descidos do septentrião, pelo mar ou pelos rios... Mas, de facto, nada sabemos.

Um dia, eu mesmo, que detesto em sciencia, mas só em sciencia... a fantasia — puz-me a imaginar uma leva de homens influenciados pela cultura do Mexico e da America Central, chegando ao valle do Amazonas e ahi dividida em dois ramos: um subindo o grande rio, alcançando os altiplanos dos Andes, tendo como guia o genio politico, uma especie de Cezar pre-colombiano, conquistador e capaz de organizar. Esse grupo deu mais tarde um Imperio... O outro, descendo o grande rio até encontrar terra estavel, bôa para a vida facil,

ahi se lhe deparou material plastico de primeira ordem. Seu guia não foi como o do primeiro, um conquistador militar; foi o genio artistico. Esse grupo legou á posteridade o museu de Marajó. Mas não tinha capacidade de defesa. Desappareceu. Assim morrem os artistas nas mãos dos barbaros. O primeiro grupo teria repetido na America, mal comparando, o destino de Roma conquistadora e civilizadora de barbaros, alma do genio organizador das sociedades; o segundo grupo teria repetido aqui o milagre dos gregos, buscando em tudo a belleza, a linha suprema das harmonias definidas e morrendo, como devia morrer, suffocado pelo ambiente de aguas e florestas primitivas e grosseiras, cercado de gente incapaz de sentir o que elle andava realizando de esplendido, ali, onde a lucta dos seres que querem viver não permitte, por muito tempo, os momentos de abandono e ocio, para o sonho bom que recebe e embala e acalenta e nutre o pensamento artistico.

SEGUNDA PARTE

—

INSPIRAÇÕES DA TERRA

CAPITULO XIV

AGITANDO questões de sciencia, literatura, historia ou arte, tem a Commissão Organizadora da Exposição, promovido, na Escola Nacional de Bellas Artes, ha alguns annos, palestras de fundo cultural, abrangendo os mais variados assumptos. Nas poucas vezes que os meus trabalhos me permittiram comparecer ao salão de conferencias da Escola de Bellas Artes, verifiquei a presença de auditorio excellente. Falar, portanto, naquelle requintado ambiente espiritual, é honra e prazer. — Infelizmente não me foi possivel, este anno, levar ali alguns pobres commentarios ou suggestões, attendendo ao convite desvanecedor dos illustres artistas. Não desejo, porem, furtar-me a collaborar, com estes infimos recursos, na obra de alta educação artistica que emprehenderam. E' por isso que vou deixar, nestas linhas, o resumo do que desejaria ter podido dizer.

Ha cerca de trinta annos surgiu "Os Sertões" irrompendo na literatura nacional com a luz insolita dos seus clarões magnificos. Seja qual fôr o juizo que alguem possa formar a respeito do livro, o que ninguem ousará contestar é o espirito profundamente brasiliano nas suas paginas esparso. Ali, todos concordam, ha, em cada trecho, quadros fortes, desde o eschema até aos grandes paineis. Euclydes da Cunha foi colorista vibrante e excepcional.

Os que pensam como eu, consideram "Os Sertões" o livro maior da nossa producção, no sentido de que nelle se retratam as qualidades e as faltas da terra e da

gente. Pois bem. Ha trinta annos, esse livro monumento espera os artistas patricios que o leiam, o meditem, se impregnem das inspirações da terra ali acolhidas e componham na téla, algumas scenas que o autor descreveu com tanta alma e tanta verdade.

O sertanejo, cégo transitorio, que vae, tacteando pelo terreiro do casebre, empunhando um fogacho, afugentar a onça, cujo rugido amedrontou os filhos esqualidos, forneceria aos artistas que procuram assumptos brasileiros uma téla commovedora.

O "centauro bronco" "escanchado no rastro do novilho esquivo" e o "gaúcho victorioso e forte" não deram até agora algumas estatuetas que viessem substituir os productos em serie da pactoilha de Paris ou de Roma, nas vitrinas onde se expõem esculpturas que os homens importantes costumam receber nos dias de annos. Que formidavel painel espera a tradução pictorica do "estouro da boiada" !

Depois : "Volvem os vaqueiros ao pouso e ali, nas rêdes bambeantes, relatando as peripecias da vaquejada"... E o "desafio"? Outros tantos quadros que Almeida Junior teria, sem duvida, realizado, visto que são quasi irmãos de "Caipiras negaceando" ou "Amolando o machado".

O "preludio da secca" — na hora em que as caatingas pintam "mosqueadas de tufos pardos", depois das "chuvas de caju" é outra composição que espera os donos do pincel, aprumado um sertanejo no momento em que faz a prova das seis pedrinhas de sal. E eu imagino um rapaz destorcido, de rosto acabrunhado pela verificação de que a terceira pedra de sal não se deliu, juntamente a que corresponde ao mez em que iria encontrar a noiva !

E os quadros da vida religiosa? O oratorio? A procissão? A criança morta?

Almeida Junior, criador do "Judas" que "Conselheiro" não seria capaz de animar? Cabellos crescidos até aos hombros, barba inculta e longa, face escaveirada; olhos fulgurantes; monstruoso dentro de seu habito azul de brim americano; abordoado ao classico bastão, em que se apoia, o passo tardo dos peregrinos...

Quasi todas as paginas de "Os Sertões", são assim, estuantes de vida, suggerindo quadros, traduzindo inspirações da terra, á espera dos nossos artistas.

Quando algum delles me procura e pede notas ou documentos para uma téla "bem brasileira" onde deseja evocar lendas indigenas ou motivos selvagens... eu me lembro das télas esquecidas das paginas de "Os Sertões".

CAPITULO XV

A literatura, muito mais do que as artes plasticas e do que a musica, segue sempre a formação da nacionalidade. Depende muito de condições subjectivas, raramente satisfaz apenas os sentidos, exige collaboração, embora muitos acreditem, ingenuamente, que obras literarias significativas possam brotar em cerebros insulados.

Um povo não perde os seus mais fortes determinantes se recebe, acceita e pratica a pintura e a musica de outra origem. Mas difficilmente adoptará literatura extranha, sem perda de alguns dos seus valores. Não quero dizer que se desnacionalize porque leia poetas e romancistas de outras terras; mas ninguem negará que os versos de Petrarcha fazem mais pela "italianidade" do que os quadros de Leonardo. E' que a literatura vae onde as outras não chegam; não pára, nunca, na peripheria, emquanto que as côres, muitas vezes, morrem nos olhos, e os sons nos ouvidos. Por essa razão, ella define as nações.

No Brasil não é difficil reconhecer que assim foi, A nacionalidade e a literatura formaram um "systema" interessantissimo, que ha cerca de trezentos annos se desenvolve. Mas a seu lado, sem trabalho, todos encontram um outro movimento, de origem peninsular, que ainda hoje vae levando illustres escriptores.

Não me parece que a corrente dos que pertencem a este movimento, tenha tido por maximo conselheiro, apenas o padre Vieira, que Sylvio Romero chamou "um grande desnorteador literario dos brasileiros".

Tambem Camões andou influindo, naquelle sentido; basta ler qualquer dos nossos velhos poemas, ainda que sem falar no de Bento Teixeira Pinto.

Em todo caso, embora servido por muitos rimadores mediocres e escriptores de modestos recursos, o impulso nacional ganhou alento. Sem escolas, sem bibliothecas, sem imprensa — custa crer no que este povo realizou por si mesmo. O que a nossa gente conseguiu, no dominio espiritual, documentado na eclosão literaria, nada ficou devendo ao que fez na sublime arrancada material em direcção aos igapós e aos chapadões. O Brasil caminhou sempre rompendo difficuldades.

Ainda existem, talvez, alguns velhos dos tempos em que um brasiliano, alistado na tropa, não podia passar de tenente.

Na ordem social, quando muito, chegou a ser doutor ou frade.

Quando surgiu Euclydes da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "systema" de que falei ha pouco. Sem ir álem do ultimo seculo, nem falar dos contemporaneos, é sufficiente recordar Gonçalves Dias, Castro Alves, Alencar, Taunay... A verdade, porem, é que ella não tinha recebido, até então, outro alimento que não fosse o mais apurado classicismo, mau grado precarios disfarces romanticos ou revolucionarios.

Era, em essencia, brasileira; mas denunciava, a cada passo, a influencia européa, puramente literaria, quasi diria rhetorica. A sciencia quasi não existia para os "homens de letras", ou, ás vezes, existia demais...

Em geral, algumas gotas de mel grego, tragos de vinho do Latium e, principalmente, muitas flores recebidas da França. Cantava, de certo, a vida dos indios; lastimava a sorte dos negros; narrava a existencia e pintava ademanes dos typos do povo. Mas ninguem

tratava de vêr, pela sciencia, a terra e o homem que della é, a um tempo, senhor e escravo.

Euclydes da Cunha, antes de escrever — "Os Sertões" — tinha passado a existencia á margem da literatura, fazendo vida de engenheiro, ou viajando. Senhor de cultura scientifica segura, possuindo pendor natural para a philosophia, dono de optimas e variadas reminiscencias literarias, realizou, sem querer, o grande livro nacional, longe de qualquer deliberada preoccupação artistica.

Jamais imaginou que os artigos enviados, por encargo, ao "Estado de S. Paulo", dariam o imponente volume.

As grandes obras de todas as literaturas nascem espontaneas, como a prosa de Mr. Jourdain...

Para os sertões o artista seguiu ao lado do historiador, matizando os episodios pela emoção pessoal. E se o chronista não fosse homem habituado ás sciencias naturaes, daquella "diligencia policial" não brotaria nunca o maior livro do Brasil.

O sertanejo pagou com a vida o seu atraso ; o littoral não pôde comprehender o phenomeno social que Euclydes da Cunha poz em fóco, de um modo fulgurante. Só lhe faltou, ao grande criador, encontrar na mechanica o termo que a sua linda imagem suggere : a dephazagem social. "Canudos" e o "Contestado" — muito differentes do caso dos Muckers do Rio Grande — foram traducção do mesmo phenomeno, em regiões extremas do paiz. Casos de grande significado, provaram a unidade espiritual da população e documentaram a dephazagem historica do interior com o littoral.

Tudo nos "Sertões", é grandioso ; nem tudo, porem, é certo. Ja tive occasião de mostrar quanto me parecem precarias tres affirmativas de Euclydes da Cunha : sobre a questão do cruzamento, a fatalidade da

lucta das raças, o autochtonismo do homem americano. Para não repetir, basta recordar que elle, tendo feito um processo monumental ao cruzamento, conclue que a mistura de raças é um mal. Depois, accentúa que, em Canudos, o cruzamento tinha attingido ao maximo. E, adiante, mostra que os mestiços, ao invés de degenerados e pusilanimes trapos humanos despreziveis, que a theoria prophetizava, eram gente que se podia comparar aos heróes de Homero (Troya Sertaneja...); eram "titans"; eram, "antes de tudo, fortes"; eram dedicados, sobrios, resistentes; eram honestos ao ponto de entregar toda descendencia de uma novilha desgarrada no seu campo, ao cabo de muitos annos, ao dono verdadeiro de quem fugira a rez...

Assim, como fez Euclydes da Cunha, consinto, sem protesto, que falem mal dos nossos mestiços. Mas..., como elle fez; exponham a "theoria" predilecta, contraria ao cruzamento, e depois narrem, honestamente, o que a "pratica" tiver demonstrado...

Com "Os Sertões" viu-se, pela primeira vez, no Brasil, o "espirito scientifico" concorrendo para a edificação de um gande monumento literario.

Não digo que tenha sido o primeiro livro literario com preoccupações scientificas; isto seria inexacto... e a literatura resultante teria sido, certamente, deploravel. O que desejo affirmar é que Euclydes da Cunha mostrou como se póde tomar base logica scientifica, para supremas construcções literarias. O que ha de notavel, nos "Sertões", desse ponto de vista, não é a minucia technica, ás vezes até inacceitavel; é o "espirito scientifico", que trava todo o edificio.

Houve tempo em que se acreditava que a "verdade" repelia a "belleza" ou, pelo menos, della não precisava. Euclydes da Cunha provou que elegancia e vigor de phrase, imagens rutilantes, sombras e colorido, que são do manejo corrente dos bons escriptores, nada

perdem quando o autor conhece bem as relações que ligam os phenomenos descriptos — o que, por si só, caracteriza o "espirito scientifico".

Um escriptor desse porte não poderia ter surgido, aqui, senão depois de 70, ou mesmo de 89 ; só poderia apparecer depois da crystalização de certos elementos da nossa vida social.

As bellezas do grande livro, e até os seus defeitos, nasceram de factores que condicionaram a vida mental das ultimas gerações do imperio.

Foi o livro manifestação natural ; surgiu, livremente a seu tempo, como a arvore que brota de uma semente humilde, quando o sólo consente, sem hora fixa nem destino, no meio da matta, sem outros cuidados alem dos que lhe dão os raios do sol, a agua e o ar.

Muitos leitores têm-se detido diante do encanto do "estylo" de Euclydes da Cunha. Não é por ahi, seguramente, que eu mais o admiro. E', de certo "estylo" pessoal, que recorda, como disse Araripe, algo das nossas cachoeiras, impetuosas, cheias de força e, ao mesmo tempo, envoltas em delicadas irizações, graciosamente disfarçadas na gaze fina do nevoeiro que o vento esgarça.

Percebe-se, naquelle estylo, a influencia da raça sonhadora, tocada do romantismo, que tanto tem pesado ás nossas gerações activas...

No entanto, penetrando profundamente na obra de Euclydes da Cunha, vê-se que, ali, a forma vale muito menos do que o conceito.

"Os Sertões" — é o grande livro do Brasil porque elle soube, ali, indicar á élite dos seus compatriotas, com a verdade de uma formula imponente, as feições mais caracteristicas do paiz. E'certo, porem, que outro qualquer, no lugar de Euclydes da Cunha, não teria sido escutado, mesmo quando houvesse posto na obra igual

espirito scientifico. Para ser ouvido, é preciso falar de certo modo... Foi o que aconteceu em "Os Sertões", escripto para a alma ardente de um povo inquieto, Dahi o encantamento. Era novo — porque não era classico; mas agradava porque as verdades scientificas ali estavam apresentadas com desejado brilho romantico. Syntonia. Um exemplo? A descripção do sertanejo victima da hemeralopia, doença da cegueira nocturna transitoria — a "dysopia tenebrarum" dos antigos. Vem a secca. Fogem as seriemas em busca de outras chapadas; as jandaias procuram as costas do mar; os morcegos, aos bandos, atacam as rezes esqualidas. Protegidos pelos pedrouços, ao calor constante, evoluem em melhores condições os ovos das cascaveis que proliferam á solta. A' noite, vem a onça esfaimada rondar o casebre. Então o sertanejo, tropego, sahe ao terreiro, empunhando um tição que deve afugentar a féra:

"Nem sempre, porem — fala Euclydes da Cunha, — póde aventurar-se á façanha arriscada. Uma molestia extravagante completa a sua desdita — a hemeralopia. Esta falsa cegueira é paradoxalmente feita pelas reacções da luz; nasce dos dias claros e quentes, dos firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos ares em fogo sobre a terra núa. E' uma plethora do olhar.

Mal o sol se esconde no poente, a victima nada mais vê. Está cega. A noite afoga-a de subito, antes de envolver a terra. E na manhã seguinte a vista extincta lhe revive, accendendo-se no primeiro lampejo do levante, para se apagar, de novo, á tarde, com intermittencia dolorosa".

Hoje sabemos que a "plethora do olhar" é uma questão de privações alimentares, porque essa hemeralopia symptomatica parece uma avitaminose. E', pois, romantico. Mas é romantismo essencialmente patrio. Isso é fundamental.

A "introducção do espirito scientifico" na literatura historica, o "colorido romantico" que elle deu, talvez sem querer, a todas as suas grandes paginas, synthonizando-as com o meio intellectual, a "identificação do escriptor com a natureza", cujos accidentes elle estava perfeitamente bem preparado par entender, são parametros da grande figura.

Percorro toda a nossa historia literaria e penso que "Os Sertões" serão, no futuro, para o Brasil, o grande livro nacional ; o que "D. Quixote" é para Hespanha ou "Os Luziadas" para Portugal ; o livro em que a raça encontra a floração das suas qualidades, o espinheiral dos seus defeitos, tudo o que, em summa, é sombra ou luz na vida dos povos.

CAPITULO XVI

LENDO, ha muitos annos, a obra de Menard, que todos conhecem, livro em que o autor evoca a existencia quotidiana dos antigos, senti profundamente o instavel, o apressado, o incerto, o movediço da nossa vida brasiliana. Quatro seculos! Que vale isso? Que seriam os homens do Brasil, no tempo das Cruzadas? Os proprios indios actuaes dão ao ethnologo a impressão de viajantes que acabam de chegar.

Como estamos longe do autochtonismo que enthusiasmou Julio de Moura, um dos meus illustres antecessores no Museu Nacional!

Como viviam, moravam, comiam e vestiam os nossos avoengos? Que foi a nossa "Idade Media"? Nas velhas fazendas, que conheci, pude ver ainda monjólos, moinhos de pedra lióz, espivitadeiras para candeias, palmatorias para velas... ou para bôlos, catres, arcas de madeira entalhada; e — tristissimos documentos! — troncos, algemas e bacalhaus.

No Rio Grande do Sul, perto de Cidreira, na casa modesta e bôa de Thomaz Antonio, deram-me em 1906, xarque e farinha servidos por colher de prata massiça, dos tempos da Colonia. E', mais ou menos, tudo. Assim, o livro admiravel, que Alcantara Machado acaba de publicar, veiu encher de alegria os apaixonados das velhas tradições. E' obra de reconstituição historica, obra de erudito dono de apurado gosto. Um Vieira Fazenda, paulistano, differente, comtudo, daquelle meu velho mestre, porque sabe dizer as cousas de maneira muito mais pessoal. Fazenda não era escriptor. Nota-

va com graça o que desejava divulgar ; mas sempre ficou longe da elegancia tersa e discreta que encontro em Alcantara Machado. Por outro lado não teve jamais preoccupações sociologicas. Dizia o que o estudo dos velhos papeis lhe tinha ensinado como quem se contentava em separar o material, sem pensar em construir.

O autor da "Vida e Morte do Bandeirante" não se detem apenas no respigar os episodios. Cada qual lhe serve, á medida do preciso, para inducções de ordem geral que, muitas vezes, explica, á luz do que fomos, o que somos hoje e havemos de ser amanhã.

Nos testamentos, achou o autor a grande fonte de informações. "Os inventarios coloniaes, diz Alcantara Machado, em nada se assemelham aos da actualidade. Estes serão de prestimo diminuto para os investigadores futuros. Faz-se pela rama a descripção dos bens. Ha muita cousa que não figura no monte, porque a inclusão repugna á sensibilidade contemporanea. São poucos os testamentos. Nelles não se descobre uma nesga sequer do coração do testador. Limitam-se á distribuição dos haveres. Têm a aridez e a frieza de um balanço".

Nos velhos papeis, onde os avós traçavam as ultimas vontades, ha muito mais. Ha retalhos de vida, confissões abertas, revelações, queixas, conselhos. Os bens são, muitas vezes, miseraveis utilidades gastas e poidas. Nos dois primeiros seculos a pobreza dos *ricos* é impressionante. De quatrocentos inventarios do seculo XVI, apenas vinte revelam menor indigencia. Os valores, na epoca, mediam-se por criterio muito diverso do que se usa hoje ; um *colchão velho* era avaliado em mil e duzentos ; uma *casa da villa* apreçava-se em cinco mil réis.

A *aristocracia rural* do Brasil, que em 1910, Pierre Denis caracterizou de tão clara maneira, teve suas ori-

gens, vemos agora pelo livro de Alcantara Machado, nos mais antigos costumes coloniaes.

O mobiliario — escasso aviamento! — a baixela, a roupa, a educação, a familia, as doenças e os remedios, a religião dos bandeirantes, são themas de outros tantos interessantissimos capitulos da grande obra do professor paulista.

O que nos conta, ás vezes, é commovente; "De livrarias, nem sombra... O proprio sentimento de papel de escripta é mesquinho. Em um pedacinho de quinze por doze centimetros estão o testamento de Paulo Bueno e os despachos que mandaram cumpril-o".

Em Dezembro de 1616, no sertão de Paraupava, o escrivão do arraial, á falta de outro papel, traçou o testamento de Pero de Araujo em um farrapo onde, nas costas, fora copiado o trecho dos "Luziadas" em que o Adamastor está prestes a surgir das ondas tenebrosas. Não havia, na terra, um só exemplar do livro de Camões. As estrophes soberbas caminhavam pelos refolhos da terra nova, na alma dos conquistadores. Talvez, por isso elles vencessem...

O lindo volume de Alcantara Machado termina em paginas de sobria elegancia sobre o sertão que attrahia a alma dos moços, como o desconhecido sem limites, como o grande mar ignoto arrastara os avoengos.

CAPITULO XVII

DISCIPULO de dois grandes mestres — Paul Rivet (de Paris) e Erland Nordenskjöld (de Goteborg) — o sr. E. Metraux acaba de ser investido na direcção do Museu de Tucuman (Argentina), á vista de excellentes credenciaes. E' um apaixonado pela ethnographia sul-americana, particularmente pela do Brasil e já tem publicado alguns volumes sobre os nossos indios. A sua monographia, de que desejo dar noticia nestas linhas, versa a respeito das Migrações Historicas dos Tupy-Guarany.

Para Metraux o que distinguiu aquella gente, desse ponto de vista, é que a perseguição européa não lhes tolheu, em grande parte, o impulso caminheiro. Algumas tribus *Caraiba* e a grande massa das tribus *Tupy-Guarany* representam as unicas sul-americanas que tenham buscado fugir aos brancos por meio de exodos colossaes. Em regra os indios quedaram-se nas regiões onde foram encontrados, ou dellas pouco a pouco se retiraram, para morrer mais socegados.

Os Tupy da costa brasilica, nos meiados do seculo XVI, realizavam a caminhada para o Amazonas. Não tinham ainda conseguido pleno dominio sobre os anteriores habitantes do litoral.

Assim, a linha da conquista era interrompida pelos Goyaná de S. Vicente, pelos Goitacá do Espirito Santo e, ao norte, pelos Teremembé do Maranhão, que o autor, com boas razões, exclue do grupo *Tupy*. Prova de que era recente a sua grande migração costeira é a homogeneidade da cultura dos *Tupys orientaes*.

Entre as migrações historicas mais antigas, lembra Métraux a dos *Tamoio*, narrada por Knivet e tão bem estudada por Theodoro Sampaio — realizada na direcção do Oeste, seguindo o Tieté. Acha verosimil a hypothese de Theodoro Samapio... mas acredita muito pouco em Knivet. A' Bahia chegaram os *Tupys* em vagas successivas, sendo a primeira a dos *Tupinambás* (Gabriel Soares) que devem ter sido os mesmos *Tabajára* (de Simão de Vasconcellos). Por esse tempo desceram do sertão bahiano os *Tupinambá* em busca da costa. Um grupo delles se destacou para a margem esquerda do São Francisco; foram os *Amoipira*.

Na costa da Bahia entraram os *Tupinambás* em lucta uns com os outros, coisa de que os colonizadores souberam tirar partido.

Tres migrações dos *Tupys* para o Maranhão, foram effectuadas muito depois de 1500. No tempo de Gabriel Soares, a costa, do Amazonas ao Parnahyba, era habitada por gente de *lingua travada* (Tapuya).

Claude D'Abbeville, em 1612, conheceu, no Maranhão, alguns indios testemunhas da primeira migração. Metraux acredita que os Tupys ali chegaram entre 1560 e 1580.

O padre Claude fornece indicações interessantes a respeito. Narra que os immigrantes vinham de lindas paragens, que descreviam como sendo cobertas de florestas. *Caieté* — seria o nome dessa encantada região, situada no tropico. Para fugir aos brancos tinham entrado no sertão, ganhando o norte pelo interior da terra. Tal qual aconteceu na Bahia, tambem no Maranhão, fragmentou-se o grupo *Tupinambá*. Não é facil identificar "os tupys que naquella época viviam debaixo do tropico". Métraux recorda os *Guarany* do Paraguay, os *Tamoios* e os *Tupiniquins* de S. Vicente. Tendo sido conquistada a Bahia de Guanabára, pelos Portuguêses, em 1567, admittindo a chegada dos indios ao Maranhão,

por volta de 1580, ter-se-ia cerca de uma duzia de annos para o exodo. A massa dos viajantes deve ter sido consideravel, visto que, em 1612, a ilha de S. Luiz do Maranhão contava cerca de 12.000 habitantes ; é muita gente... para tal viagem. O paiz de *Caieté* teria sido antes a região dos indios *Caeté*, entre o Paranahyba e o S. Francisco.

O *tropico* do padre andava errado.

Em 1605, chegava ao Maranhão a segunda columna *Tupy*, verdadeira invasão guerreira, commandada por um portuguez typo romantico, bem pintado nos livros da epoca. Identificado com os costumes e uso dos indios, senhor das minucias da lingua delles, ganhou o aventureiro uma ascendencia excepcional sobre os selvagens. Dava-se por filho de Deus, dono das forças do Universo, capaz de todos os prodigios. A' vista dos indios não comia, nem bebia, recusando o que lhe offereciam... como convem a um ser de tal origem. Reunira, nesse embuste, uns dez mil indios ; atirou-se á conquista.

Ajudados por alguns francezes, que logo trataram de desmoralizar aquelle grande feiticeiro, os *Potiguara*, da Serra de Ibiapaba, conseguiram reagir. O aventureiro morreu em combate e os seus Tupys volveram a Pernambuco.

Ao lado da primeira migração *defensiva* e da segunda *conquistadora*, foi a terceira entrada dos Tupys no Maranhão como verdadeira migração *religiosa*.

O grande movel da mystica translação foi a esperança de encontrar, um bello dia, a *terra sem males* — onde os frutos continuamente amadurecem e por si mesmos enchem os samburás ; onde a caça nunca falta e vem, sósinha, offerecer as carnes ao caçador.

Curt Nimuendajú, dedicado e competente ethnologo, hoje fixado na Amazonia, colheu entre os indios Tembé dos nossos dias o mytho de uma terra milagrosa que faz pensar no sonho do meigo poeta :

"De beaux fruits sans écorce muriraient...
Le travail ne serait plus qu' un jeu.
Car nous n' agirions plus que pour sentir nos forces..."

A lenda dos Tembé diz assim:

Maira — criador do Mundo — vive em *Ikaiuéra*, terra situada ao occidente do Pindaré e do Gurupi, a um mez de viagem da ultima aldeia dos Tembé. A casa de *Maira* é grande e rodeada de flôres. Ali as plantas uteis crescem expontaneas; ninguem as cultiva e ninguem precisa trabalhar para colher o que produzem. As aves nidificam no sólo: ninguem precisa trepar ás arvores para furtar os ovos. As abelhas enxarcam de mel o chão em que abrem colmeias. Os companheiros de *Maira*, deixam-se viver docemente... Seu trabalho — é dansar e cantar. Na terra de *Ikaiuéra* ninguem morre; só se chora de alegria... A gente só envelhece para poder sentir as glorias do rejuvenescimento, que vem coroar a idade avançada daquelles homens felizes.

Todos avaliam quantos anseios tiveram sempre os *Tembé* para alcançar a *Terra sem males*.

Em vão! Os mais velhos affirmam que outr'ora — tempos perdidos no abysmo das idades — alguns conseguiram chegar ao lugar das delicias em que mora o criador do Mundo.

Os mais moços, a estas horas, acredito, já estão começando a verificar que a gente só chega um pouco mais perto do reino de *Maira* a custa de muito trabalho — e envelhecendo de uma vez, na certa...

* * *

Entre as mais recentes migrações citam-se as que foram historiadas no sul, por Curt Nimuendajú. Trata-se do exodo, na direcção do Oceano, das tribus *Tanyguá*, *Oguauiva* e *Apapocúva*, vindas das fronteiras do

Brasil com o Paraguay. Os primeiros chegaram recentemente á serra dos Itatins; os segundos a Curitiba; os ultimos ao Ivinheima.

A monographia de A. Métraux consagra numerosas paginas a outros muitos movimentos migratorios dos Tupys. Entre elles não é possivel esquecer o que mereceu interessante estudo de Erland Nordenskjöld, proeza referida por Gandavo.

E' o caso que, ali por 1539, algumas centenas de indios da costa — os autores falam em 12 e 14.000, mas quando me falam em milheiros de indios, vou logo extrahindo a raiz quadrada — commandados pelo chefe *Uira-assú* (a grande ave Harpya, gavião de pennacho), tendo ao seu lado dois espertos portuguezes, um dos quaes se chamava Matheus, partiram das margens do Atlantico na direcção do occidente, em busca de "terras novas onde acharão immortalidade" na phrase de Gandavo.

Depois de grandes luctas com os indios do interior, ganhou a gente de *Uira-assú* o Amazonas e por elle seguiu até o Perú, onde em 1549, reza a chronica de Jimenez de la Espada, chegaram trezentos indios do Brasil á Chachapoyas, provincia de Motilones. Feitos ali prisioneiros. *Uira-assú* e mais cinco foram levados a Lima e apresentados ao vice-rei.

No caminho haviam morrido Matheus e o seu compatriota. A viagem durou, segundo Gandavo, tres a quatro annos; para outros chronistas, durou dez.

Serviu ao que parece, esta maravilhosa expedição dos brasilianos, para incitamento dos Hespanhóes do Perú, que desde 1550 principiaram a tentar a descida do Amazonas.

Em 1560, Pedro de Orsúa na "Jornada de Omagua y Dorado" — tomou por guia alguns dos fieis companheiros do glorioso *Uira-assú*, o "bandeirante desconhecido".

CAPITULO XVIII

A literatura de que podem dispor os estudiosos, a respeito do imperio incaico é consideravel. Mas o interesse dos autores não se esgota. Dois livros recentes, ambos, notaveis, acabam de entrar na immensa lista, um publicado em 1928 e outro em 1929. Este é obra de um grande amigo do Brasil, americanista dos de maior autoridade, o professor Max Schmidt, que depois de algumas importantes viagens de exploração ethnographica no interior de Matto-Grosso, por conta do Museu de Berlim, voltou á sua cathedra na Universidade para cumprir o tempo necessario á jubilação.

E logo que a sua carreira de mestre foi encerrada, — procurou de novo o Brasil. O illustre mestre reside hoje.. em Cuyabá.

O livro de Max Schmidt — "Kunst und Kultur von Perú" pertence a uma série consagrada á historia da arte editada por "Der Propylen-Verlag", de Berlim. E' obra monumental, pelo rigor scientifico com que o mestre soube apresentar o que se apurou, em relação á terra do Inka, e pela riqueza excepcional dos documentos graphicos reunidos no volume. Na introdução, Max Schmidt mantem o seu conhecido ponto de vista e despreza ou combate tudo quanto é hypothese gratuita. Do Perú pre-incaico o mais que se pode dizer é que foi theatro de varias elaborações culturaes successivas e não sómente contemporaneas. Considera pura fantasia e affirmativa, como facto provado, de velhas migrações asiaticas e até mesmo de migrações centramericanas responsaveis pelo espectaculo da cultura peruana.

Periodos "Protonasca" e "Protochimu", são talvez "schönklingenden Namen" — que é como quem diz : titulos sonoros. O autor não se esquece de mostrar a importancia que pode vir a ter o encontro, relativamente recente, de indios primitivos, pescadores, os "Uru", localizados no "desaguadero" que liga o Titicaca ao Aullagos, gente que fala idioma do grupo aruak (a lingua Pukina) — familia em que acreditam alguns tambem estar o dialecto dos marajoáras.

Devo dizer que as relações entre a America Central e o Perú não me parecem tão accidentaes como o autor admitte. Elle mesmo fornece optimo argumento a respeito do assumpto.

Depois de haver mostrado que, em todo o continente americano, só o velho Perú tratou da domesticação de animaes, de maneira significativa para a economia social, conseguindo mesmo "transformar" o guanaco em lhama e a vicunha em alpaca, Max Schmidt estuda o caso dos canideos.

As pesquizas de Nehring provaram que o cão dos peruanos não teve origem na Sul-America ; foi provavelmente forma derivada do lobo norte-americano (Lupus occidentalis).

A raça primitiva ("canis Ignae pecuarius"), teria fornecido, entre outros, os typos de *cão rasteiro* (Inkadachshund), e de *bulldog* — (Inkabulldog).

As numerosas mumias de animaes, encontradas no Perú, fornecem, como se vê, notaveis documentos ; No seu livro, Max Schmidt inclue photographias de araras, papagaios, macacos, tatús, cães, lhamas, mumificados.

Um excellente resumo do que se sabe actualmente da terra do Inka : cultura material, organização social, arte e religião serve de texto explicativo ao verdadeiro atlas archeologico e artistico que é essa grande obra.

Na collecção de gravuras, a ceramica tem predominancia accentuada, como seria de esperar.

O material é precioso por varios motivos. Todos sabem que os peruanos plasmaram, nos seus vasos, toda a vida nacional. Até mesmo as doenças estão documentadas na ceramica. Mas é precisamente porque os chronistas copiaram servilmente a natureza que falta á sua arte certo cunho de emoção superior, certo laivo de fantasia e devaneio que a gente encontra na arte marajoara. Marajó tem muito menos technica ; o seu barro é até mal cosido. Mas a ousadia da inspiração nos motivos ornamentaes não encontra parelha nas copias fieis, ás vezes infantis, que formam o grosso da ceramica dos Andes.

O outro volume realtivo á terra do Inka faz parte de uma notavel collecção de monographias editadas pelo Instituto de Ethnologia da Universidade de Paris, dirigido pelo nosso eminente amigo Lévi-Brühl : "L' Empire Socialiste des Inka" por Louis Baudin, professor em Dijon.

Era, de facto, o Perú socialista? O autor admitte, como um postulado, que a racionalização da sociedade, a annulação do individuo, a tendencia á igualdade e a suppressão da propriedade privada são os caracteristicos fundamentaes do socialismo. E depois de uma profunda analyse da vida peruana, conclue que houve alli, a superposição do socialismo do Estado ao collectivismo agrario.

O regionalismo collectivista é anterior á conquista inkaica ; sobre elle, o socialismo dos imperadores semi-divinos compoz alguns aspectos sociaes variaveis segundo as regiões. Por isso, acredita Baudin, muitos foram levados a contestar a indiscutivel unidade do imperio. E' que o Inka respeitava, o mais possivel, os costumes dos povos conquistados.

A maravilha social, que o Perú prehistorico representa, ganha relevo particular quando se considera o isolamento em que se desenvolveu. Todos os grandes estados do mundo antigo ajudaram-se mutuamente, no caminho da cultura, mesmo quando se attritavam.

Comprehende-se muito bem, diz o autor, a surpresa dos hespanhoes ao descobrir alli cidades, templos, palacios, estradas, depositos publicos atulhados de riquezas, um povo, em summa, admiravelmente bem dirigido e que, no entanto, desconhecia a roda, o ferro o vidro e a maior parte dos utensilios usados na Europa. No momento da conquista, a terra do Inka acabava de attingir ao fastigio do seu desenvolvimento.

E, no entanto, a sua historia é muito menos antiga que a do Egypto ou a da Assyria. Si o Perú nos dá igual impressão de antiguidade, pensa Baudin, é que "afastamento, no espaço, equivale ao recuo, no tempo".

O livro de Baudin ê admiravelmente bem documentado. No capitulo inicial, elle refere as fontes de informações de que hoje dispomos. E classifica os autores em;

a) os que viram o imperio inka: Francisco de Jerez, de Sevilha, Secretario de Pizarro; Juan de Sámanos, Cristobal de Molina, Juan de Betanzos, esposo de uma irmã de Atahualpa, senhor do idioma quichua; Pedro Sanchez de la Hoz, chronista official da conquista. E cita a celebre carta do proprio Pizarro;

b) os que chegaram ao Perú logo após a destruição do imperio;

c) os que na Europa, recolheram as noticias das proezas hespanholas nos Andes: o Bispo Las Casas, Francisco Lopes de Gomara, Oviedo, Herrera, etc.;

d) os que recolheram, no Perú, as velhas tradições dos descendentes dos Inkas: Garcilaso de la Vega, Pedro Sarmiento de Gamboa, etc.;

e) os historiadores do seculo XVII;
f) os do seculo XVIII;
g) os do seculo XIX;
h) os modernos;
i) os historiadores de Quito.

Com esse formidavel cabedal, Baudin esmiuça a terra do Inka, de um modo realmente notavel. Folheando o trabalho desse professor de uma Faculdade de Direito, que sabe discutir como um naturalista as riquezas naturaes e as condições geographicas do pais que analysa, a gente se lembra, sem querer, dos que perguntam ingenuamente, para que precisa de historia natural um alumno de sciencias sociaes?

Considerando, com minucias, a hostilidade do meio em que floresceu o imperio Inka, Baudin conclue: *Tout y était inférieur, excepté l'homme.*

Qual a origem daquelles homens excepcionaes que conseguiram o milagre de tão alta organização social naquelle meio pauperrimo e hostil?

Baudin acceita a theoria, hoje em voga, da origem asiatico-polynesia e australiana para os amerindios. Mas ao Perú teriam chegado depois de haver demorado no valle amazonico.

Tudo levaria, assim, a crer que foi do Brasil a gente povoadora dos Andes. Vindos do norte, pelo caminho das Antilhas, uns teriam descido o Amazonas e perpetuado, em Marajó, a força espiritual da sua arte; outros teriam subido o grande rio e, mediante a disciplina que os Inkas conseguiram implantar no seu conjuncto, e pela necessidade de luctar constantemente com a terra ingrata, foram retemperados nos seus melhores attributos e deram o imperio surprehendente.

Em Marajó... a terra era outra e faltou a dynastia organizadora. Faltou o Inka. A origem dos grandes

chefes passa, dest'arte, a ser o problema essencial. O enigma se desloca. E a respeito de origem dos Inkas tudo é ainda hoje lenda. De Manko-Kapak, o primeiro Inka, personagem perfeitamente logico a Huayna Kapak, o ultimo soberano, pae de Huascar e de Atahualpa, irmão inimigos, cujas luctas facilitaram a obra de Pizarro, governaram o Imperio doze chefes. Na epoca da conquista, o imperio tinha dois seculos de vida organizada. Estendia-se, então, do rio Ancasmayo, o segundo ao norte do Equador, ao rio Maule, 35 graus ao sul. A terra do Inka possuia, segundo algumas estimativas, seis milhões de kilometros quadrados, cerca de doze milhões de habitantes...

Baudin entende que é um erro acreditar, com os marxistas, que os factores economicos tudo explicam. No entanto, depois de analysar magistralmente os fundamentos economicos do imperio inka, conclue que a lucta da população pela conquista do alimento foi um dos elementos determinantes da politica peruana.

O alicerce social do imperio foi, porem, muito diverso de igualdade, foi a estratificação. A sociedade inka era extraordinariamente hierarchizada. A igualdade, si existia, era dentro de uma mesma classe. Uma igualdade militar: todos os soldados são iguaes.

No fundo, o estado era mesmo theocratico: o Inka, filho do sol, era quasi adorado como deus. Velasco, citado pelo autor, escreveu que o Inka construiu o throno sobre a alma dos seus subditos e não sobre o seu sangue. Encontro ahi algo que me recorda o prestigio espiritual do Mikado. A base religiosa do imperio resulta ao mesmo tempo de tudo isso.

A sabedoria dos chefes deu-lhes conselhos de tolerancia sem os quaes não teria sido possivel a construcção admiravel: os deuses locaes adorados pelas tribus conquistadas eram solemnemente enviados ao santua-

rio de Cuzco, o templo do Sol. Cada indio, lá no seu rincão, sabia que o seu fetiche era posto no mesmo altar deante do qual o Inka se prostrava. Espertos Inkas!

O maior elogio do imperio, escreve Baudin, acha-se contido no testamento de um dos soldados de Pizarro: "aqui não ha nenhum ladrão, nenhum vadio, nenhuma adultera"...

O Pharaó do Egypto erguia monumentos grandiosos, chicoteando os vassalos, e, ao ganhar as guerras, escravisava os vencidos; o Inka levantava monumentos equivalentes, mas era obedecido como pai e prestava homenagens ás crenças espirituaes das tribus conquistadas.

Abaixo do Inka, os funccionarios (governadores, generaes) garantia da organização civil e os representantes da religião e da sciencia (Amautas) encarnavam o estado. A communa agraria vivia, embora quasi livre, dentro daquelles quadros. Em todo o caso, o principio das castas era a regra. Poucos individuos conseguiam sahir da infima condição e attingir postos superiores aos da sua classe.

A communa agraria nascia do clan patriarchal. Era primitivamente *totemica:* puma, condor, serpentes, etc. Ao clan (aylú) correspondia a propriedade do solo: um verdadeiro *collectivismo familiar*, no inicio. Havia tambem *propriedades do Estado* e *propriedades particulares:* casa etc.

O trabalho material ou intellectual era obrigatorio. Só os enfermos, os velhos e os incapazes eram isentos da contribuição. Até as crianças, a partir dos cinco annos, deviam realizar algum serviço. Mesmo os cegos tinham a obrigação habitual: debulhar milho.

Uma das maximas preferidas pelos Inkas dizia que era preciso trazer o povo sempre occupado. O trabalho

não era apenas um meio de augmentar as subsistencias, era um fim altamente educativo e moralizador. Hoje na Europa, diz Baudin, a tendencia dos legisladores é procurar augmentar os ocios das massas populares. Os Inkas, ao contrario, inventavam serviços e emprezas para que ninguem estivesse vadio. Assim o systema inka, era diz o autor com certa graça, uma *économie non-euclydienne.*

Nem se imagine, porem, que havia tyrania nisso tudo. Ao contrario. Sabias disposições regulavam a actividade dos obreiros: dias de descanço, festas, banquetes... officiaes.

Certas industrias prejudiciaes á saúde foram interdictas: mineração do mercurio, pesca de perolas, etc. O serviço agricola era equiparado ao serviço militar. De 25 a 50 annos todos os homens validos eram obrigados a qualquer dos dois.

Quando, após a conquista, o governo hespanhol resolveu imitar o que faziam os Inkas e determinou que os indios fossem obrigados a trabalhar, os resultados não corresponderam ás louvaveis intenções. Faltou a condição imponderavel mas decisiva: o vice-rei não era Filho do Sol.

E' bem possivel que o maior instrumento do governo do Inka tenha sido a *estrada.*

Antes do seculo XIX nenhuma nação, nem mesmo o imperio Romano, conheceu estradas como as peruanas *en longueur et solidité.*

Eram felizes os peruanos governados pelo Inka? Parece. A disciplina militar e a disciplina economica — as duas pautas da vida — haviam promovido o desapparecimento do individuo. Trabalhavam cantando, deviam ser felizes, mas a custa do aniquilamento da propria personalidade. No fim de contas cons-

tituiam o que Baudin chama *une ménagerie d'hommes heureux.*

O Estado conseguiu destruir dois grandes males: a pobreza e a ociosidade. Mas obteve esta victoria a custa de dois sacrificios enormes: a destrução, na alma popular, da iniciativa e da previdencia. Nem foi por outra razão que os cento e poucos hespanhóes de Pizarro desarticularam facilmente o surprehendente systema social da terra do Inka.

CAPITULO XIX

Os homens da minha geração ainda conseguiram ouvir os écos dos antigos doutores coimbrãos para quem tudo estava no "saber falar".

Ha uns trinta annos, em todo o Brasil, o "moço que fala muito bem" — conseguia tudo, inclusive postos da maior responsabilidade scientifica. Não se indagava mais nada.

O essencial não era saber as coisas, mas falar bem das coisas que os francezes sabiam...

Recordo-me de que, na occasião do primeiro surto da peste bubonica, importada de Lisboa para Santos, o Governo procurou durante muitos dias quem pudesse fazer, autorizadamente, um diagnostico bacteriologico. Felizmente havia, no Rio, Eduardo Chapot Prevost e Affonso Ramos que era discipulo do Instituto Pasteur. Nesses trinta annos, a cultura technica tomou impulso realmente notavel. Não devemos confrontar apenas o que temos, com o que precisamos ter; é necessario lembrar o que não tinhamos...

Penso que o nosso ensino experimental, no que diz respeito ás *necessidades praticas*, do ponto de vista *utilitario*, acha-se iniciado de maneira promissora.

Onde, porem, tocamos á indigencia — é no que respeita aos centros experimentaes de *sciencia pura*, laboratorios de pesquiza ou ensino, sem mira de lucro immediato.

Ahi ha quasi tudo a fazer.

A começar pelos institutos de ensino secundario, os quaes, na minha humilde opinião, deveriam ser con-

siderados o melhor de qualquer programma educativo. Não será possivel ao Brasil ter a cultura necessaria sem gymnasios, mesmo quando fosse possivel sem elles ter universidades. Não foi a tôa que as materias gymnasiaes mereceram designação de "humanidades".

Pois bem. Quantos gymnasios no Brasil possuem um simples microscopio? uma lanterna de projecções?

Isso, quanto ao ensino technico secundario. Quanto aos centros de pesquiza experimental, verdadeiros laboratorios da Sciencia, não podemos deixar de reconhecer que nos ultimos vinte annos elles se affirmaram de modo seguro. Basta correr as publicações scientificas que o Brasil hoje espalha pelo mundo e comparar com o que espalhava em 1889...

De sorte que, em resumo, a maior falha do nosso ensino technico é verificada na *indigencia dos nossos gymnasios, quanto á laboratorios e gabinetes.* Penso que "em sciencias naturaes — quem não mostra não ensina".

Creio que os nossos *laboratorios de pesquiza* precisam mais de pessoal do que de material. Cada vez está sendo mais difficil recrutar pessoal capaz. A industria e o commercio — o ouro — faz aqui, como em toda a parte, terrivel concurrencia ao saber desinteressado. *Que futuro,* no sentido pequeno do termo, espera um rapaz que se faz botanico ou ethnologo? Astronomo?

A maior falha nos laboratorios officiaes, para que a nação tire todo o proveito do dinheiro que gasta, provem do emperrado mecanismo fiscal. Com as mesmas verbas modestas que têm, os nossos institutos poderiam fazer o *dobro* do que realizam, não fossem as complicações. Si o governo entregasse a cada ministerio as verbas das suas repartições, dinheiro que só poderia ser gasto mediante approvação de um determinado conselho economico de cada instituto — teriamos um gran-

de passo no sentido do desenvolvimento da sciencia experimental. Já disse e agora repito. "A sciencia hoje custa mais caro do que as joias". Os livros e as revistas são tanto mais importantes que certos apparelhos. Qualquer volume dos mais simples, vale hoje 3 a 8 dollars (60 a 160 mil réis). De sorte que nada justifica a existencia de um riquissimo laboratorio sem bibliotheca de igual tomo. Direi mais, prefiro um modesto laboratorio provido de bons livros. Quem tem pratica dos trabalhos de pesquiza de laboratorio sabe que a maior parte dos problemas technicos são resolvidos por meio de apparelhos construidos na occasião pelo proprio experimentador.

Apparelhos custosissimos, que a gente vê descriptos nos catalogos — (todos os technicos sabem disso) — são muitas vezes material para "inglez ver".

Ao lado dos livros e dos instrumentos essenciaes, não é possivel deixar de falar da urgencia da publicação dos trabalhos feitos. Não é por vaidade, nem para dar nome aos trabalhadores. E' para documentar as pesquizas e impedir que se percam, como aconteceu no passado, com os de Frei Leandro, Alexandre Rodrigues Ferreira e tantos mais.

Em conclusão : estamos na hora de formar pesquizadores. Isso é vital para o Brasil e depende principalmente *do ensino technico gymnasial.* De accordo com estas idéas foi creado o Serviço de Assistencia ao Ensino da Historia Natural do Museu Nacional e assim desenvolveram-se as suas publicações.

CAPITULO XX

EU já sabia, por ouvir dizer, que o imperador mantinha correspondencia com alguns vultos dos mais eminentes na sciencia, nas letras, nas artes, da Europa e da America. Ha cerca de um anno, lendo o volume que sobre o conde Arthur de Gobineau escreveu Maurice Lange, professor da Universidade de Strasbourg, fallecido em 1923, encontrei referencias a um certo numero de cartas dirigidas por Pedro II ao seu velho amigo, ex-ministro de França, no Rio.

"Oitenta cartas de d. Pedro, escreveu Lange, conservadas na Bibliotheca de Strasbourg, attestam a persistencia desta amizade..."

Seguro dessa informação, tratei de obter cópia das cartas do imperador. Se ha correspondencia interessante, para um anthropologo brasileiro, é precisamente essa, trocada pelo chefe da grande nação mestiça com o autor do "Essai sur l'inegalité des races humaines"...

Até agora não consegui saber onde se encontram os originaes do conde. Talvez, no Castello de Eu. Os de Pedro II foram ter á Bibilotheca de Strasbourg, de envolta com os papeis de Gobineau, em 1903, quando o archivo do escriptor passou a pertencer áquelle instituto, por doação da Gobineau-vereinigung". Esta Sociedade, então presidida pelo sr. Schemann, grande panegyrista de Gobineau, fundara-se em 1894 e recebera o archivo do seu illustre eponymo, em 1901, das mãos da senhora de la Tour, legataria do conde.

Muitos dos papeis do archivo Gobineau passaram a ser documentos de publicação interdicta, desde 1921. A maioria, porem, póde ser consultada e copiada.

Aproveitando a viagem do meu querido amigo e collega professor Alberto Betim Paes Leme, que este anno honrou o bom nome do Brasil, no curso realizado na Sorbonne, por conta do Instituto Franco Brasileiro, obtive por seu intermedio cópia das cartas do imperador Pedro II ao conde de Gobineau, existentes em Strasbourg.

Nenhuma dellas é documento sensacional. Muitas, são até ingenuas. A maioria, porem, apresenta, de facto, interesse para a elucidação de pequenos casos, ou mesmo para accentuar certos traços da conducta imperial, definindo ás vezes, numa phrase, superiormente, o intellectual prisioneiro da politica, o "rei á força", que governou durante quasi meio seculo...

As cartas de d. Pedro vão de 1870 a 1882. Ha oito sem data, escriptas em differentes lugares, umas da Italia, outras do Egypto, ou do Rio. Em geral, o imperador iniciava simplesmente : "Gobineau" ; ás vezes, "Mr. le Comte". Em nenhuma dellas o tom carinhoso e meigo deixa de predominar ; "Adieu !" Comptez toujours sur l' amitié de votre tout affectionné — D. Pedro d' Alcantara".

Minucias da vida intima, preoccupações ou alegrias, leituras e trabalhos — tudo repercutia na correspondencia.

A 18 de junho de 1872 d. Pedro, já de regresso ao Rio, manifestava a intenção de escrever um livro sobre a sua viagem, mas confessava temer as ameaças do "scripta manent". Criticava a esculptura "Walkyria", de Gobineau : "J'y remarque, comme ailleurs, que vous avez un faible pour les grosses lèvres qui, du reste indiquent peu de delicatesse d'esprit".

A proposito não será fóra de occasião lembrar que o pregoeiro do aryanismo diplomata e esculptor, achava que o typo feminino resultante do cruzamento branco com negro — é particularmente bem prendado quanto á belleza physica.

* * *

Para avaliar a intensidade e a natureza dos sentimentos que o Brasil e os brasileiros inspiravam ao conde de Gobineau, é preciso, antes, recordar o que elle dizia da Grecia, paiz onde servia quando o removeram para o Rio, no começo de 1869:

"A Grecia é divina; infelizmente ha gregos..."

Nas cartas do diplomata, citadas ou transcriptas no bello volume de Maurice Lange, os estadistas hellenos viviam esbanjando os dinheiros publicos, falsificando as leis. Pois, escrevendo á sua esposa, quatro mezes depois de chegar ao Rio, Gobineau dizia "ser preciso ter estado no Brasil para comprehender o valor da Grecia e... dos gregos". O resto é uma ladainha interminavel de conceitos deprimentes, offensivos, brutaes, que eu nem quero transcrever. Em resumo: o Brasil só poderá ser uma nação, quando tiverem desapparecido os brasileiros. Mais ou menos o que hoje ousam repetir os zangões da falsa Eugenia, para os quaes o problema nacional não é "melhorar e augmentar o que temos de bom, em materia de gente, e sim promover a sua substituição". Não era só o povo. A natureza, aqui, irritava profundamente o amigo de d. Pedro. O nevoeiro do Rio... era como o de Londres. No seu "Amadis" (1876), Maurice Lange encontrou quatro versos abominaveis, que lhe pareceram conter uma allusão ao clima do Rio:

Je trouve a ce pays un climat détestable ;
Je n'en garderai pas un fort bon souvenir
L'air est souvent brumeux et le froid redoutable ;
Ou ne m'y verra pas de longtemps revenir.

"Froid redoutable !"

Tendo vivido aqui cerca de um anno, a 10 de março de 1870, nas vesperas de partir, apesar de haver feito as melhores relações com o imperador, que o recebia em S. Christovam todos os domingos, escrevia a um amigo : Seja o que fôr, vale mais do que semelhante degredo !

Quero crer que, apesar da intimidade das suas relações, d. Pedro nem de longe suspeitou dos sentimentos de Gobineau para com a sua terra e o seu povo. E só assim posso admittir um facto que, de outro modo, seria inacreditavel : a inclusão do antipathico diplomata entre os grandes dignatarios da Ordem da Rosa.

"O imperador do Brasil sentiu-se muito feliz em agradar a d. Pedro de Alcantara, nomeando-vos grão cruz da Rosa, e aqui vos remetto o diploma e a commenda". (Carta de d. Pedro — Rio, 24 de julho de 1872).

A Ordem da Rosa, criação de Pedro I, estava entre o que de mais valioso distribuia o Imperio, no capitulo das véneras.

De 1872 é outra carta (5 de setembro) em que d. Pedro faz uma interessante allusão ao movimento feminista que, todos sabem, teve origem nos paizes septentrionaes da Europa.

Penso não errar datando o inicio da agitação, que me parece ter sido propagada na peninsula Scandinava pelas novellas de Almquist, escriptor vigoroso, mas desigual e bohemio. A liberdade por que anceiam as mulheres teve o seu codigo no "Det gor an", romance que li, na traducção ingleza, com o titulo "Sara Vidbeck". Livro ousado, para o tempo, em que a heroina

só acceita o amor de um companheiro de viagem com a condição de manter a sua independencia economica, a principiar pelo pagamento da nota do primeiro almoço do casal.

Não sei o que lhe escreveu Gobineau a respeito das senhoras da Suecia, onde então residia; d. Pedro respondeu assim:

"Comprehendo que a demora na conversão dos povos escandinavos ao christianismo deve influir ainda sobre a sua moral; mas é preciso esperar que a civilização reintegre a mulher na sua verdadeira funcção de mãe de familia". Depois tratava de assumptos do Brasil. Queixava-se, como sempre, dos "aborrecimentos da sua posição". As cartas de Gobineau eram um "consolo":

"Nada de grande importancia a communicar-vos; sabeis que vida levo e a politica é para mim, apenas, o penoso cumprimento de um dever. Sinto-o demasiadamente no dia de hoje, em que se completam 33 annos que carrego a minha cruz. (Carta de d. Pedro — Rio, 23 de julho de 1873).

E' um trecho commovente. O velho imperador, nascido e criado para a arte e para as letras, espectador displicente da gangorra liberal-conservadora, obrigado a tomar parte directa — que remedio! — nos acontecimentos que a evolução do seu povo ia suscitando! O throno era mesmo uma cruz... Os verdadeiros amigos de d. Pedro II deviam ter feito a Republica em 1873 — se não antes — libertando o "rei á força". E como não póde haver optimismo constructor na alma de quem carrega uma cruz, o Brasil não perderia nada com a redempção do eminente captivo.

Muitas das cartas de Strasburgo repetem os mesmos queixumes:

"Não esqueço os que me amam e os que amo e se não lhes escrevo tanto quanto desejo não soffro por

isso menos do que elles. Na verdade, cansa-me a obrigação de estar ao par da politica e da administração..."

Em mais de um documento d. Pedro se refere ás theorias raciaes de Gobineau, oppondo algumas restricções ás desabaladas fantasias do conde: "Vós offendestes horrivelmente meu philhellenismo. Sinto que a falta de tempo não me permitta reivindicar minha affeição pelos gregos, cujos defeitos, entretanto, reconheço". (10 de setembro de 1873).

A ultima das cartas de 1873 faz referencias saudosas a uma viagem que juntos, haviam realizado — d. Pedro e o conde — a Juiz de Fóra.

A primeira de 74 menciona um arco, enviado, em tempo, pelo imperador a Merimée, por intermedio de Gobineau.

"Pays de sauvages!" — devia ter dito baixinho o criador de Carmen, recebendo o presente...

Para a historia da "Questão Religiosa" encontro a carta de 4 de abril de 74, documento em que Pedro II julgava, sem rebuços, a attitude da Igreja.

"Vós vos lembraes da nossa conversa a bordo do "Magicienne", a respeito do concilio do Vaticano? O Brasil resente-se tambem daquelle desdobramento intempestivo de uma força mal applicada.

Em relação com os francs-maçons, que no Brasil jamais se preoccuparam com doutrinas religiosas, no minimo os bispos esquecem a Constituição e as leis do seu paiz.

O governo nada mais faz do que manter a independencia do poder temporal, fóra do que não é puramente espiritual. Acredito, comtudo, que a energia e a moderação do governo vencerão a resistencia, obtendo que a Côrte de Roma attenda aos verdadeiros interesses do Catholicismo".

Não deixa de ser interessante verificar que, na intimidade, o imperador julgava estar defendendo os interesses da Igreja... contra o Papa.

Da França, ainda ensanguentada, fala d. Pedro na mesma carta:

Tudo quanto dizia respeito a este paiz sempre o interessou fortemente, e lastimava que tanta riqueza intellectual e material não fosse aproveitada de accordo com melhor criterio. Voltavam-se os francezes, de novo, para as festas do Imperio, afim de animar o commercio de luxo parisiense.

A Suecia, ao contrario, era, então, "sabia e feliz".

* * *

Na mesma carta vê-se d. Pedro interessadissimo no que Musset chamou "imbroglios" e "galanteries", desejoso de saber por miudo os amores de Merimée pela *desconhecida* a quem escreveu tanto: "Quanto teria dado, no fim de contas, a essa rapariga, a sua especulação sobre a fama do autor de *Colomba?* Narre-me tudo isso minuciosamente, sem esquecer a evocação do retrato da desconhecida. E a Academia Franceza? Felizmente Theophile Gautier morreu a tempo".

Em 1874 o imperador manifestava o seu enthusiasmo pelo romance *Les Pleiades*, que o conde estava escrevendo. Pedia tambem que mandasse notas sobre a sua *Renascença;* defendia de Quatrefages contra invectivas de Gobineau, condemnava de modo absoluto o darwinismo. E, no meio de phrases muito affectuosas, Pedro II se lastimava de não poder mais ler e estudar como outr'ora. "O somno me persegue" — escrevia o imperador a 17 de novembro de 1874. Apesar disso, já sentindo a decadencia inelutavel, no começo de 75, o velho monarcha tomava lições de sanskrito

com um philologo allemão residente no Rio, o dr. Henning.

"Les Pleiades" — que tanta admiração provocava no eminente amigo de Gobineau, é um romance confuso, embora de estylo brilhante, como em geral são as suas paginas, romance cheio de idéas da mais orgulhosa aristocracia racial. Wilfrid Nore, inglez, e Conrad Lange, allemão — encarnam, como figuras da narrativa, o que ha de melhor na humanidade: pertencem á raça dos deuses... São *pleiades*. A sua independencia espiritual, o temperamento vivaz, a ousadia, a generosidade — são privilegios do sangue.

O francez Laudon, latino inferior como os demais, outro personagem do romance, assustado com as theorias dos seus dois interlocutores ouve, ainda por cima, o resto: na Europa ha uns tres mil cerebros dignos: o mais é a massa que se póde dividir em tres categorias: a dos *imbecis*, a dos *ridiculos* e a dos *brutos*. A humanidade inteira, para Gobineau, segundo uma sua linda imagem, era comparavel ao céo profundo e immenso, onde só merecem attenção os seres brilhantes e magnificos que se reunem nas constellações. Affeição, respeito, curiosidade, ternura eram só para as grandes forças e as grandes luzes...

D. Pedro, para o conde, era personalidade sideral, daquelle molde. Pagava na mesma moeda. Lendo — *Les Pleiades* — parecia-lhe estar ouvindo o proprio Gobineau, durante os "inesqueciveis domingos" de Boa Vista.

Gobineau, ao que diz a critica autorizada desenhou-se em um dos personagens de *Les Pleiades*, individuo de quem assim fala: E' difficil dizer se elle tinha recebido, ou não da natureza, espirito recto e justiceiro; em todo caso era dotado de singular poder de obstinação e conseguia ageitar sua personalidade moral de accordo com os seus projectos: bastante instruido,

por constante leitura, principalmente de historia, á força de examinar as series dos factos humanos, tinha-se enojado dos que nelles tomam parte. Uma vez apaixonado por algo que lhe parecesse admiravel — seguia o seu destino, sem considerar as consequencias.

O *catholicismo impotente*, a *França degenerada* — eram themas correntes na palestra da pessoa em que se disfarçou o diplomata, *Titan indignado* — conforme o qualificativo que para si mesmo escolheu.

O ministro de França em Stockholm punha, na bocca do sosia palavras atrozes de "desprezo e odio pela porção da Europa em que nascera" !

E' bem possivel que o suicidio viesse concluir a obra do *Titan indignado*, logo depois de *Les Pleiades*, se mme. de la Tour não tivesse attendido aos sentimentos do diplomata que, já velho, e apaixonado, pedia-lhe que o *ajudasse a morrer*.

Na mocidade, o seu ideal fôra a vida dos conquistadores de alma viril : agora, na velhice aquecida pelo carinho de mme. de la Tour, eram os aventureiros e os artistas do renascimento italiano, gente cheia da ousadia que marca a raça forte. Cezar Borgia, Savonarola, Julio II — são os seus grandes homens. Principalmente Miguel Angelo, mostrando que a escalada do céo não é possivel senão aos que são capazes de veemencia. Todos aquelles typos tinham de commum a energia moral, attributo do sangue nobre, factor essencial na eclosão do grande movimento que o conde chamava *flor de ouro* — desabrochada uma só vez na historia humana.

"Renaissance" foi titulo escolhido mais tarde. A grande obra devia chamar-se "Fleur d' Or". Pedro II que andava sempre ao corrente das ardentes locubrações do seu amigo, em uma das cartas de 75, menciona o livro; "Fleur d' Or" já me interessa vivamente" —

escrevia então o imperador. Com a morte de Carlos XV que tinha sido para elle, na Suecia, o que Pedro II fôra no Brasil, Gobineau, depois de haver brilhado nos salões do reino, foi pouco a pouco afastado da côrte de Oscar II. espirito pouco dado ás fantasias intellectuaes tão do agrado do conde. O representante das *pleiades* começou a achar a sociedade de Stockholm muito differente do que era no tempo do velho rei. O mal provinha, na sua opinião, da grande influencia latina pouco a pouco ali diffundida. Para o ministro de França, a Suecia tornara-se insupportavel por haver importado... a cultura franceza!

Por esse tempo as suas rendas já não lhe permittiam o fausto a que se habituara, como verdadeiro *filho de rei*, que não podia deixar de ser pela nobreza do sangue.

A sua disponibilidade, resolvida a pretexto de rejuvenescer o quadro diplomatico — deve ter concorrido para maior angustia dos seus recursos pecuniarios.

Não é possivel disfarçar a admiração que mereceu a republica franceza mantendo no seu posto até 1876, com alto espirito de tolerancia, o funccionario que foi, por convicção philosophica, o maior derrotista nos dias negros de 70.

Maurice Lange parece ter-se enganado suppondo que Gobineau só em 1876 viu Roma, de volta da viagem que fez á Russia, em companhia do imperador. Porque em carta do Rio, (1.º de novembro de 1875). Pedro II diz-lhe "que vous devez être heureux á Roma..."

Nessa carta encontrei uma primeira referencia á *Mima* — estatua de marmore, bastante interessante, que se acha no salão nobre do palacio de São Christovam, na Quinta da Bôa Vista — (Sala do throno) — obra d' arte cujo autor ha mais de 25 annos eu vinha porfiando por descobrir.

Todos os artistas, criticos de arte, intellectuaes, historiadores, inclusive o barão Homem de Mello, foram incapazes de identificar o esculptor da *Mima*, cujas iniciaes A. G., entrelaçadas se encontram no pedestal. As cartas de d. Pedro, copiadas em Strasburg, trouxeram a chave do enigma.

Gobineau era tambem esculptor e costumava enviar a Pedro II esboços ou mesmo pequenas *maquettes* de obras projectadas. *Mima* foi encommenda que lhe deu o imperial amigo, desejoso de minorar as suas aperturas financeiras e ter sempre em S. Christovam uma lembrança do homem a quem escrevia de Washington (2 de junho de 1876) : "Je ne vous oublie jamais".

A carta de 21 de março de 1877, datada de Vienna diz :

"Felizmente posso responder immediatamente á vossa carta de 19 que recebo neste momento. Pelo que sabia a respeito da vossa disponibilidade, devia, por delicadeza, evitar qualquer palavra de consolo que não correspondesse a um desejo que vos cabia provocar. Muito grato pelo appello que fazeis á minha amizade nunca desmentida, e, talvez, queixosa, com razão, da demora que tivestes em dar esse passo, como se fosse necessario, para tanto, encontrar-me em Berlim.

Para que tudo seja feito como desejo, direi ao Macedo que vos escreva a respeito de uma esculptura que ha muito vos encommendei e pela qual elle vos entregará 15.000 francos".

A 1.º de outubro de 1879. Pedro II recebia em S. Christovam a *Mima* de Gobineau. O conde, honestamente, honrou a encommenda. E, lá com os seus botões, deve ter pensado que, afinal, quando os de sangue nobre estão apertados... é sempre util que os *outros* existam.

* * *

"Mima" — é jovem, cheia de vida e expressão. Tem nas mãos algumas espheras de marfim com as quaes exercia o seu mistér de comediante muda. Algumas pessoas, mesmo entre as que têm assistido ás *pantomimas*, têm-me perguntado o significado do seu nome. E' simples; qualquer diccionario informa: comediante que representa por gestos, como naquellas exhibições. Pedro II encarregou um artista notavel, que não menciona mas que deve ter sido Chaves Pinheiro, de collocar a estatua na posição que lhe parecesse mais conveniente. Em diversas cartas refere a Gobineau o prazer que tinha em vel-a no seu palacio.

O que resta, da correspondencia de Pedro II que tenho, por copia, em mãos, são talvez as cartas mais interessantes do ponto de vista historico e politico. Assim na de 15 de junho de 1877 dizia o imperador que os brasilianos "são dotados de qualidades que tornam facil o governo para quem procura cumprir com os seus deveres". Em outras fala dos *miasmas da politica* que o torturavam.

Na de 15 de março de 1877 manifesta o seu contentamento com as noticias que Gobineau lhe mandara do "joven Bernardelli". Nesse tempo Rodolpho Bernardelli estava na Italia e, provavelmente, Gobineau teve noticia da nomeada que ali ia conquistando o futuro mestre.

As seccas do Norte em 78 preoccupavam Pedro II; e tambem as eleições: "Hoje o meu espirito está absorvido pelo que poderá acontecer nas eleições geraes que se iniciam. Não preciso dizer quão antipathico ás bellas artes, ás letras e á sciencia é o assumpto" (5 de agosto de 1878).

No Brasil o imperador não achava uma só pessoa com quem pudesse *trocar idéas*. "Meu recurso, escre-

via elle, são os livros. Queixo-me da falta de vida espiritual". Era um exilado...

Do mesmo anno é a carta de 8 de setembro, annunciando uma viagem a S. Paulo "*provincia muito mais activa do que as outras*". De passagem quero notar que a immigração européa, naquella época, não entrava em linha de conta...

Considero das mais importantes a carta de 10 de janeiro de 1879, na qual o imperador dizia textualmente: "A reforma eleitoral agita um pouco os espiritos, mas como os dois partidos consideram-na necessaria, é preciso que ella se faça. Eu, comtudo, não tenho confiança senão na educação do povo".

Devo confessar lisamente que a leitura desse trecho, em uma carta escripta com o abandono que uma grande estima condiccionava, elevou sobremodo Pedro II aos meus olhos. E' lapidar — como se dizia na epoca. Infelizmente não conheço nenhum acto do imperador demonstrando o desejo de promover a educação dos escravos, que em 1879, em grande parte, preparavam as gerações subsequentes...

Os que levam a recordar a *maravilha* que lhes parecem ter sido os dois partidos dos tempos do Imperio, encontram na carta de 18 de agosto de 1879 uma informação preciosa, nada desprezivel para os pessimistas do nosso tempo: "a persistencia não é facil de ser obtida, porque os partidos são muito mal organizados..."

Os motins provocados, apparentemente, pelo chamado *imposto do vintem*, ao findar de 1879 agitação que, no fundo, era resultado catalytico de idéas abolicionistas e republicanas — repercutiram na carta de d. Pedro a Gobineau, datada de 3 de janeiro de 1880.

Reportando-se ás noticias que, sem duvida, chegaram á Europa, escrevia o imperador:

"Aquillo me afflige profundamente. E' a primeira vez que isso acontece no Rio desde 1840. Ha quasi

40 annos que eu aqui presido ao governo sem que se tenha tido necessidade de atirar no povo".

Apesar de repetir phrases de carinhoso conforto, falando no seu constante optimismo, para animar Gobineau que já attingia o fim da vida, Pedro II, ás vezes, trahe-se ao correr da penna ; vê-se que a desillusão, a fadiga, a doença tomaram-lhe conta do cerebro incontestavelmente pujante. Nos fins de 1880 elle escrevia do Rio : "Não vos falo da sociedade actual, pois que é melhor resignar-se. O que eu vos teria a dizer della, não faria senão augmentar o vosso pessimismo. Cada qual que trabalhe para melhoral-a como puder !"

Em 1882, morria, na Italia, Arthur de Gobineau. O pregoeiro das virtudes da raça branca e loura tinha cabellos e olhos castanhos... Mas sempre achou meios de *provar* sua ascendencia nordica.

* * *

Diversas conclusões pódem ser documentadas nas cartas de Strasburg.

Vê-se, primeiro, que o conde de Gobineau foi o espirito mais interessante que Pedro II encontrou na vida. Foi o que mais o seduziu e encantou ; o que elle mais desejou ter a seu lado desde que o conheceu ; o amigo por excellencia ("je ne vous oublie jamais...)

Observa-se tambem que d. Pedro considerava o throno quasi uma desgraça.

Rara é a carta em que elle não deplora a sua situação de chefe de Estado, preso aos enervantes misteres da administração ou da politica.

"Criança sem infancia, velho sem lar, seu destino tragico o não tornou amargo" — escreveu Tristão da Cunha falando de Pedro II. As cartas a Gobineau de-

monstram esse lado sympathico da personalidade moral do imperador.

As duas condições — o desapego ao throno e a resignação — nascidas talvez em um fundamento philosophico bem sedimentado, facilitaram, acredito, o surto da idéa nova. As cartas de Strasburg mostram que a pessoa do imperador era de molde a apressar-lhe o advento invés de o entravar. Essa justiça é devida ao velho monarcha pelos republicanos sinceros e justos.

CAPITULO XXI

AOS representantes do Centro Tobias Barreto, que Afranio Peixoto me apresentara como alumnos seus muito distinctos, eu disse que discipulos de tal mestre deviam ser attendidos. Vejo agora, que alem de estudiosos, pelos requintes de agasalho que me fazem, são amaveis e generosos moços, depositarios fieis das melhores lembranças da sua gente. Tanto melhor para mim, que ha tantos annos vivo longe do bulicio gostoso das tertúlias, prisioneiro feliz dos meus livros, dos meus apparelhos, da minha officina. Prisioneiro feliz, pelo que o trabalho me proporciona de calma e esquecimento ; pelo que a natureza me offerece de renovada emoção nas coisas mais simples da vida. Prisioneiro angustiado, muitas vezes...

J' ai voulu tout aimer et je suis malheureux,
Car j' ai de mes tourments multiplié les causes...
D' innombrables liens, frêles et douloureux,
Dans l' Univers entier, vont de mon âme aux choses...

Ma vie est suspendue à ces fragiles nœuds
Et je suis le captif des mille êtres que j' aime...
Au moindre ébranlement qu' un souffle cause en eux,
Je sens un peu de moi s' arracher de moi-même...

Se vos confesso, meus amigos, a afinação da minha mediocridade nesses versos do excelso poeta é somente para vos dar uma idéa da gratidão que me avassala. Outro tanto, quem sabe? não dirão os vossos convi-

dados... Uma conferencia de tom scientifico, antede um optimo concerto só poderá ser acceitavel se respeitar a definição de um dos meus amigos: conferencia é uma reunião de pessoas educadas em que uma fala em voz alta enquanto as outras conversam baixinho... Sem nenhum laivo de ironia, penso que assim deve ser. No futuro o orador dirá primeiro, visto que algum tem de começar; mas a palestra será geral. Responsabilidade dividida. E o asusmpto, como esse de que vos falarei em poucos minutos receberá luz muito mais intensa. Pretendo vos entreter apontando rapidamente algumas questões biologicas que têm grande repercussão na sociologia.

Na sociologia classica, bem entendido. Na que define leis naturaes exactas, se não precisas, nos grupos humanos; na que reconhece, em todo grupo factos geraes e objectivos: capital, familia, linguagem, religião; na sociologia, enfim, de que sorriem actualmente alguns philosophos mais ou menos cubistas...

Tobias Barreto dizia sem rebuços que não acreditava nella; e adiantava uma argumentação prolixa e sempre interessante, defendendo a sua negativa atitude. Mas quando se relê o grande mestre percebe-se, entre as *boutades* do seu estylo, que elle não admittia a sciencia social porque tinha o espirito perfeitamente occupado pelo naturalismo haeckeliano. A influencia do professor de Iena sôbre os homens mais cultos do fim da Monarquia e do começo da Republia foi extraordinaria. Na sala de trabalho de Alberto Torres havia um retrato delle. Igual influencia, ou maior, naquelles tempos — só a de Comte, como todos sabem.

Ora, a verdade é que a sociologia hoje não precisa mais luctar para convencer aos estudiosos da sua existencia... o que era um dos melhores argumentos de

Tobias Barreto. Só a sociologia, dizia por outras palavras, peleja para mostrar que existe; sciencia de verdade não precisa disso. Ella tambem não. As desgraças do mundo moderno, afinal, não resultam em ultima analyse senão do desprezo dos estadiastas pelas suas leis eternas e imutaveis. Estão todos navegando por palpite, entumecido o peito de orgulho. Têm a disposição um corpo de doutrina claro e seguro, que ensina a prever, evidentemente sem prazo fixo; mas preferem agir como chimicos que se deleitassem, nos dias de hoje, procurando a verdade nas receitas alchimistas de Alberto o Grande ou Raimundo Lúlio.

A biologia moderna apparece ao sociólogo, no tumulto da hora, de maneiras antagonicas. De um lado offerece aos estadistas verificações novas, valiosas, imperativas, decisivas para melhorar o meio cosmico e aperfeiçoar a sociedade polindo melhor os individuos. De outro lado concorre sem querer ou voluntariamente, para augmentar a confusão e a desgraça, apregoando como verdades theorias mentirosas ou inverificaveis, postas interesseiramente ao serviço da ambição politica. Analysando um livro admiravel de Jennings, professor da Johns Hopkins University, *The Biological Basis of Humain Nature* — disse um critico que revolução igual á que se processou na psychologia pelo conceito do *inconsciente*, fez-se na physica pela experimentação sobre os atomos e na biologia humana — base essencial da sociologia — pelo estudo racional dos *genes*, portadores da hereditariedade, sem a qual não pode haver sociedade duravel.

O *meio* de ha muito já não é mais tido como o soberano senhor dos organismos; a *herança* tirou-lhe grande parte do prestigio. Mas existem prenuncios muito seguros de uma reação mesologica possante; o *meio* vae sendo desarticulado e em muitos dos seus elementos já se descobriram influencias fundamentaes. Ha uns

tres ou quatro mezes uma grande empresa electrica dos Estados Unidos tirava patente para um processo de obter lyrios de certa variedade em que o pólen não mancha a brancura das pétalas leitosas, evitada a deiscencia das anteras, pelo tratamento dos bulhos com doses definidas de raios X. E o caracter artificialmente adquirido se transmitte pela herança. Consegue-se hoje experimentalmente duplicar os chromosomos de certas especies e nellas provocar o gigantismo (Blakeslee).

Um pouco mais de calcio no sangue e ficam os homens optimistas e calmos. Pequenos cães — que as mulheres ricas muitas vezes tratam melhor do que as mães pobres conseguem tratar os filhotes, dóceis e mansos animaisinhos de cama e mesa — viram feras aggressivas se lhes tiram as paratiroides, glandulas minusculas do pescoço, reguladoras do metabolismo daquelle metal da mansuetude e da alegria.

Keith, notavel biologo de Londres, chama ás supra-renaes "as glandulas da guerra". Já houve mesmo quem propusesse, para obter a paz na Europa — problema de alta politica e altissima sociologia — a intervenção cirurgica systematica, para diminuir os impulsos bélicos daquellas gentes pugnazes.

Nos *Anales del Instituto de Biologia*, do México, estudou Roberto Llamas a alimentação dos antigos mexicanos, compondo interessante monographia demonstrando que a conquista dos Hespanhoes foi largamente facilitada pelas condições de *carencia* em que viviam os autoctones.

O milho, base do seu regime alimentar, carece de um acido aminado essencial — o triptófano, indispensavel, ao que se acredita, á synthese do hormonio da tiroide, a glandula da intelligencia na phrase de Luciani.

Ha muitos annos, quando ainda não eram conhecidas as vitaminas, nem a influencia de certos amino acidos sobre o comportamento individual, um illustre

medico de S. Paulo, Luiz Pereira Barreto clamava que o nosso homem do campo vive, em geral, no regime de que elle chamava *Deficit de Azoto*. No Senado Argentino o senador Palácios recordou, ha pouco, os estudos de Escudero sobre a insufficiencia dos conscritos. No Brasil o problema é o mesmo. Por isso repito sempre que o que se attribue ao cruzamento, aqui, é quasi tudo derivado da miseria ou da doença.

Não são coisas da raça; são coisas da politica... ou da sociologia, como quizerem.

Para a sociologia todas essas questões directamente ligadas aos caracteres somaticos são talvez menos interessantes, embora fundamentaes para o bem estar nacional, do que as que se relacionam com as caracteristicas mentaes. Jennings em um dos seus capitulos pergunta se a constituição genética terá nelles influencia.

Se a personalidade psychica deriva de acções biochimicas, hormonicas ou de tal tipo, não é possivel responder pela negativa. Os elementos portadores da herança biológica serão fatalmente alcançados. No entanto, ha evidente exagero nos apaixonados do *Behaviorism*, de Watson — para quem o *comportamento* resolve tudo.

Entreguem-me doze rapazes sadios e farei delles verdadeiros typos profissionaes, um medico, um advogado um commerciante, um padre... diz Watson, sejam quaes forem as suas habilidades naturaes, as suas vocações, as suas raças. Talvez seja dizer muito. O meu sempre admirado Carlyle escreveu que contra a estupidez até mesmo os Deuses luctam em vão.

Isso, porem, não é mais verdade irremediavel; alguns miligrammas de certos extractos organicos podem fazer de um cretino um homem são. O célebre "estalo" do Padre Vieira póde bem corresponder, actualmente, a uma pilula.

A proposito da constituição genética dos individuos e sua importancia social, desejo em poucas pala-

vras, para não alongar esta palestra, chamar a vossa attenção sobre o que se costuma apontar como ideal eugenico para a especie humana. A pergunta é conhecida: se os methodos de selcção e cruzamentos têm conseguido melhorar as especies vegetaes e animaes, por que razão não poderão melhorar os typos humanos? Se fosse possivel manejar esta nossa pobre humanidade, sempre tão rebelde, como fazemos com as moscas do vinagre ou com as laranjas... seria facil.

Mas o que me impressiona não é a difficuldade em applicar os processos conhecidos. O que mais me interessa é perguntar, por minha vez, se a humanidade lucrará muito soffrendo alterações semelhantes áquellas impressas nas plantas e nos animaes de que ella se serve...

As modificações obtidas foram sempre antropocentricas.

Não sei bem se as laranjas da Bahia lucraram, perdendo as sementes. As espécies parasitas que vivem atormentando o homem não tirariam partido de muitas das modificações que por ventura fossem realizadas? Penso que ha muito, ha quasi tudo a modificar na Espécie, para o grande progresso que ella ainda espera. Ha mais de vinte annos escrevi que o homem tinha transformado o Mundo, mas se tinha esquecido de transformar-se a si mesmo. Esse é o grande problema dos tempos futuros.

Elle já principiou a interessar. O ultimo livro de Alexis Carrel versa o mesmo ponto. O que o sabio denominou "o homem desconhecido" é principalmente "o homem transviado". A redenção em grande parte está ao seu alcance. As molas do systema guardam ainda muitas incógnitas; mas falta principalmente o desejo de pôr em pratica o que já é conhecido. Para me servir da phrase do philosopho: estão faltando as vontades, que devem completar as leis...

E' preciso não esconder, porem, que se a biologia consegue apresentar certas soluções seguras para alguns problemas sociaes, nem sempre, nos planos mais elevados as soluções pódem ser puramente biológicas. Quantas vezes o genio é epileptico ou tuberculoso? Teria sido um bem para a humanidade ver-se privada de Chopin, para não ter mais um tisico espalhando a doença na Terra?

O racismo nivelador póde extinguir os *piores*, mas acabará seguramente com os superiores.

Tudo *standard*, de almas e corpos, como os parafusos das machinas modernas. Uma chave dá conta delles todos. Nenhum recalcitrante ou inquieto. *Panurgo* governa, manda ou reina... que é tudo a mesma coisa.

E' claro que os cruzamentos não podem convir a esse triste ideal eugenico. Segundo a imagem que me agrada, porque dá boa conta do phenomeno, o cruzamento representa no grupo humano o elemento perturbador por excellencia; como a pedra que bate no lençol calmo da agua morta do lago e desperta as ondas. Rompe a monotonia e a indifferença, combate a estagnação da ipuera. E se no ondular da massa humana, que o cruzamento põe em jogo, surgem typos inferiores pelo encontro natural dos *genes* maus, nas cumiadas das ondas e nos declives oppostos apparecem, seguramente, individuos dotados do melhor capital biologico. Taes foram, no Brasil, Machado de Assis, Tobias Barreto, Gonçalves Dias e Juliano Moreira.

Durante seculos o preconceito campeou nas theorias relativas aos resultados dos cruzamentos na especie humana. De uns trinta annos para cá o advento da antropologia como sciencia natural autonoma, liberta das roupagens metaphysicas e rhetoricas, veio dar outra direcção ao problema. Onde apenas o sentimento mais ou menos apaixonado imperava, onde as opiniões eram dog-

mas, começaram a apparecer verificações e medidas, curvas e estatisticas. Todos nós conhecemos o que Fischer publicou sobre os mestiços do sul da Africa, os Rheobooter ; Rodenwaldt sobre os de Kisar, nas Indias Hollandezas ; Davenport e Herskovits sobre os da Norte-America ; Germano Correia sobre os da Africa Portugueza, e tantos outros. Algumas dessas obras são monumentos de observação e pesquisa. Os nossos modestos mas honestos estudos, no Brasil, confirmaram algumas dellas e tiveram a boa sorte de serem confirmados por outros. O cruzamento não é factor de degeneração. Tomem os sociologos nota dessa contribuição da biologia. Se até hoje ella nada mais houvesse feito para os alicerces da sua sciencia — bastaria o deslindar desse caso fundamental.

Sim. Fundamental. Porque se os estadistas se convencerem de que os males de um paiz qualquer nascem directamente de constantes biologicas insophismaveis, existentes na população — não ha nada a esperar da sua actividade para melhorar o que já sabem que se não póde endireitar.

Foi mais ou menos o que aconteceu no fim da monarchia e no principio da republica, quando leis monstruosas de imigração, considerando radicalmente incapaz o desamparado homem do povo nascido nos campos do Brasil, mandavam buscar gente de fora, a peso de ouro, entregavam-lhe terras, davam-lhe ferramentas, assistencia medica, sementes, casa, amimando-a como se fosse enviada do Céu para fazer prosperar as terras que os brasilianos desamparados ou perseguidos não podiam, não sabiam ou não queriam cultivar. O decreto n. 6.455, de 19 de abril de 1907, foi alem : aos imigrantes europeus facilitava tudo aquillo que já se mencionou ; o auxilio pela collocação de cada familia de colonos nacionaes podia attingir, no maximo, 500$000, pagos em prestações. Mas não era permittido vender

um lote a colono brasileiro senão depois de localizadas 90 familias européas. Diz o art 45 do colossal decreto: "Em nucleos destinados a extrangeiros apenas se poderá vender a nacionaes um numero de lotes inferior a 10% dos que aquelles occuparem..."

Era preciso impedir a todo transe que o brasileiro *estragasse* a boa raça importada.

Ao lado daquelles magros 500 mil réis por estabelecimento de familia nacional, recebiam as empresas particulares que *negociavam no ramo:* 20$000 por casa construida para europeus; mais 100$000 por familia localizada depois de 6 mezes; mais 200$000 por familia européa localizada depois de um anno; 5:000$000 por grupo de 50 lotes ruraes occupados por familias de *immigrantes estrangeiros*... Não quero alongar estas tristezas. São coisas do passado. Só as relembro aqui, moços do Brasil, que vos dedicaes ao estudo das sciencias sociaes, porque servem como luminosa demonstração dos males que errôneas doutrinas biologicas podem fazer ás melhores intenções dos sociologos.

Longe de mim pensar um instante em combater a immigração. Celebrei pessoalmente a gloria das colonias allemãs de Santa-Catharina, quando fui a Blumenau inaugurar a linda estatua de Fritz Müller, sabio de renome universal, que ali chegou para derrubar com o machado nas mãos a matta e construir a cabana do seu lar; tenho cada dia, no meu coração de bom brasiliano, um voto ardente pela Italia, senhora da belleza e da luz, desejando vel-a sempre correndo na estrada sem sangue do direito, da sciencia e da arte; guardo para cada ser humano que, nascido noutras terras, escolheu a minha para nela dormir o ultimo somno — um pensamento amigo e fraterno.

Mas penso que o problema do nosso trabalho está, antes de mais nada, no aproveitamento dos braços que

temos. E agora, que vou encerrando a minha humilde carreira scientifica, imagino ás vezes, como quem sonha uma recompensa, que os meus trinta annos de biologia talvez mais tarde possam servir de algum modo aos moços como vós, destinados um bello dia a tomar conta da minha terra. E repito mentalmente o pensamento profundo de Tobias Barreto: se os antepassados são os *nossos maiores*, sejam os descendentes — *os nossos melhores*...

CAPITULO XXII

A estylização não é um phenomeno artistico que, como todos os outros, tem uma base psychologica. Penso que é mais um phenomeno psychologico que se aproveita dos processos da arte para manifestar-se. O que nella existe de propriamente artistico só se revela nos ultimos graus da sua intensidade; ao começar, mal se arrima ao que a arte lhe offerece. Como as ondas encarneiradas do mar que o vento açoita, ella surge imperiosa nos seus contornos e no seu tamanho, mal delimitada, chaótica na timidez das estréias... Depois affirma-se, e então a arte apropria-se inteiramente della e é quando adquire caracter accentuado de phenomeno esthetico. Não fosse assim, não haveria, na Escola de Bellas Artes, lugar para que um modesto anthropolgo viesse conversar a respeito do thema. Mas a antropologia não é hoje mais a esclusiva apaixonada das caveiras e, sem renunciar ao minudente estudo das feições morphologicas da espécie, vae, cada vez mais em nossos dias, consagrando-se ás pesquisas superiores e difficeis da physiologia e principalmente da psychologia dos grupos humanos. E' mesmo interessante notar que, tendo chegado muito depois, ella hoje contribue, de uma maneira formal, para o esclarecimento de muitos assumptos que outróra, sem o seu concurso, eram questões insoluveis. Se a philosophia, a religião e a arte são phenomenos objectivamente documentados por argumentos tangiveis recolhidos, comparados e classificados pela "historia natural da especie humana", basta lembrar que as doutrinas em moda consideram certas

doenças mentais : paranoia, psychose obcessiva, histeria, como sendo a deformação de taes phenomenos que só apparecem na alma collectiva ; deformações de uma philosophia, de uma religião ou de uma arte. Os factos do totemismo e os do tabú, que tanto elucidam os phenomenos da ambivalência dos instinctos affectivos, dão direito de ingresso á anthropologia no confuso e ao mesmo tempo fascinante territorio da psychologia artistica.

Será, se quizerem, ao mesmo tempo um previlegio e um precalço da nossa éra, o que a sciencia vae realizando na desarticulação gradual mas segura de tantos conceitos com os quaes a humanidade foi crescendo. Mas ninguem contesta essa verdade. Nem mesmo os impenitentes retoricos que procuram fugir ás tenazes do racionalismo scientifico enovelando-se nas fórmulas modernas com que a metaphysica os favorece...

A' medida que a psychologia éthnica se torna mais precisa, uma porção de ideaes, que pareciam livres construcções, pensamentos individuaes, vão sendo attingidos. Diante da moderna psycho-physiologia, a personalidade do artista já não é sempre indecifravel, o seu temperamento é muitas vezes elucidado com segurança, os impulsos affectivos que o guiaram são traduzidos em fórmulas accessiveis, a alma é lida nos seus quadros, porque nelles o inconsciente transparece. Nem por isso perde a arte o prestigio antigo e eterno. Continúa a ser o supremo encanto da vida. Nem por conhecer melhor as minucias das flores, deixam os naturalistas de encontrar o espectaculo da belleza.

***

O estylo depende de muitas condições geraes, cosmologicas e humanas em um processo psychico particular ; a estylização, que é esse processo particular,

nasce de condições ambientes mais restrictas, depende mais de feições actuaes.

O estylo é a traducção esthetica integral da alma do povo; a estylização é um gesto artistico.

Todos os grupos humanos são capazes de estylização; nem todos conseguiram criar um estylo. Faltou aos que não attingiram esse nivel a transmissão hereditária dos conceitos psychologicos que só com o germen da raça, preservado de contactos deturpadores, transitam pelas gerações. E foi assim que surgiu e cresceu um estylo purissimo desdobrando-se na magnifica ceramica de Marajó, obra de arte de imperecivel belleza, que insulados primitivos imaginaram e construiram nas regiões cortadas pelo Equador. Que os que ainda julgam a civilização flor de climas temperados, lancem um golpe de vista naquellas maravilhas (Fig. n. 16).

* * *

Muitos acreditam que a arte surgiu com a estylização das formas naturaes. Eu não penso inteiramente assim. Costumo dividir as manifestações graphicas dos povos primitivos em quatro grandes grupos:

1 — Desenho eschematico
2 — Desenho estylizado
3 — Desenho naturalista
4 — Desenho symbolico.

No desenho eschematico encontro as primitivas manifestações da arte popular. Não depende de nenhum individuo mais bem dotado. E' uma tantativa de gesticulação, ainda imprecisa mas claramente intencional. Não se busca no desenho eschematico a belleza; procura-se a verdade pratica. Acha-se a belleza, porque é companheira da verdade... A sciencia tem nisso, talvez, o seu maior encanto...

O desenho eschematico é sempre particular, representa antes as relações das partes que compõem o objecto. A forma por si só, nelle, é secundaria. Consagra-se especialmente aos motivos estaticos. Nos primitivos como na criança, é o primeiro signal da preoccupação expressiva por methodos graphicos; e como não abandona a verdade natural, é muitas vezes o que os ethnologos allemães chamaram *desenho radiographico*, no qual as partes invisiveis do objecto são representadas como se, ao desenhar, o autor as tivesse realmente diante dos olhos. Não registra sempre só o que vê, e sim o que sabe que existe, embora occulto. Não é possivel, por todos os motivos, deixar de incluil-o entre as manifestações iniciaes da arte, mesmo porque o desenhista deixa ali a marca da sua personalidade, dando-lhe attributos que tira do seu repositório psychico.

Quando, no seio da população primitiva, surgem alguns individuos anormaes para o meio, typos que a psychologia moderna enquadra entre os chamados *eidéticos*, o desenho eschematico attinge á estilização. Jaensch denominou eidéticos ou visuaes, "aos individuos que possuem a faculdade de formar imagens opticas concretas". São pessoas que, depois de haver contemplado o objecto, são capazes de revel-o subjectivamente. Podem os eidéticos, egundo as experiencias feitas por Jaensch, projectar mentalmente as imagens, em tela virgem, respeitando as dimensões do original. A memoria visual, por si só, não basta para explicar o phenomeno. Os eidéticos são capazes de sonhar acordados. O sonho artistico, como se vê, tem muito de eidético e portanto de anormal. Veremos adiante a importancia da noção, quando tentarmos estabelecer os principaes typos de estylização.

Em rigor, é ás vezes impossivel distinguir o desenho eschematico do desenho estylizado. Faz-se, não raro, insensivelmente, a transição entre os dois, como nas

faixas do arco-iris a successão das côres. Em regra, o estylizado representa seja o especifico, seja o geral, seja o dynamico. Direi mesmo, para melhor precisar o meu pensamento, que o estylizado é um eschema da especie ao passo que o desenho denominado estylizado do individuo é, afinal de contas, um eschema. Além disso, só o desenho estilizado e o naturalista podem representar o movimento em toda a sua pureza dynamica. Nas esculpturas prehistóricas, nos desenhos das cavernas, nas figuras dos povos selvagens, como nas grandes obras de arte do mundo culto, sempre que se descobre um movimento — expresso ou implicito, como queria Rodin — existe a estylização. Ella se manifesta principalmente nas linhas que marcam as attitudes. A attitude estyliza o movimento. (Figura 18).

Vê-se, por tudo isso, que não basta *reduzir ao essencial* um ser para realizar a sua estylização. O processo é mais complexo. A personalidade do autor influe diretamente para que a figura não degenere em simples eschema. Nem é por outro motivo que muitos fazem *eschemas*, pensando que realizam definitivas *estilizações*....

* * *

O desenho naturalista é sempre mais ou menos complexo. Só a photographia é capaz de reproduzir aproximadamente a natureza. Vinte artistas traçam na téla a praia de Copacabana ; resultam vinte quadros diversos, ainda que os autores sejam discipulos do mesmo mestre, tenham a mesma edade e trabalhem em condições identicas. Mas ainda assim, não é difficil observar que, em alguns, a estylização reponta espontaneamente. Têm estylo e estylizam muitos attributos dos seus quadros. Outros, embora tendo estylo proprio, não deixam perceber estylização nos objectos que fixam na téla.

O gesto artistico do povo está vivo em "Caipiras" de Almeida Junior. Já é um esboço forte de estylo nacional.

* * *

O artista transforma o *desenho eschematico* primitivo em *desenho estylizado* dos albores da cultura humana. O sacerdote, por influxo da religião que interpreta, faz apparecer o *desenho symbolico*. Arte e religião, no sentido social, andam sempre de mãos dadas, seja no fetichismo, seja no monoteismo ou mesmo nas phases superiores da crença scientifica. Mas o desenho symbolico, que no Egypto parece ter tido o mais exhuberante desenvolvimento conhecido, já se affasta muito da natureza, em grande numero de casos, e em taes circumstancias perde contacto com a estylização.

* * *

Definido o lugar do desenho estylizado entre os typos da expressão graphica, convém passar agora a examinar outro ponto altamente interessante. Vimos a funcção do espirito artistico na criação da estylização. Mas esse espirito, por sua vez tem, entre os primitivos como nas crianças, o surto condicionado por um phenomeno geral da psychologia humana, estritamente ligado aos inicios da religião, que é o totemismo. Seja qual for a theoria que se adopte para explicar o totemismo, e ellas são numerosas, é ponto incontroverso que elle pode ser definido como *fetichismo especifico*.

O fetiche, então, não é um dado ser ; é a *especie* a que este pertence. Essa base fundamental do totemismo completa-se, para alguns, com a exogamia imprescindivel.

Tenho como provavel que foi o totemismo dos primeiros artistas que os levou, na maior parte das vezes,

a estylizar nas cavernas da França, da Hespanha, etc., as maravilhosas figuras animaes alli descobertas. O totem é sempre uma especie animal ou vegetal, um phenomeno natural. Quasi sempre é um animal, que se considera sagrado e ao qual se presta culto filial. Em compensação, o totem prestigia o povo. Em certas occasiões é sacrificado, com determinado ritual, que foi chamado *banquete totêmico*. Nem sempre, porem, terá sido possivel ao homem primitivo,encontrar na hora desejada, o seu totem. Outras vezes, terá sido obrigado a render-lhe homenagens especiaes, quando o typo animal necessario não se encontrava ao alcance. Deve ter tido, nessas condições, a necessidade de creal-o para fins religiosos. Sabemos hoje que, entre os primitivos, a *idéia* confunde-se com o *sêr* e que a figura de um objecto não é apenas a sua representação ; é um dos modos de ser de sua individualidade. De sorte que, na ausencia do totem, a figura estylizada do animal suppre a grande falta. Os melhores desenhos das espeluncas européas foram quasi sempre gravados nas partes mais escuras e quasi inaccessiveis. Tratou-se de collocar o totem, assim criado, em condições de recato e protecção. Não discuto se a arte dos primitivos nasceu apenas da applicação inconsciente da energia psychomotora exhuberante, sobras da actividade venatoria ou guerreira (*surplus energy*) ; se nasceu da curiosidade, consequencia natural das funcções intellectuaes (inducção, deducção e expressão) ; se foi desde logo *arte pela arte*, no anceios irreprimivel de melhorar o ambiente. O que não me parece acceitavel é ligal-a á magia pura e simples. *Magia* e *animismo* são termos infelizes de que os ethnologos modernos vão usando e abusando. Animismo não significa grande coisa. São animistas todos os que não chegaram a um conceito do universo regido por leis geraes e immutaveis. Magia, por outro lado, é sobretudo um conjuncto de praticas rituaes ; não é,

penso, crença por si mesma. E' processo pratico de fazer valer os poderes superiores, em que o individuo acredita. De sorte que, dos tres elementos fundamentaes de todas as religiões: *dogma*, *regime* e *culto*, ella não cabe senão no ultimo e não parece sufficientemente efficaz na génese da arte. Suas grandes patrias classicas foram a India, o Egypto e o mundo greco-romano, de onde ella se espalhou pela christandade medieval; são ainda hoje seus recessos as regiões em que domina o polytheumo africano. Entre primitivos fetichistas totemicos seria a pratica da magia um rito sem dogmas.

* * *

Será possivel estabelecer mais de um typo de estylização quanto á genese psychologica de cada qual? Não sei até que ponto tenho conseguido resolver esse problema interessante. Seja como fôr, o exame da questão leva-me a propor uns tantos typos provisórios.

A *estylização intencional* é a que se manifesta nos casos até agora referidos. Foi sufficientemente caracterizada na primeira parte desta palestra.

A *estylização inconsciente* resulta do phenomeno da ambivalencia dos impulsos affectivos, que, conforme o conceito de Bleuler, é caracterizada por dois pendores contrarios, smpre existentes em cada caso affectivo: tendencia e prohibição (dynamogenia e inhibição).

Para os psychoanalistas, se a *prohibição* é consciente, a tendencia prohibida que, no individuo perdura insatisfeita, é inteiramente inconsciente. E assim permanece, até que, sob qualquer symbolico disfarce, ressurge em momento dado. Como no sonho, os desejos recalcados tomam, na obra de arte, as formas que a consciencia tolera. E a estylização inconsciente dos symbolos oniricos pode, sem que o artista o perceba, repon-

tar no quadro em posições insolitas. E' o que acontece no quadro de Leonardo da Vinci que mereceu minucioso estudo de alguns discipulos de Freud. Um delles — Oskar Pfister — encontrou na tela de Leonardo em que se vêm Santa Anna, a Virgem e o Menino Jesus, inconscientemente estylizado nas dobras do manto que envolve uma das figuras, o perfil de um abutre, ave perseguidora do artista desde a mais tenra edade; imagem que o grande mestre, ao que dizem os psycho-analistas, trazia no seu subconsciente como symbolo de idéas eroticas recalcadas.

A estylização, nos productos da actividade humana, pode talvez ser considerada, pondo de parte o seu aspecto psychologico, como caso particular de um phenomeno natural muito mais geral. Seja o homem simples paciente, collocado no posto de modesto observador ou mesmo actor inconsciente do espectaculo natural, muitas vezes surge a *estylização espontanea*, pela qual certos quadros naturaes se repetem e se simplificam. Não me parece razoavel excluir deste estudo a menção daquelles casos em que a própria natureza estylizou formas ou attitudes. Nos seres inferiores, plantas ou animaes, diatomáceas, coraes, estrellas do mar, existe o phenomeno bem accentuado. Os irmãos gemeos representam, igualmente, verdadeira manifestação do mesmo typo. Em taes individuos, a *forma especifica*, domina a *forma individual*, o que constitue um dos caracteristicos da estylização.

Não é bem isso, porem, que desejo salientar como estylização espontanea desde que se trata de estudo mais directamente ligado a manifestações technicas. Desejo apontar phenomeno muito mais complexo e interessante. Recordo-me haver lido numa das pagina mais perspicazes de Taine o parallelo que estabelece, em phrases limpidas, como agua que desce da montanha, entre o dominio da *linha* nas regiões de clima secco e a victoria da

mancha nos recantos brumosos ou humidos. "Em verdade, diz o mestre, uma cidade do sul, uma paysagem da Provence ou da Toscana é apenas um simples desenho. Com papel, *fusain* e côres débeis de lapis, pode-se represental-as inteiramente. Na Hollanda, ao contrario, a terra é verde e manchas vivas em quantidade rompem a uniformidade do prado universal".

Assim, a propria natureza offerece aos olhos grupos de formas simplificadas; as cidades da terra secca estilizam-se por si mesmas. Ao artista, com a sua personalidade, cabe apenas registrar o phenomeno.

Outras vezes, como na figura de um atirador da Rondonia, a estylização da attitude é ainda mais flagrante. Não é *um indio* que atira a flecha por elevação; não é *aquelle indio;* o sol gravou na chapa photographica o *archeiro* que ali está estilizado, no recorte dos seus gestos, no busto empinado, nos membros inferiores que se armam na posição mais favoravel, na saliencia dos musculos retesados pelo esforço, no arrojo forte e agil ao mesmo tempo, com que elle retira o braço quando solta a corda do arco que mandou ao céu a flecha da sua escolha, serva obediente dos seus desejos. (Figura n.º 19).

* * *

Um notavel professor de Marburg, E. Kretschmer, formulou algumas leis que lhe parecem condicionar os processos de expressão, verbaes ou graphicos dos povos primitivos. Acredita elle que as artes plasticas são sempre dominadas, nos prodromos da cultura, pela *agglutinação* das imagens. No Egypto, na India, na Grécia no México, a arte mostrou grande predilecção pelos seres compositos: esphynges, centáuros, sereias, etc. Os proprios anjos do catholicismo são figuras dessa categoria (homens e aves).

A observação é até certo ponto verdadeira. Mas a localização chronologica do phenomeno não é feliz. Não é feliz porque ninguem tem hoje o direito de considerar *primitivos* indús, egypcios, gregos, maias, etc.

A agglutinação das imagens é mais recente, em comparação com os verdadeiros primitivos prehistóricos ou com os selvagens actuaes. Acredito que ella tenha origem antes nos restos do *fetichismo infantil*, latente nas camadas profundas da alma de todos os adultos e se reaffirme quando encontra meio favoravel, tal qual aconteceu entre aquelles povos. Por outro lado, só a estylização pode permittir as figuras compósitas e condensadas. Para Kretschmer são exemplos destas ultimas as representações geométricas de figuras zoológicas ; assim os indios do Xingú representam abelhas sob a forma de losangos, morcegos sob a forma de triangulos, etc. No meu conceito, porem, isso já não é mais *estylização*. Encontramo-nos diante de verdadeiros *symbolos*, que são sempre mais ou menos convencionaes. (Figura n.º 17).

Bem mais interessante é o que diz o mesmo professor quanto ás *leis da estylização* e quanto á interpretação da *arte expressionista*. A estylização na synthese de Kretschmer deriva de um conjuncto de tendencias psychologicas :

a) Tendencia para dar *relevo ao essencial ;*

b) Tendencia á *simplificação da forma ;*

c) Tendencia á *repetição* (symetria bi-lateral ou repetição morphologica).

Na estylização, diz elle, o autor dos desenhos transforma o material que lhe fornece o ambiente, de modo que o resultado é um compromisso entre a imagem exterior e as tendencias proprias do individuo que as reproduz.

Isso é verdade, mas Kretschmer, ao que penso, não distingue o *desenho eschematico* do *desenho estylizado* e muitas vezes nem mesmo o *symbolico*. Assim elle reproduz, de trabalhos ethnographicos realizados no Brasil por Max Schmidt e Karl von den Steinen, desenhos symbolicos de homens, aves, peixes, abelhas, morcegos, como se fossem estylizações.

Tanto nas cavernas da Europa como no material indigena actual do Brasil, é commum encontrarem-se desenhos de animaes em que foram representados orgãos internos normalmente invisiveis : coração, ossos, etc. Esse desenho radiographico de que já falei nunca se encontra estylizado. E' proprio dos eschemas. Constitue o chamado *realismo intellectual* de Luquet e faz parte daquillo que Max Verworn chamou *arte ideoplastica* em contraposição com a *physioplastica*,

Kretschmer parece ter toda razão quando mostra que o *relevo ao essencial* constitue manifestação da *catatimia*, que é a transformação dos conteúdos psychicos por influencia de factores affectivos. De facto, o que nos parece essencial em qualquer objecto é justamente o que mais desperta os nossos sentimentos. E é por isso, diz elle, que, seja qual for o desenvolvimento da arte, a estylização permanece eternamente a sua mais pronunciada caracteristica.

Onde, porem, Kretschmer parece-me ter sido de uma grande felicidade é na correlação que estabelece entre as *tendencias rithmicas* da nossa vida psychomotora e a estylização repetida dos motivos ornamentaes. O Prof. de Marbug não conhecia o interessante trabalho de Carlos Frederico Hartt, publicado nos Archivos do Museu Nacional em 1885, sobre a origem e evolução da ornamentação. E' notavel como se ajustam, até certo ponto, os dois pesquisadors. Hartt é muito menos psychologo. Sua theoria é de naturalista ; elle mesmo a chamou "uma especie de darwinismo". "A evolução

da arte decorativa é devida, escrevia Hartt, em primeiro logar á tentativa continua de dar mais prazer á vista e em segundo logar pela *sobrevivencia do mais bello*, ou, em outras palavras, do *mais proprio*, Um ornato adaptado aos olhos, é realmente bello e conserva-se; ao passo que as formas mal feitas e mal adaptadas morrem". Vê-se que o conceito de Hartt é realmente demais objectivo. *Um ornato adaptado aos olhos* para elle, é uma figura que não dá demasiado trabalho aos musculos motores dos globos occulares...

Em todo o caso, o sentimento de prazer que elle accentúa no individuo que contempla taes ornatos, aproxima-se da catatimia.

Não posso, porem, acceitar a opinião de Kretschmer quando dá ao *eschematico* lugar mais elevado em relação ao *estylizado*. Para elle a estylização é o phenomno primario. Em vista do que venho expondo, isso não me parece admissivel.

Karl von den Steinen julga que o *desenho communicativo* foi o inicial. Os methodos de trabalho e a natureza do material fizeram surgir a estylização, segundo a opinião desse illustre mestre. Não é possivel negar taes influencias. As figuras quasi inconscientes que o lapis ocioso traça na folha de papel ou as esculpturas em miolo de pão, que dedos distrahidos amassam, nos momentos *post-prandium*, bastam para o demonstrar... A admiravel arte dos negros africanos, tão bem documentada em um livro notavel de Hardy, deixa ainda mais clara a importancia do material como elemento favoravel ao surto da estylização.

Haddon tentou estabelecer um methodo de filiação historica para o estudo da arte primitiva e julga que a cópia servil da natureza foi o inicio.

Comparando os desenhos infantis com os dos primitivos, julga Max Verwon que as nossas crianças

começam pela arte ideoplastica enquanto que os primivos principiam pela physioplastica.

Koch-Gruenberg estudou com particular attenção o surto da arte selvagem no Brasil. Para elle tambem o desenho é primeiro *communicativo* e só mais tarde *esthético*. Os attributos ou minucias das figuras são tratados como partes independentes, de onde resulta a fallencia das proporções. A importancia que tem o individuo ou objecto desenhado faz com que augmentem ou diminuam o tamanho da reproducção. O chefe da expedição era muito mais baixo do que o seu auxiliar ; no desenho, os indios fizeram o chefe em ponto muito maior, porque era elle quem mandava...

Os vegetaes poucas vezes apparecem. Os animaes superiores são preferidos porque despertam, pelas suas funcções de relação, os sentimentos do artista. O chamado *desenho descriptivo* é uma tendencia marcada para o symbolismo, mediante simples eschematização.

Barnes e Levinstein caracterizaram, no desenho infantil, as chamadas *figuras historicas*, que tambem se encontram entre os primitivos ; scenas em que ha um projecto de realização.

Ao nosso illustre amigo, Professor Max Schmidt, coube demonstrar que certos motivos ornamentaes, que entre os indios têm nome de plantas e animaes, suggerindo assim a possivel estilização de taes seres, não passam de reproducções de ornatos derivados de typos especiaes de trançados ou tecidos. E' uma observação importante que nos deve levar a honesta prudencia, na interpretação da arte indigena.

De todos os povos civilizados foi o japonez aquelle em que a estylização attingiu requinte singular. E' notavel que os artistas japonezes procedem de modo opposto ao que vimos entre os indios : as figuras principaes, nobres, sacerdotes, são sempre esteriotipadas. Não ha duas caras differentes. As figuras de classe in-

ferior e o resto dos attributos da composição mostram, juntamente com o dynamismo das attitudes, a inexgotavel fantasia dos artistas japonezes.

* * *

Ha alguns annos, era de regra assimilar os desenhos dos loucos e das crianças aos dos primitivos. Marcel Reja, em 1907, Hamy, em 1908, identificando a arte dos primitivos com a das crianças, caracterizam, no entanto, a dos selvagens pelo espirito de synthese que falta na outra. Tambem as figuras das tatuagens dos criminosos são em geral ideographicas e descriptivas, conforme Lombroso observou em 1894, estudando os palimpsestos das prisões.

Actualmente a arte dos loucos não póde ser mais considerada de maneira tão simples. A razão é que na arte dos sãos póde haver muito da arte dos dementes; e na destes dão-se, ás vezes, phenomenos que explicam a evolução psychologica dos primeiros.

O artista é sonhador. Na denominação de Jaensch, é sempre mais ou menos *eidético*. Ora o phenomeno que consiste na faculdade de formar imagens opticas concretas é frequente na infancia e nos primitivos. A idade e a civilização parecem tornal-o cada vez mais fugaz. Menos em certos artistas que são, dest' arte, typos especialmente aptos á estylização.

Por outro lado, certas auto-pesquizas de intoxicação experimental pelo *peyotl* vieram mostrar que é possivel provocar artificialmente a formação de imagens concretas em pessoas não *eidéticas*. Seria o *peyotl* a *planta da estylização*.

O *peyotl* é uma planta mexicana muito bem estuda entre outros por W. E. Safford, botanico do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da America do Norte, autor que, a esse respeito, tem publicado

valiosas noticias em differentes volumes dos *Smithsonian Reports.*

Supuzeram os hespanhoes conquistadores que o *peyotl* fosse um cogumelo, opinião justificavel pelo aspecto da substancia que viam utilizar. Chamavam-no os mexicanos "teonanacatl" ou "carne de Deus". Para os hespanhoes era a "raiz do diabo". Sabemos hoje, com segurança, que se trata de pequenas cactáceas sem espinhos, pertencentes a diversas especies : *Lophophora Williamsi* e *Anhalonium lewinii.* Crescem espontaneamente no sul do Texas e ao norte do México. Foram tribus Chichimecas do norte as descobridoras da sua acção estimulante e narcótica. E' provavel que os historiadores, que conheceram a substancia, no vale do México, nunca tivessem tido occasião de ver a planta viva que a fornecia. Durante três séculos ficou sem precisa identificação o vegetal maravilhoso. Era tido como fungo... e ninguem achava cogumelos tóxicos daquella natureza na região em que cresce o *peytol.* Sua raiz parece uma cenoura. Mas no estado em que era usado tornava-se difficil reconhecel-a. Desde 1888 até hoje, Lewin, de Berlim, e depois Heffter, Prentiss, Morgan, Mayer-Gross e outros estudaram o *peyotl ;* foram extrahidos alcalóides que hoje se renominam *lophophorina, anhaloina* e *mescalina.*

Já nas antigas chronicas diz-se que a droga confere, a quem della usa, a faculdade de prever o futuro e recompor os quadros do passado, alem de outras maravilhas...

Actualmente o seu nome *teonanacalt* é desusado. Dão-lhe differentes tribus as designações de *xicori, kamaba,* etc.

Resumindo os effeitos do *peyotl,* que para este estudo nos interessam, basta citar alguns phenomenos particulares. O individuo que prova a raiz do diabo sente notavel exaltação da sensibilidade ;

tudo se accentúa para elle. O mundo parece-lhe mergulhado na luz, cheio de cores vivas. Os menores detalhes dos objectos tornam-se salientes. As physionomias das pessoas apparecem estylizadas, com as feições marcadas como o rosto dos actores que, no palco, accentuam os traços. E tudo isso se passa, quando a intoxicação não é demasiada, conservando o paciente em estado de vigilia. Ha mais, porem, As noções de tempo e de espaço, se olbiteram. O paciente vê os movimentos dos outros ou muito lentos, solemnes, hieráticos; ou muito vivos, rapidos e violentos.

Para terminar este rapido bosquejo, uma outra nota a respeito do *peyotl*: a manifestação de sensações associadas intensas. O individuo intoxicado, ouvindo certos sons, vê certas côres...

Tudo isso poderá servir para que se comprehenda melhor o mechanismo natural do processo psychlogico da esytlização.

Ha, porem, alguma coisa que tambem é muito interessante e se acha relacionada com as questões que aqui examinamos. E' que o *peyotl* leva, afinal, os seus consumidores aos phenomenos do estado psycopatha que os alienistas denominam *eschizofrenia*. Não nos importam as minucias dessa doença nem tão pouco os differentes conceitos que della fazem as escolas medicas. Interressa-nos, apenas, saber que o *pensamento eschizophrenico* revive, de mistura com elementos intellectuaes os mais evoluidos, os mais intensos valores graphicos da humanidade primitiva (Kretschmer). Assim a *condensação*, o *deslocamento*, a *catatimia*, a *ambivalencia dos estados primitivos*, repontam vigorosos nos eschizophrenicos, que vivem ao nosso lado, cheios de pensamentos actuaes, proprios da epoca. O doente cae num verdadeiro *estado atavico da espécie*. Como nos fetichistas dos tempos da magia, seus pensamentos são realidades. Nasce, então, no cerebro enfermo, uma *concep-*

ção magica da natureza. As imagens compósitas de *condensação agglutinativa* aparecem, como as figuras hibridas da arte antiga. Conta-se o caso de uma rapariga que tendo tido dois namorados ; depois de doente via o primeiro... falando com a voz do segundo.

Kretschmer recorda de que modo todos aquelles phenomenos primitivos, acima lembrados, encontram-se nas representações da arte modrena, como se encontraram no inicio dos grandes movimentos esthéticos.

O proprio nome *góthico*, attribuido ao grande estylo como o insolente revoltado contra as disposições classicas, mostra, no qualificativo *barbaro*, o menosprezo com que foi julgado. Foi o góthico então, com as suas *chimeras*, *dragões*, *diabos* e tantos outros attributos escandalosos, o *futurismo* daquelles tempos...

Ha, no estudo de Kretschmer, uma phrase bella : "O que determina a profundidade da acção esthetica são os obscuros e poderosos conglomerados de imagens e estrados affectivos que, desprovidos de qualquer forma definitiva, nem por isso deixam de existir por detraz do que se encontra directamente representado".

Comparam os psychologos a consciencia, ou os estados de consciencia ao campo visual em que ha região central e peripheria.

Para designar o que a escola de Freud chamou *inconsciente psychico*, Schilder criou mais um nome : *esphera*. As imagens concretas, *eidéticas*, que já conhecemos, formam o substracto do sonho e da criação artistica. Depende dos materiaes accumulados na zona da *esphera*, a intensidade emocional provocada pela arte. Por isso, accresenta Kretschmer, por outras palavras, o canto popular ingenuo, ás vezes, não tem lógica ; mas consegue vibrações intensissimas nos que o escutam, porque, nelle, existe a riqueza inconsciente da alma collectiva. A sua *esphera* é ampla. Palavras e idéas

bellas, diz ainda o psychologo, são como folhas seccas quando não acompanhadas daquelle cortejo subconsciente. Só a *aglutinação catatimica* é fecunda, quando os materiaes psychicos não tomaram forma definida. A arte só nasce no claro-escuro das regiões da *esphera*.

Todas essas considerações que, apesar da sua inegável metaphysica, correspondem aos factos subtis da vida affctiva, não nos permittem abandonar summariamente as manifestações estranhas da arte moderna. Ninguem espere de mim a proposta da criação na Escola de Belas Artes, de uma cadeira especial para o desenvolvimento do *expressionismo*... Mas consentirão que, habituado a ser honesto para comigo mesmo, eu a todos procure mostrar que essa arte dos civilizados requintados veiu trazer um contingente apreciavel ao conhecimento dos processos artisticos do homem primitivo.

No quadro expressionista, abandona-se o primeiro plano, significativo e bem ordenado. O centro visivel da consciencia vem ser occupado pelas formações da esphera, catatimicas e assintaxicas. Do excesso de estylização nasce o *cubismo*. A tendencia a geometrizar objectos reais, ou a exprimir sentimentos e idéas por meio de linhas ou manchas que não correspondem a nada de concreto, approximam o expressionismo das formas archaicas que nos deixaram os povos civilizados do passado, das formas decorativas do inicio da arte gótica, das criações dos primitivos e das crianças. O parentesco deriva, como vimos, das tendencias agglutinativas, catatimicas e assintaxicas das imagens; mas repousa principalmente sobre a *estylização massiça*.

No fundo, tanto os philosophos formalistas, como os artistas desse typo, pertencentes ao chamado *temperamento eschizotimico* — que fornece os estylistas puros, os tragicos, os sarcasticos, os naturalistas tendenciosos e os expressionistas brutaes (Kraetschmer) —

todos elles dissimulam a variedade do mundo real em construcções intellectuaes angulosas que resumem o resultado das suas abstracções.

* * *

Sejam quaes forem as tristezas do momento nacional, um facto por si só basta para que os irreductiveis crentes optimistas, como eu sou, considerem o futuro da nossa terra natal: as gerações que surgem pensam cada vez mais no Brasil.

Feliz como o operario que não poderá habitar no palacio que ajudou a levantar, misturando o seu suor as aguas das argamassas, mas que se alegra em ver no céu os tons da cumieira, sinto uma profunda emoção quando rememoro as primeiras phases do movimento que bem pode ser datado da hora em que Euclydes da Cunha revelou a alma do Brasil aos seus patricios, estylizando as feições especificas do nosso systema nacional. A victoria definitiva ha de ser conseguida no dia em que, embora inteiramente conquistados pelos ideaes da fraternidade humana, como já estamos, pudermos representar os attributos da nossa vida em estylizações que serão os gestos artisticos do nosso pvo.

Nessa peleja não se hão de contar apenas os que nasceram no Brasil. A natureza aqui fornece mais cartas de cidadania do que os respeitaveis decretos da autoridade publica... E são documentos sempre autenticos e impereciveis.

E' vão procurar deliberadamente o *estylo nacional* para nelle, depois, representar os materiaes do ambiente. O estylo é uma abstracção, como a luz, a electricidade e o calor. Nenhum delles existe objectivamente, independente dos corpos. Do exame dos corpos quentes, luminosos ou eletrizados, deixando á parte os seus outros caracteres, e só considerando um daquelles de

cada vez, por uma operação psychologica, surge a theoria da luz, do calor ou da electricidade que imaginamos, para explical-os, sejam corpúsculos ou vibrações (A. Comte).

E' assim o estylo. Depois que o povo conseguir, por gradual, lento, mas seguro processo criar a estylização dos seus companheiros de *habitat* organizados ou inertes, hão de surgir os estylos que traduzirão, na arte, as attitudes da natureza, conforme aconteceu com os supremos ceramistas de Marajó. Só ha um meio de apressar ou dirigir, até certo ponto, a desejada eclosão: voltarem-se os mais bem dotados para a natureza e serem, como queria Ibsen que todos fossem, sinceros para comsigo mesmos.

* * *

O estudo do processo psychologico da estylização é incontestavelmente cheio de attractivos e de difficuldades. A metaphysica anda ás soltas... Apesar da resistencia que lhe oppõem os que se habituaram ao pensamento positivo e determinista, está o ambiente moderno cheio della; todos se intoxicam...

Em todo caso, apesar do impreciso das explicações, a psychologia moderna, ao que vimos, vae acompanhando de perto a elaboração artistica.

E, se ella não convence, entretem, no entanto, os philosophos, coisa difficil em mundo tão velho.

TERCEIRA PARTE

NA ACADEMIA:

Discurso de recepção de Affonso Taunay
Discurso de recepção de Miguel Ozorio

I

Sr. Affonso de Taunay :

TRADUZ uma injustiça que fazeis a vos mesmo, o impulso que vos leva á possibilidade de integrar a Academia uma funcção de zero ao infinito. O posto em que ora vos achaes de direito era vosso, porque estas cadeiras não nos pertencem, para os regalos da affeição ou do interesse. Dando-vos as bôas vindas, em nome da Academia, confesso a minha surpreza de não vos haver encontrado entre os meus illustres eleitores, já figurando, naquelle tempo, ao lado dos que servem aqui a cultura do paiz.

Não vos atormente, pois, o receio de que o voto de 7 de Novembro haja tentado innovar a poltrona que a modestia demasiada vos sugeriu. Sendo a tradição lembrança acumulada na alma collectiva, não me parece a velhice indispensavel ao seu condicionamento, embora lhe dê, é certo, mais peso e maior prestigio. A correspondencia de Machado de Assis com Joaquim Nabuco, publicada recentemente em nossa Revista, define um caminho que antes afasta a Academia dos *outeiros* innocentes do tempo de D. João V, jogos floraes sem consequencias. "Você sabe, escrevia Nabuco a Machado, a 6 de Dezembro de 1901, você sabe que eu penso dever a Academia ter uma esphera mais lata do que a literatura exclusivamente literaria"... E a 8 de Outubro de 1904 : "A minha theoria já lhe disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do paiz". Machado respondia concordando. No vosso caso, Snr. Affonso de Taunay, foi o que fizemos...

Quando considero o vulto e a importancia da vossa obra magnifica, bem comprehendo que houvesseis tardado. O peso da bagagm, como no verso de Musset, demorava o passo do caminheiro firme, vaqueano de todos os chãos percorridos em labor inegualavel. Mas o que impressiona sobre-maneira, na vossa personalidade, é o traço de humanismo que reponta sempre na phrase despretenciosa e erudita.

Diplomado pela Escola Polytechnica do Rio, professor da de S. Paulo, levastes para os trabalhos historicos, dominantes no vosso thesouro, o espirito educado na sciencia experimental, que ensina a julgar, com imparcialidade, homens e acontecimentos.

No exame do que o vosso olhar descobre e analysa ha muito do engenheiro avaliando resistencia de materiaes... Os vossos juizos criticos, tantas vezes restaurando reputações de antigos vultos, como no caso de D. Francisco de Souza, revelam o profundo conhecedor da balança, arma dos chimicos e symbolo dos magistrados. Na direcção do Museu Paulista pudestes applicar de maneira feliz as condições pessoaes acima apontadas. Devendo ser os museus a *miniatura da patria.* — na terra e nos seres vivos — cumulastes as preoccupações civicas daquelle posto eminente, em que tambem estaes no vosso lugar. Comprehendestes muito bem que o do Ipiranga, é, antes de mais, um Museu Paulista. Pedir a cada um dos Estados um Museu sem a preoccupação regionalista — é absurdo. Mas, com essa restricção, é apontar uma grande obra realizavel e urgente, quando muitos aspectos da nossa terra vão sumindo. E ainda que seja um grande bem substituir o carro de bois, sobrevivencia hindustanica, pelo automovel ou pelo avião, o jequitibá pelo eucalyptus, ha grandes lucros espirituaes na conservação de amostras dos seres que, compondo o ambiente em que surgia a nação, fizeram a riqueza dos avós.

Velando pelo progresso continuo das vossas collecções zoologicas, mantendo com brilho a *Revista do Museu Paulista*, pensastes em tudo. Ao lado do palacio do Ipiranga, fizestes erguer veneraveis engenhócas, desconjuntadas e gemedoras, que no interior, durante seculos, transformavam os productos da terra em utilidades mais geraes. E apoiado pelo espirito superior de Alarico Silveira fundastes os *Annaes* do vosso grande e prestigioso instituto.

Nas canceiras e responsabilidades da administração jamais se esgota a vossa actividade, que annualmente nos entrega artigos, monographias e volumes mais de uma vez laureados pela Academia.

Tão grande é a vossa bibliographia! No entanto a lista dos vossso trabalhos, não traz referencia ás musicas que tendes composto, improvisações no teclado de que sois senhor e amigo.

E' que um dos segredos da vossa obra fecunda está na constante applicação. Pois não é certo que realizaes todas as manhãs o vosso momento musical, dedilhando Schumann, Chopin, Sylvio Dinarte ou Flavio Elysio — tendo na estante, diante dos olhos, no lugar da pauta, um jornal diario a cuja leitura procedeis, emquanto a melodia se desprende das vossas mãos fidalgas?

Meio excellente de ler os diarios, amainando, ao compasso da musica, os arrepios que poderia provocar o noticiario. Quem não fôr capaz de reconhecer, no teclado, os bemóes e os sustenidos, ainda assim poderá seguir o vosso methodo, visto que hoje a boa musica é uma questão de mecanica...

Como romancista compuzestes a *Chronica do tempo dos Philipes*, que li, até até o fim, na segunda edição, chrismado *Leonor de Avila* — já sem demasias, vivo, interessante, cheio de paginas soberbas.

Nelle figuraes luctas de portuguezes e batávos, ambiente de uma leve intriga de amor, e mostraes que o

episodio fundamental, na conquista holandeza, não foi economico. Antes religioso. Um traço da Reforma, gizado no ultra-mar.

No dominio da lexicologia brasiliana vossa contribuição tem sido, sem nenhum exagero, formidavel. Em 1924 publicastes o *Vocabulario de Omissões* — collectanea de palavras correntes no Brazil, e em Portugal não registradas no mais conhecido dos modernos diccionarios. Era o volume desdobramento de trabalhos anteriores, visto que desde 1909 havieis começado a tarefa vultuosa e util que em 1914 tomou corpo no *Lexico de lacunas*, completado em 1927 com a *Collectanea de Falhas*.

Para nós outros brasilianos, Sr. Affonso de Taunay, a vossa actividade, nesse capitulo lexicologico, teve duplo valor. Primeiro porque, graças aos vossos estudos e observações, fizestes entrar no ról official dos vocabulos, milhares de termos que o nosso povo, na sua incontrastavel soberania, creou ou alterou. E, depois, pela coragem, attenciosa mas energica e decidida, com que respondestes á descabida pretensão de quem "não podia admittir sugestões brasileiras em materia de vocabulario portuguez. "A invasão ultramarina doía aos nervos peninsulares". Vossa argumentação foi irrespondivel: A linguagem de trinta milhões de brasileiros ha de forçosamente contar maior oppulencia verbal do que a de seis milhões de portuguezes, tanto mais quanto fortes contingentes, vindos da Italia, da Hespanha, da Allemanha, dos proprios indigenas e dos africanos, entraram a desfigurar o classico idioma.

Ensinaes que os inglezes dispeõm de 500.000 vocabulos: 300.000 têm ás suas ordens os allemães, e quasi outro tanto os francezes. Os portuguezes dispõem de uns 140.000... E, são palavras vossas, "das quantas linguas civilizadas é a portugueza das mais pobres, quanto ás technologias ninguem o ignora. No entanto

relutam em acceitar os milheiros de termos que lhes offerecemos".

Como recusar italianismos ou germanismos da lingua falada no Brazil?

Segundo a vossa estimativa ha mais de cem mil palavras brasilianas á espera de registo nos grandes lexicos.

Mas na admiravel monographia não só consignaes os termos brasilicos refugados pelos diccionarios portuguezes. Traçaes um esboço curiosissimo da distribuição geographica de certos vocabulos, ensinando-nos que para elles ha fronteiras definidas, como é, por exemplo o rio S. Francisco.

O Brasil inteiro está comvosco. Não póde ser bom livro para nós outros o diccionario que não consigna vocabulos que a nossa vida de familia exige a cada hora.

Quanto á terminologia scientifica, provastes que os diccionarios são simplesmente inqualificaveis, omissos ou, o que é peor, errados.

A lingua não é um *fim;* é simplesmente um *meio.* Veste a ideia. E' certo que muitos preferem a luva á mão: nós ambos, Snr. Affonso de Taunay, preferimos que se tire a luva e se nos entreguem os dedos.

Digna de toda veneração é a philologia que conhece as *coisas* correspondentes aos *nomes;* essa, porem, em geral mostra-se muito modesta nas suas imposições e ousadias; e não comette erros vultuosos como os que nos apontastes, em 1926, no opusculo dos *Reparos.*

Quem póde ler, sem sorrir, o caso da abelha melipona que os cuyabanos chamam *guaxupé,* e o diccionario define como sendo *uma especie de penteado?...*

Iguaes á inqualificavel leviandade, consignastes innumeras. Então, o carrapato é um *crustaceo*! Mammiferos, como o bôto, passam a *peixes...* A intransigencia com que nos querem ditar o vocabulario pessoas que só conhecem um terço, talvez, das palavras correntes no Brasil, porque o resto é constituido por expres-

sões nascidas na terra americana, reponta igualmente no caso da ortographia.

Si todos concordam em que a unica razão de ser da escripta é a representação dos sons da lingua, tal qual se fala, o vocabulario não deve ser prejudicado pela sua traducção graphica. Fóra disso *"C'est comme si l'on croyait que, pour connaître quelqu'un, il vaut mieux regarder sa photographie que son visage"* na phrase cortante de Ferdinand de Saussure.

Si a lição do grande mestre de Genéve exprime a verdade, quando a pronuncia é differente não ha razão nenhuma para que a escripta seja a mesma. Felizmente estamos caminhando para a estenographia universal e para o phonogramma. No futuro darão golpes no espaço os partidarios das letras simples ou dobradas, os paladinos do s.

A maquina de escrever matou os arabescos pretenciosos e torturantes da calligraphia; a orthographia ha de ser desmontada pelo phonogramma. Nos milagres da valvula thermo-ionica e da cellula photo-electrica, hoje, arquivam-se os sons, em uma longa fita, a medida que os vocabulos são pronunciados. Quem não desejaria os versos do nosso Alberto de Oliveira, vivos na sua expressão, em vez de mumificados na mortalha de um livro impresso?

A typographia, assistindo ao desdobrar do progresso, que tudo vem transformando ao redor della mas respeitando-a, no que possue de essencial, ha de ser mero auxiliar. Certos livros, em futuro que me agrada imaginar bem proximo, serão pequenos films enrolados. Volumes manuseados pelos nossos descendentes hão de ser parecidos com os papiros dos antepassados; mas em vez de guardar a imagem graphica dos romances ou dos versos, conservarão as composições estuantes, na propria voz dos poetas.

Apaixonado estudioso da fala do vosso povo, pertenceis á corrente que nos parece em condições de engrandecer este paiz. Continuaes, hoje, no mesmo caminho que vos levou outrora a guardar, como reliquia, um pedaço da corda em que desceu ao escuro da sepultura o corpo de Floriano Peixoto, gesto ardente da mocidade, cheio de symbolismo e de piedade civica.

Não é pois de surprehender que a vossa obra capital tenha sido a *Historia das Bandeiras*, "historia da conquista do Brasil pelos brasileiros..." na vossa linda phrase.

Entre os discipulos queridos do nosso inolvidavel Capistrano de Abreu, ao lado de Basilio de Magalhães, Calogeras, Washington Luiz, Alfredo Ellis, Alcantara Machado, Paulo Prado, Studart, Borges de Barros e outros notaveis conhecedores do formidavel episodio bandeirante, tendes, Sr. Affonso de Taunay, autoridade singular.

Nos seis alentados volumes publicados cuidastes principalmente de compendiar o que se apurou, até agora, de rigorosamente exacto, quanto á grande epopéa da raça.

A vossa exigencia, o vosso apurado senso critico, a vossa imparcialidade deram á obra decisiva um tom de segurança raramente igualado, embora, ao que nos avisaes, a synthese geral da historia das Bandeiras não deva ser tentada por emquanto. "Episodio culminante dos annaes brasileiros", escrevestes, pois a elle deve o paiz dois terços do seu territorio actual, foi no entanto o bandeirismo até quasi os dias modernos tratado com grande descaso."

Com grande descaso!

Todos os nomes que ha pouco recordei, até mesmo o do mestre maior, pertencem a publicistas de hoje. No Instituto Historico, a que damos o melhor da nossa

veneração, o "episodio culminante" até 1889, quasi não teve écho.

Na lista das questões propostas aos velhos estudiosos, havia de tudo... menos theses a respeito das *bandeiras*.

Costumo dizer, Snr. Affonso de Taunay, que da comparação dos factos antigos com os recentes, tiro forças para sustentar o meu incorrigivel mas consciente e equilibrado optimismo. Consenti, pois, repita comvosco, nesta altura, que a historia das *bandeiras* — o maior feito da vida nacional — é uma pagina escripta pelas gerações republicanas. O proprio Varnhagen, é vossa a observação, não lhe concedeu lugar a altura do seu relevo.

Com quanta saudade nos lembramos de Capistrano de Abreu, o decisivo iniciador da pagina soberba, apenas esboçada por Southey!

Como não recordar, neste momento, que a figura culminante de Antonio Raposo foi uma resurreição do nosso tempo devida aos estudos de Washington Luis? E Antonio Rapozo — na vossa opinião — foi o maior dos bandeirantes, porque ampliou o nosso territorio.

Si a *Historia das Bandeiras* é copiosa consolidação dos documentos existentes, por outro lado acha-se referta de dados descobertos pelas vossas pesquizas infatigavis; e, em pontos sem conta, corrige innumeros erros, até os menos importantes, como os que transviaram José de Alencar, em "Minas de Prata".

Mau gosto, imperdoavel numa hora destas, seria o meu, si me propuzesse ennumerar todos os meritos daquella vossa obra monumental. *A Historia Geral das Bandeiras* perpetuando o vosso nome, deu-vos a imortalidade, unica, suprema, desinteressada recompensa digna de um trabalhador da vossa estirpe.

Não desejo esconder, porem, meu nobre amigo, que me afasto do vosso ponto de vista ha pouco recordado.

Muito mais do que o "recuo do meridiano" — o que me interessa, no formidavel episodio, mixto de grandeza e humildade, tecido sanguinolento de glorias e oprobios, não é o *territorio* — é a *raça*. Mais de uma vez tenho perguntado a mim mesmo, perplexo ao ver escriptores brasilianos de talento e cultura repetir balofas necedades a respeito dos irremediaveis desastres sociaes que seriam os povos mestiços, tenho perguntado a mim mesmo: como é possivel crer mais nos livros falsos do que na propria natureza?

Sejam quaes forem as tristezas que o espectaculo da vida nacional, em qualquer tempo, haja de suscitar em nossa alma, o Brasil é uma realidade; desmente as theorias...

Para S. Paulo, escrevestes, não immigrou nenhuma grande figura da nobreza de Portugal e de Hespanha. E ainda mesmo que muitas immigrassem... e fossem louras, digo eu.

A *combatividade* e a *mobilidade* — que consideraes os dois caracteristicos mais salientes do animo sertanista, são essencialmente amerindias. Tambem não são louros os "hercules - quasi - modos", que occuparam a Amazonia, renovando aos nossos olhos, em outros termos, porque os tempos são outros, a epopeia dos *paulistas*. Nem *dolicho-louros* são os que varam as canoas no Cuminá, vivos nas paginas de Gastão Cruls, pelejando a lucta infernal que o film documenta. Não ha rhetorica que destrúa a verdade; nem livro que desminta a vida.

Não sei, Snr. Affonso de Taunay, si fostes sempre bem inspirado consagrando no primeiro volume da vossa *Historia*, um capitulo ao que chamastes *aryanisação progressiva* dos paulistas porquanto a anthropologia ensina que o *sangue aryano* é uma utopia.

Em todo caso affirmaes muito bem: "é com elementos quasi unanimemente euramericanos que effectua sua obra a "raça de gigantes" de Saint-Hilaire".

Relendo-vos, deparou-se-me um episodio quasi despresado na historia das bandeiras, caso apparentemente irrelevante mas que, no entretanto, tem, a meus olhos, grande importancia porque traz á tona um factor espiritual de primeira ordem, por si só capaz de explicar muitos aspectos do grande movimento mameluco.

E' o caso que em Agosto de 1671 chegava a Bahia grande numero de *paulistas*, ao mando de Estevão Ribeiro Bayão Parente e Braz Rodrigues de Arzão, gente solicitada pela Camara do Salvador para combater os Aymoré de Paraguassú. "A conquista, diz Jaboatão, só teria o melhor effeito se fosse executada por *paulistas*, gente que se criava neste exercicio..."

Assim foi. Terminadas as campanhas victoriosas, das expedições ficaram na Bahia uns tantos *paulistas* que se puzeram a assolar o districto de Porto Seguro.

A D. Pedro II escrevia a respeito o governador geral, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, em 1692, narrando as providencias tomadas contra "uns quarenta paulistas que a villa de Porto Seguro, havia tres annos se haviam levantado de maneira que a governavam como sua, mandando matar a quem queriam, confiscando bens, fazendo outros insultos inauditos".

Com todo o segredo, adiantava o governador, fizera embarcar em uma sumaca cincoenta soldados, dois ajudantes e dois sargentos, á ordem do Dezembargador Dyonisio de Avila Vareiro.

O Dezembargador facilmente liquidou o caso: "prendeu a todos dentro da matta, com admiração dos que conheciam os *paulistas embrenhados*". Uma testemunha accrescenta; "pareceu cousa milagrosa este successo".

Na sua simplicidade, o episodio destaca o imponderavel elemento espiritual da resistencia dos bandeiran-

tes, a *disciplina*, emquanto organizados sob o mando do Cabo da tropa. Bastou que ella affrouxasse, para que os valentes de Bayão e Braz Rodrigues, no reducto que havia tres annos dominavam, fossem aprisionados, sem demora, ainda mesmo embrenhados nas mattas que conheciam como ninguem, e onde os soldados reinóes mal caminhavam.

Aliás, Snr. Affonso de Taunay, frisaes muito bem a existencia dessa *disciplina*, que para mim foi, talvez, a maior força dos *paulistas*, Os *testamentos bandeirantes* e tantos outros dados, consignados no livro admiravel de Alcantara Machado, depoem no mesmo sentido.

E de onde provinha o regimem, factor tão decisivo? E' só recordar que as *bandeiras* surgiram no arraial fundado pelos mais disciplinados de todos os religiosos. No influxo jesuita dos primeiros tempos julgo encontrar com toda isenção de animo, a maior parte dos elementos espirituaes que fortaleceram, em normas severas, o animo dos *bandeirantes* e a decisão dos *sertanistas*. Mais tarde, os jesuitas soffriam dos seus discipulos... E' da vida!

Nas "reducções" do Sul a influencia dos Padres foi alem do necessario ao condicionamento das conquistas. Dominadora. Chegou mesmo a transformar os caçadores guaranys em agricultores submissos. Por outro lado, alli, o meio espiritual indigena foi desde logo profundamente alterado. O cathecismo suffocou, de inicio, as crenças antigas, desmoralizando velhas lendas e incentivos. Finalmente entre aquelles guaranys faltou o aventureiro ibero ou mameluco, elemento de mestiçagem e de inquietação, que os padres faziam todo o possivel para afastar da "republica".

Eu não comprehendo que se procure explicação para o estupendo movimento nas doutrinas velhuscas da anthropologia literaria. Cartesiano que me confesso, encontro, no entanto, factores psychologicos, muito

mais decisivos do que aquelles motivos mecanicos e problematicos.

Os homens que para S. Paulo vieram de Portugal, portadores ou não de cromozomas nordicos, pertenciam ao mesmo grupo dos que foram para a India, para a China e para a Africa. Por que razão o animo conquistador de taes suppostos nettos dynamizados de ardegos Vikings, não creou *bandeiras* semelhantes ás de Antonio Raposo, em Guiné ou em Macáu? E, ainda mais. Eu não acredito que tenha sido *apenas* a ambição da riqueza o movel daquelles homens.

Em muitos, senão em todos, influiu o ambiente amerindio creador e propagador de lendas capazes de animar o desejo de varar o desconhecido em busca da *terra sem males*. E S. Paulo, naquelle tempo, a propria lingua corrente era a dos indios. Delles recebiam os jovens, nas historias do berço ou nas da puericia, a infiltração da curiosidade, vicio ou virtude que fez cair Eva no Paraiso e salva, hoje, a humanidade nos laboratorios da sciencia.

O *bandeirismo*, como *varação de territorio* e *preação de indios* é anterior á chegada dos colonizadores. Pratica habitual dos Tupy. Com elles aprenderam os Ibéros; e, mais bem dotados de recursos e de cultura, desenvolveram a lição...

Da propria Piratininga, a respeito dos indios, muito antes das bandeiras, escrevia Anchieta; "muchas vezes van a la guerra y auiendo andado mas de cien leguas si captiuan tres o quatro se tornam con ellos..."

Das formidaveis caminhadas indigenas ha estudos modernos interessantissimos e documentados. Para o Maranhão sabemos que partiram do Sul grandes bandeiras tupy muito depois de 1500. Claude d'Abbeville, em 1612, conheceu indios que haviam testemunhado a chegada da primeira migração, no fim do seculo XVI.

Mais duas arrancadas semelhantes foram verificadas depois.

A primeira foi *defensiva ;* foi *conquistadora,* a segunda. A terceira foi antes *religiosa.*

O grande movel desta ultima, escrevi eu mesmo algures, foi a esperança de encontrar, um bello dia, a *terra sem males* — onde os frutos continuamente amadurecem e por si mesmo enchem os samburás, onde a caça nunca falta e vem, sózinha, offerecer as carnes ao caçador. Entre os *Tembé* dos nossos dias, ainda existe o mytho do paiz maravilhoso. *Maira* — creador do Mundo — vive em *Ikauéra,* terra situada ao occidente do Pindaré e do Gurupi, a um mez de viagem da ultima aldeia dos Tembé. A casa de *Maira* é grande e crecada de flores. Ao redor, as plantas uteis crescem exponta-neas ; ninguem as cultiva e ninguem trabalha para colher o que produzem. As aves nidificam no sólo ; ninguem precisa trepar ás arvores para furtar os ovos. As abelhas enxarcam de mel o chão em que abrem colmeias. Os companheiros de *Maira* deixam-se viver docemente... o seu trabalho é dançar e cantar. Na terra de *Ikauéra* ninguem morre ; só se chora de alegria. Ali, a gente envelhece para poder sentir as glorias do rejuvenescimento, que vem coroar sempre a idade avançada daquelles homens felizes...

Eis ahi, mais ou menos, o que as indias contavam aos rapazes de Piratininga, infiltrando-lhes no pensamento o germen da curiosidade, que achou optimo terreno no substracto sonhador da alma ibérica. Porque, essa lenda não é recente. Prova-o o epizodio, qusi incrivel, narrado por Gandavo, no qual, ahi por volta de 1539, algumas ccntenas de tupys da Costa, ao mando de *Uira-uassú* — (a Harpya), tendo ao lado dois portuguezes que morreram no caminho, partiram na direção do Nordeste, em busca de *terras novas onde acharão imortalidade* — diz o chronista. *Uira-aussú* e alguns

companheiros subiram o Amazonas e chegaram ao Perú, onde foram aprisionados pelo Vice-Rei, em 1549, segundo a chronica de Jimenez de la Espada. Comprehendeis agora porque, Snr. Affonso de Taunay, vejo nesse glorioso *Gavião de Penacho*, — o *bandeirante desconhecido*, que está faltando á vossa galeria do Ipiranga; e no ambiente creado pelos tupys de Piratininga, encontro o condicionamento primordial e originario das *bandeiras*, ambiente que pôde agir mais decisivo, graças ao isolamento do nucleo de povoadores, separados da costa pela muralha da serra, e entregues á direcção dos Ignacianos, disciplinadores sem rival.

O mesmo imponderavel elemento espiritual, até certo ponto comparavel ao impulso que desencadeiou as *bandeiras* mysticas da idade média, na Europa, representa para mim mais do que o *indio*, mais do que o *ouro* e mais do que as *pedras*, a causa occulta e sub-consciente do assombroso movimento.

Paulo Prado, á luz de um notavel documento que fez copiar no Arquivo da Marinha de Lisbôa, carta de Fernão Dias, dirigida a Bernardo Vieira Ravasco, escripta numa sexta-fira, 20 de Julho de 1674, vespera da partida para a viagem de Minas — affirma, com toda a justiça: "O velho paulista não era o sonhador de riquezas fabulosas, o "caçador de esmeraldas" que a lenda creou: vemol-o frio organizador de uma empreza difficil, a que o animavam a lealdade e a devoção ao seu rei". Eu tambem penso assim.

Não era o baixo apetite que impelia o ancião, riquissimo e prestigioso, no seu "lento caminhar". Sonhava com as pedras verdes — por cumprir a ordem do soberano, que era encontral-as naquellas rechans.

E tanto o rei conhecia a dedicação de Fernão Dias Paes Leme que, em data de 12 de Novembro de 1678, embora sabendo o sertanista embrenhado a centenas de leguas de S. Paulo, escreveu-lhe do proprio punho,

pedindo que fosse auxiliar D. Manoel Lobo a fundar a Colonia do Sacramento, no Rio da Prata! *Caçador de esmeraldas?* Ou escravo magnifico da sua lealdade? Soberano cumpridor do seu dever?

Por outro lado, lendo o que se diz dos *paulistas* daquelle tempo, gente de turbulencia sem igual, ferozes e intrataveis, mal se comprehende como podiam os grandes *cabos das tropas* realizar os prodigios conhecidos.

Luiz Cezar de Menezes, Governador do Rio de Janeiro, mandava dizer a D. Pedro II (1691)— "Os moradores de São Paulo vivem como quasi á lei da natureza e não guardam mais ordens que aquella que convem a sua conveniencia..." Era voz geral!

Pelo sabido a respeito de algumas *bandeiras*, e particularmente pelo caso do enforcamento de José Paes, ordenado por Fernão Dias, no Sumidouro, como castigo de grave felonia, já se poderia suspeitar que os sanguinarios heróes paulistas não podiam viver assim á *lei da natureza*...

A publicação das *Actas* e do *Registro Geral da Camara de S, Paulo*, das Sesmarias, *Inventarios e Testamentos*, cerca de 80 grandes volumes, hoje entregues aos estudiosos graças a Washington Luiz, veiu esclarecer muitos pontos da vida dos bandeirantes. Os vossos livros entre os quaes não quero esquecer a notavel *Historia da Cidade de S. Paulo*, os de Ellis, o de Alcantara Machado,os de Paulo Prado — bastam como informantes de quem queira fazer juizo, acerca do meio social em que se criavam os heróes sangrentos e cupidos.

Não ha mais que citar uns tres ou quatro episodios, como o de 1623 quando a Camara resolveu a deportação dos *Omens de roim boqua que deffamavam os homens honrados*. A 10 de Janeiro de 1632 obrigava os vadios *que não tinham officio a tomarem amo ou despejarem a terra*. No mesmo anno, D. Benta Dias era obrigada

a mandar collocar uma porta na sua casa de morada, que ella desejava aberta *a tout venant*... Certo Custodio de Souza Tavares em 1539, curandeiro de larga freguezia, era obrigado a deixar a clinica, por não ter *carta de esaminação*.

Tudo isso são provas de policiamento social, incompativeis com a fama geral dos paulistas. Ha, porem, um documento que fala por si mesmo, visto que nelle se requinta uma preoccupação que já vae desapparecendo nas cidades modernas: a 10 de Janeiro de 1632, Sebastião de Paiva levou á Camara o écho de alguns murmurios publicos. Diziam que havendo, no meio da igreja, um banco, delle tomavam conta, durante as cerimonias, Suas Mercês os officiaes, "com grande prejuizo e escandalo do povo por si tratarem mal as molheres" — obrigadas a se sentar no chão.

Que fizeram os membros do Governo Municipal daquella villa, povoada por demonios? Não podendo attender a todas as senhoras... mandaram retirar o banco, privando-se de tal conforto, em gesto de cavalheiro.

Sanguinarios, sim; mas honrados e organizados. E, na guerra... como na guerra.

Uma republica de salteadores não seria capaz de construir a obra duravel da nossa formação territorial.

Encontro ainda uma confirmação do que penso a respeito da influencia moral já citada, na transcripção que fazeis das seguintes linhas, em que Pedro Taques, retratando o criminoso, explica o celebre crime de Alberto Pires:

"nelle não lavrou o buril da discripção de seus paes com a policia em que criaram seus filhos, civilisando-os com a doutrina das escolas dos pateos dos jesuitas do Collegio de S. Paulo".

O impulso do seculo XVII foi decisivo.

Vejo, em admiravel continuidade historica, o drama do descobrimento até hoje proseguido: a sementeira das povoações ganhando sempre, cada vez mais, os recessos distantes; os trilhos e os caminhos cada vez mais emaranhados, enlaçando novas regiões.

Caçadores de petroleo exploram hoje a geologia e levantam o curso dos rios; sertanistas, que têm o impeto e a resistencia de Antonio Raposo desafiam a matta e as cachoeiras para *descer* as *peças* que num sonho luminoso querem proteger e civilisar.

Nos momentos tristes de duvida, costumo retemperar a minha alma desdobrando lado a lado os mappas seculares do Brasil. Tenho então diante dos olhos verdadeiros cortes anthropogeographicos no tempo e no espaço. E como quem se compraz em comparar as photographias da criatura amada, nas differentes idades por que ella passou, acompanhando o surto das linhas que transformam o rosto impessoal da criança no vulto gentil da mulher que vive e faz viver, ou morrer, leio nessas figuras a ascensão que os indifferentes não descobrem.

Pelo que ahi fica, Snr. Affonso de Taunay, podeis ver que, si não estou sempre de perfeito accordo comvosco, sou sempre um vosso humilde leitor maravilhado pelo carinho e pela consciencia, com que tomais parte no grande e nobre movimento intellectual que é, na Republica, a *historia dos brasileiros que conquistaram o Brasil.*

***

A existencia de Luiz Murat — cuja figura evocastes ha pouco nos seus versos inflammados, foi uma rajada de enthusiasmo e de paixão; a vossa tem sido uma doce harmonia, cheia do altruismo resumido no verso de Lucano:

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo.

Não vos acreditaes nascido senão para o que é util aos vossos semelhantes.

Na decoração do palacio do Ipiranga, onde desdobrastes os requintes da vossa alma, entre paineis e estatuas magnificas, ha lindos motivos humildes e commoventes: amphoras cheias dagua dos grandes rios que arrastaram os heroes para o desconhecido, no caminho da conquista integral do nosso berço.

A patria é como a agua dos rios — sempre nova e sempre a mesma.

Assim tambem tem sido a vossa digna actividade.

Ha, por tudo isso, uma grande figura antiga que revive nesta hora e neste recinto...

Seja abençoado pelo seu povo, Snr. Affonso de Taunay, todo aquelle que augmenta, pelo esforço honesto, a gloria dos antepassados.

II

Senhor Miguel Osório,

Como si fôra um prêmio, deu-me a Academia Brasileira o honroso encargo de receber o successor de Medeiros e Albuquerque.

Este lugar onde estou, pelas tradições e pela grandeza dos que por aqui transitaram, é sempre luminoso ; tem brilho bastante para que ninguem repare agora naquele que está falando. Uma alegria cheia de saudade — o ser chamado a celebrar convosco a lembrança imperecível de um grande amigo, que foi dos mais claros e burilados espiritos do país. Contentamento e ufania tambem... por serdes vós quem sois : um companheiro muito mais moço, admirado e querido.

Um poeta, ainda que dos maiores, não me pareceria muito á vontade na herança de Medeiros. De certo os seus versos são lindos, mas a poesia, naquele eterno apaixonado das pessoas e das coisas belas, sempre foi atitude transitória. A arte de exprimir os pensamentos sob metrificada forma parecia-lhe exausta ; a extinção da métrica, longe de empobrecer as letras, quebradas as simetrías, virá permitir que as idéas sejam transmitidas mais amplamente. E' o que êle prégava : "O essencial é que o pensamento se exprima bem."

Um poeta acrescentaria... e da maneira mais bela possível. Mas o talento de realizar era tão grande naquele homem lógico ? Apesar de tudo deixou versos dêste porte :

Meu coração de tanto palpitar,
dá mostras de sentir-se fatigado.
Dentro dêle se agita o meu passado.
como um plangente, um soluçante mar.

Ora sacode as ondas de vagar
num lamento monótono e magoado.
ora dêle se eleva um alto brado
de tristeza, de angústia, de pesar.

Mas o grito maior que dêle parte
sobrepujando as outras agonias,
da Morte diante da terrível lei.

é que sinto que vou abandonar-te
quando tu mais de mim precisarias,
filho do filho meu que tanto amei.

Medeiros escreveu contos vigorosos, romances interessantes e admiráveis livros de viagens. Em romancista não encontraria o seu paradigma na complexa personalidade do vosso eminente antecessor.

Mas si um homem de ciência de molde antigo, poeirento, hirsuto, rabona escura e olhar paranoico sobranceiro á turba ignara, não poderia evocar a imagem luminosa do nosso amigo, já o sábio moderno e ágil, claro como sois vós, vivendo a existencia árdua e feliz dos laboratorios, sem esquecer que em nossos dias o indivíduo isolado da massa humana é fóssil sem valor, êsse poderia bem lembrar Medeiros que foi, para mim, principalmente, um cientista transviado, espírito pesquisador antes de tudo, que a vida não permitiu seguisse o caminho da inclinação natural.

Medeiros e Albuquerque nasceu no Recife aos 4 de Setembro de 1867. Fez seus estudos no Brasil e em Portugal, paizes em que a cultura scientifica mal começava a ser levada em conta. No tempo de mo-

ço, os rapazes faziam exame de rhetorica ; e de muito longe ouviam falar da historia natural. Ruy Barbosa quasi escandalizava traduzindo as "Lições" de Calkins em que há boas noções de zoologia elementar. Pura formação coimbrã, literaria e classica. Medeiros, porem, era dono de um instrumento cerebral de agilidade incomparavel, conforme a feliz definição de Agrippino Grieco. Formulas vasias o enfastiavam. Para elle o melhor estylo é o que tem mais pensamento no menor numero de palavras. A concisão e a clareza cartesiana do que escrevia deixam manifesto o pendor que o levaria a ser, de facto, um apaixonado estudioso da sciencia.

Dilettante? Sim porque a sua terra não lhe poude offerecer ambiente mais propicio. Se mais resignado e talvez mais calmo, evidentemente poderia ter feito, no terreno da pesquiza, tanto quanto outros. Houve, porem, dominante, um factor de inquietação que o levou ao jornalismo, no seu conceito — "a mais perfeita e a mais completa das bellas artes... arte da vida moderna. "

Houve tambem epicurismo intellectual, muito daquella deliciosa vadiação do espirito — encanto da existencia e desespero dos pessimistas. Qual de nós dois, Senhor Miguel Osorio, terá autoridade bastante para erguer a primeira pedra? A bibliotheca de Medeiros, pela variedade dos assumptos, era uma livraria. Ao lado das grandes composições de todas as literaturas, tratados de biologia e sobretudo de psychologia experimental, livros de magia, de anecdotas, de arte e de esoterismo, de religião e de eugenia. Medeiros vivia caçando curiosidades.

Certa vez, na sua casa hospitaleira tirou da gaveta uma caixa quadrangular, tendo numa das faces diversos mostradores sobrepostos. Algumas pequenas maçanetas giravam, cada qual commandando um dos mostradores. Era uma nova machina de compor his-

torias literarias. contos ou romances, que elle mandara vir dos Estados Unidos. Nos mostradores, de cima a baixo, appareciam pelo rodar das maçanetas, nomes, titulos profissionaes, verbos indicando os acontecimentos da novella desejada, logares em que as scenas poderiam se passar, crimes ou desastres para os personagens, intervenções da justiça ou da religião... Suggestões para arranjos e combinações de pessoas, officios, acontecimentos. Coisas da America do Norte. Medeiros conheceu a engenhoca no fim da vida quando toda a sua admiravel obra na literatura, na sciencia e no jornalismo estava realizada. Com a sua diabolica e sempre alerta curiosidade, talvez tivesse algum dia querido experimentar as virtudes da caixinha. O que nos legou, na herança oppulenta, foi suggerido pela vida, que sabia analysar e reconstruir, olhos penetrantes e cerebro privilegiado.

Ainda a respeito da sua inclinação para a pequisa scientifica recordo-me de um episodio. Certo dia, ao terminar uma das nossas reuniões, pergunta-me elle porque não poderiam os homens aproveitar, na alimentação, a herva que nasce atôa... Discutimos as ponderosas razões que me levavam a responder pela negativa quanto ás vantagens da idéa. Mas a instancias suas, para que a experiencia pudesses ser realizada mais facilmente pelo individuo escolhido para ensaiar o regime, obtive que um dos meus collegas do Museu reduzisse a pó, algumas folhas. E o material foi entregue ao insaciavel investigador. Logo depois adoecia e desistia do ensaio.

A ancia incoercivel de poder directamente desvendar os segredos do mundo, o delirio de indagar, que vem atravez dos seculos condicionando o progresso, a furia de saber era para mim, o traço definidor daquelle grande espirito.

Mais que outro qualquer podeis dizer, com autoridade, se Medeiros não foi o sabio transviado nos labyrinthos da politica, do jornalismo, da literatura.

A sua refinada sociabilidade, a extrema sympathia, não consentiriam que Medeiros vivesse aprendendo para o seu egoismo e prazer pessoal exclusivamente. Timbrava em repartir com os companheiros o que ia colhendo. Os seus amigos sabem da alegria com que mostrava as novidades que descobria na immensa bibliographia constantemente manuseada. No seu ex-libris, entre outros attributos profanos. ha um diabo lendo. Pois o Principe Vermelho não deve ter aprendido muito na interessantissima bibliotheca de Medeiros, porque os livros estavam sempre nas mãos do proprietario e senhor, que não lhes dava treguas nem descanço.

A graça natural, o bom gosto, a erudição de boa escolha, davam ás conferencias de Medeiros um encanto superior. Talvez sejam ellas o melhor da sua producção, mesmo do ponto de vista social, porque, ali, foi agente dos mais efficazes na divulgação da sciencia, da arte e das letras.

Trabalhou por elevar o nivel intellectual da sua gente. Eu não conheço nenhum serviço que mais obrigue a gratidão da posteridade. Deve ser posto ao lado de João Ribeiro, mesmo ao vosso lado Sr. Miguel Osorio, visto que na vossa bibliographia não ha somente relato de novas descobertas, pesquizas originaes, mas tambem muito do que de melhor em materia de ensino publico se ha feito por aqui. Dos seus trabalhos, os que Medeiros mais presava eram os de psychologia theorica e applicada. Não é a occasião propria para discutir se elle tinha razão. Com segurança e sem desmedido elogio póde dizer-se que realmente conseguiu sósinho galgar as culminancias das sciencias difficeis da sua preferencia. De passagem quero citar o que fez para diffundir as doutrinas de James, a psychanalyse e tantas ou-

tras. Não deixarei no esquecimento os seus estudos de hypnotismo, que Miguel Couto prefaciou e o seu admiravel pequenino volume dos Tests, alem dos ar-artigos que autorizadas publicações especializadas acolheram com apreço.

A respeito da sua vida de administrador ouvimos ha pouco Mauricio de Medeiros. Quantas medidas interessantes e uteis elle poz em pratica ou aconselhou! No Districto Federal, o primeiro Laboratorio de Psychologia Experimental foi sua criação.

A 9 de Junho de 1934 desapparecia Medeiros e Albuquerque deixando uma obra magnifica e sincera saudade. Nestas salas a sua voz encantou multidões, accendeu debates. Nunca, mesmo nas mais fortes discussões, tratando de assumptos ou pessoas que o apaixonavam, deixou de ser o polido e attencioso adversario, companheiro bem humorado e prestante. A Medeiros e Albuquerque e a Affonso Celso, nosso querido presidente pela doença de nós afastado, devemos um espectaculo de rara belleza. De Pedro II, que para Affonso Celso é sempre "o Magnanimo", na constante e veneranda admiração, Medeiros mais de uma vez disse francamente o que pensava. Sempre Affonso Celso retrucava no protesto de todos esperado e ouvido com respeito. Entre os dois homens tão sinceros jamais houve uma phrase ou um gesto asperos ou maus, no tratar da pessoa do monarcha ou de outros casos que tambem os separavam. Por estes tempos de intolerancia e de força, quando por toda parte tentam reviver praticas em que o pensamento é mais torturado, ás vezes, do que o corpo, deixae-me dizer que a scena era digna do encontro das duas almas differentes e amigas fazendo da Academia um logar de grande bem estar espiritual. Nem vos posso indicar o que mais crescia na minha estima pelo exemplo que davam de tolerancia e respeito do pensamento alheio.

Sois tambem um artista, Sr. Miguel Osorio. Conseguistes facilmente exprimir, no estylo nervoso as angustias de algumas almas sem abrigo, que bem aconchegadas protegeis nos macios refolhos de aguda sensibilidade. Confessaes que não sabeis ao certo se o vosso bello volume encerra um romance. Pouco importa. A vida, em si mesma, ainda é a melhor das urdidoras. No livro ha gente tão viva, que os criticos até imaginaram seres do vosso conhecimento objectivo.

Gente que ama e soffre... Deve ser mesmo um romance. Os romancistas pensam que inventam : mas quando o livro é dos que ficam, a historia foi um logro que a natureza passou no escriptor. Estava dormindo nos complexos, diria Medeiros, nas dobras profundas da personalidade.

Não devem ter muita razão os criticos de que nos falastes. O homem de sciencia — é lição dos vossos trabalhos — a não ser os que se encarquilham na esterilidade das taxinomias exclusivas e pedantes, não póde caminhar sem o estimulo de um sonho de verdade e de belleza, que a imaginação aquece. A verificação — é outra coisa. Tendes sido o exemplo da vossa geração, architecto de edificios biologicos complexos e uteis, alguns bellos e poeticos.

Quem conheceu o solar do vosso pai — casa de requintes espirituaes — o ambiente em que vos creastes, numa fraterna e preciosa agitação de idéas nobres e boas, não póde ter surpresa alguma vendo o vosso nome de professor dos mais seguidos, luzir tão bem no Uruguay ou em Paris, falando aos alumnos da Praia Vermelha ou aos collegas da Sorbonne. Surpresa haverá, muito justa, ao percorrer tudo que tendes realizado na physiologia experimental, no meio ainda modesto dos nossos recursos nacionaes. Fostes innovador dos mais firmes e brilhantes.

E não achareis fóra de proposito eu, que a todos vos conheço e quero, amigo de muitos annos, recorde agora o nome de Alvaro Osorio, nosso mestre insigne e modesto, que não esqueceriamos jamais, no momento do vosso merecido triumpho. O caracter dos vossos trabalhos de physiologia experimental é definido pelo arrojo das concepções, segurança da technica, quasi sempre criada por meios proprios, a tenacidade com que perseguis a verdade que se esconde e negaceia, quando no determinismo das indagações aproveitaes recursos precisos, inclusive os do symbolismo mathematico. Será impertinencia dizer que os leitores, em alguns casos, desejariam linguagem mais biologica e menos algebrica como Johannsen queria o estudo dos phenomenos da vida: *com* mathematica e não *como* mathematica... No entanto a razão está do vosso lado. Lê-se no admiravel Bayliss que, no fim de contas, os factos vitaes são sempre, em essencia, mudanças, variações infinitesimaes e portanto é tempo dos biologos se prepararem no no calculo indispensavel as theorias de sua sciencia. Ainda ahi, no Brasil, estaes entre os pioneiros.

Mais de cento e cincoenta memorias, notas ou monographias, versando assumptos originaes, opulentam a vossa bibliographia scientifica. Seria evidentemente impossivel esmiuçar uma por uma as notaveis pesquizas: hei de apontar, entre tantas, duas ou tres, onde o vosso talento de sabio e philosopho mais se revela e confirma. Toda a physiologia tem merecido vossa attenção: os reflexos, a respiração, a excitabilidade dos nervos e dos musculos, as funcções nervosas da pelle, a circulação, a thermogenese...

Dos vossos estudos sobre o vestuario nos climas quentes, não direi nada. Não desejo affligir os moralistas sizudos que a moda feminina, de tão pouco panno, irrita e desconsola. Não lhes direi uma palavra das vossas conclusões.

Mas o valor de toda a vossa producção foi reconhecido aqui e na Europa; a Faculdade de Paris vos conferiu o Premio Sicard e a Academia Brasileira de Sciencias, o Premio Einstein.

Por isso deve ter repercutido vantajosamente para o nome do Brasil, no Instituto Internacional de Cooperação Intellectual, a escolha do vosso nome para a presidencia do Comité Nacional, cargo que por attender á confiança de Aloysio de Castro exerci durante algum tempo e vos entreguei como quem dá o seu a seu dono.

A descoberta de algumas leis que regulam a respiração foi, talvez, dos primeiros trabalhos vossos de éco internacional. Mas de todas as contribuições, uma existe de valor singular, seja do ponto de vista puramente physiologico, seja do ponto de vista philosophico.

E' o conjunto dos estudos sobre a pelle. Depois de tudo exposto, remataes: "Descobrimos que a ablação total da pelle, na rã, produz modificaçõs profundas do comportamento do animal".

A velha intuição que levou Chamfort á sua celebre, grosseira e pittoresca expressão, seculos mais tarde veio encontrar nas vossas mãos uma elucidação sem duvidas nem exaggeros. O bom senso do povo por onde, no conceito do philosopho, surge a sabedoria, já desconfiava. Sómente na rã?

Deve ser mais geral o phenomeno. A pelle influe, de facto, tambem no comportamento da miseravel vida humana. Tanto que os antigos — vejo isso num meu alfarrabio, livro dos "Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza" — os antigos *juravam pela pelle*... No batracio pudestes facilmente executar aquella tetrica operação do arrancamento, mas a idéa, senhor Miguel Osorio, a idéa dessa technica, que feroz imaginação não exigiu!

E como é interessante tudo quanto, a respeito, nos ensinaes: "Emquanto permanecem alguns pedaços de

pelle o animal póde apresentar modificações do tonus muscular e da coordenação dos movimentos, mas não se apresenta no estado de profunda apathia que caracteriza a ablação total".

Depois de mostrar que o estado de torpor não deriva do choque, nem de qualquer substancia segregada, accentuaes que "a apathia das rãs é devida á ausencia de excitações do mundo exterior. Os sentidos da visão e da audição sendo muito rudimentares na rã, o animal recebe pela pelle as excitações necessarias para manter o systema nervoso em estado de excitabilidade normal, para conservar o que se póde chamar o *tonus* do systema nervoso".

Assim como a corda do violino só se torna capaz de vibrar, nas notas desejadas, depois de estar sufficientemente distendida, no *tonus*, que para os musicos é a *afinação*, o systema nervoso precisa tambem de certo grau de tensão fundamental especifica. Na vossa descoberta a pelle e os outros orgãos dos sentidos *afinam* o systema nervoso para que elle possa vibrar nas reacções que a vida impõe.

Será pois, verdade que os poetas presintam de longe, o que a sciencia ha de verificar?

Tu n'as jamais eté dans tes jours les plus rares,
Qu' un banal instrument sous mon archet vainqueur.
Et comme un air qui sonne au bois creux des guitarres,
J' ai fait chanter mon rêve au vide de ton coeur...

Numa pagina de Balzac as mulheres são como o violino de que um virtuose tira melodias sublimes. Que póde dar um stradivarius nas mãos de um gorilla?

Escrevi ha pouco e agora quero repetir, depois de reler os vossos trabalhos: a pelle é uma das maravilhas da historia natural.

Cabe-vos, como se vê, louvor especial, ao caracterizar a estupenda tunica protectora e sensivel receptora especifica dos appellos do mundo, condicionando os impulsos de onde surgem sentimentos e acções, fontes de que brotam as raças.

Pensam muitos que o determinismo scientifico morreu de uma vez porque os physicos não podem dizer qual será o atomo que ha de explodir num momento dado, quando afinal, hão de ter todos a mesma sorte. Mas que vale um millimetro na medida da distancia que vae da Terra ao Sol? Trabalhos como os vossos feitos com precisão e honestidade são, de facto, um conforto para os que esperam tudo da sciencia — na ordem moral, na ordem intellectual e na ordem pratica.

Ha mais de meio seculo vem os sabios trabalhando para explicar os interessantes phenomenos da excitação electrica dos nervos. Por multiplas razões o problema apresenta difficuldades transcendentes. Depois de nove annos de pesquizas e calculos, mil vezes renovados, corrigidos e accrescidos, conseguistes formular uma theoria geral da excitação, vosso trabalho capital que por isso mesmo tem de apparecer hoje aqui, ainda que numa breve menção. Mal de mim que não conseguirei, dar, nem de leve, a medida do que nelle existe de profundo e bello! Resolvestes abordar o problema tentando uma theoria puramente mathematica, sem nenhuma hypothese physico-chimica. A base da vossa edificação? Admittir que sob a acção do estimulo surgem nos tecidos excitaveis, dois phenomenos oppostos: um proporcional á intensidade da corrente, outro proporcional á perturbação produzida e ao tempo decorrido desde o inicio. Vossa theoria explica a rheobase, fundamento da chronaxia, de tão largo emprego na pratica dos medicos; e dá conta do facto surprehendente, conhecido desde os tempos de Du Bois-Reymond, de não agir sobre o nervo a corrente continua sinão no fechamento

e na abertura do circuito, parecendo o cordão nervoso indifferente durante o resto do tempo. Tambem quando se varia bruscamente a intensidade da corrente continua o nervo responde, no momento da variação. E só nesse momento. Pois os vossos estudos vieram igualmente explicar o facto. Assim appareceu a noção da "chronobase" de Miguel Osorio, caracteristica racional da excitabilidade, relação entre a rheobase e a chronaxia, multiplicada por um factor.

Passastes depois para o estudo directo da excitação, buscando a interpretação physico-chimica.

Ainda aqui fostes feliz, como quem luta bem armado e é digno da victoria porque tem razão e não desanima nunca.

Pouco importa saber o que o futuro fará desses fructos soberbos da vossa extraordinaria capacidade. São trabalhos que hão de ficar nos registros da sciencia, entre o que de mais elevado houver produzido a nossa America do Sul para o thesouro espiritual da Humanidade.

Medir a fadiga, sempre foi coisa muito difficil. Principalmente avaliar a fadiga dos outros, quando trabalham para nós...

O processo que imaginastes é simples e elegante. O indice da fadiga é a relação da força maxima desenvolvida pelo musculo, avaliada no dynamometro, para a potencia maxima verificada no ergógrapho.

Os erros que levam aos desastres, se não vem da doença, nascem, na maioria das vezes, da fadiga. D. Miguel de Unamuno tem toda razão ; a fadiga é o mal do mundo. Depois de tanto tempo em que os povos viveram agitados no turbilhão das conquistas de toda ordem, precisam dormir como as crianças travessas que se renovam nos somnos de pedra. O mundo será velho ; o homem é muito moço. Ha povos que mal conhecem o fogo e ainda ignoram o mais rudimentar conforto. Os

mais civilizados ha somente uns trinta annos que conseguiram voar. Só agora se ouvem os homens de continente a continente.

Nos arroubos da juventude a Especie ainda não poude escutar a voz prophetica de alguns filhos mais sabios. Ainda crê na violencia : e chama sempre justa a causa do seu interesse.

A humanidade não está decrepita ; está cansada. Caminha com o passo incerto dos bohemios transnoitados, pisando muitas vezes, sem sentir, as melhores e mais delicadas flores da cultura. Está cansada das maravilhas que andou fazendo nos dois ultimos seculos. Exhausta de soffrer e gozar.

De fartos documentos resalta, pois, com vigor a vossa personalidade de sabio ; do artista apparece, em outras tantas paginas, a alma delicada. Lastimo sinceramente todos os que ainda não tiveram occasião de ouvir as vossas apaixonads interpretações de Beethoven ou Chopin. E as phrases emocionantes e tumultuarias do Tristan, que tanto vivem no vosso teclado.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro fizestes os estudos secundarios no Collegio Kopke — nome que recorda um dos meus mais estimados amigos companheiro numa grande obra de educação popular ; no Rio terminastes os estudos superiores. Fizestes o vosso nome sem ter sahido do Brasil. Fostes á Europa pela primeira vez, não como aprendiz ; mas como professor que aqui mesmo teve a virtude de se aperfeiçoar e impor.

Dos maiores livros de ensino publicados no Bradois figuram na vossa bibliographia : *Homens e Coisas da Sciencia* e *A Vulgarização do Saber*. E' difficil dizer qual o melhor. Tudo nelles concorre para o brilho com que são tratados themas variados e empolgantes.

Historia, biologia, arte, philosophia... palpitam em ambos. Muitas vezes o escriptor parece em verdade trahir a feição psychologica do autor, que nem sem-

pre se compraz em formulas definidas, que seriam de esperar num pesquizador de tal envergadura. Chega a citar um trecho de Renan quando faz a apologia dos estados obscuros anteriores á reflexão, estados que o mais claro dos escriptores de todos os tempos achava particularmente fecundos para a criação. Mas seja tratando de A Sciencia e a Lingua Portugueza. As Mulheres e a Sciencia, de A Arte de Esquecer, do Problema da Dor, do Sonho e a Acção, ou escrevendo biographias e artigos historicos — Pasteur, Pedro II e o Instituto de Physiologia, Ewald. Miguel Pereira, Sophia Kovalewsky — contribuistes pra a literatura nacional com muitas paginas definitivas.

Quero dizer ao romancista das "Almas sem Abrigo: nunca foi mais amavel escriptor do que nos dois volumes de ensaios, o estylo jamais teve tanta louçania. Abrindo ao acaso: "Em arte, como em tudo, o passado não pode ser desprezado, nem affastado... Mas pode ser esquecido, envolvido nos véos nunca inteiramente opacos do sabio esquecimento, do esquecimento educado, que annula as exhuberancias nocivas mas não asphyxia as sementes vivas e ferteis. Estas renascem em formas novas e mais ricas, quando encontram as condições adequadas para o seu desenvolvimento, reunidas na alma nova das personalidades, raras mas sempre existentes, que sabem ver e sentir". Quanta subtileza nesta pagina! Que descoberta de extrema finura psychologica, o sabio e educado esquecimento que por desgraça não está ao alcance de todos!

Sois das almas novas que sabem ver e sentir, almas preciosas até para os povos de cultura profunda e sedimentada. Entre gente que se debate nos lances moraes e praticos da propria formação definitiva, agitadas assim as moleculas quando se orientam para o polyedro nuclear dos corpos crystallinos, são pontos de apoio da sociedade. Da penetrante visão ha de a sciencia re-

colher constantemente coisas bellas como as que mal pude levemente recordar, da sensibilidade apurada as letras hão de receber o carinho que tantas composições recommendam. Depois de tudo isso, trazeis para a Academia, como queria Medeiros, o simples encanto do trato pessoal, a elegancia discreta das attitudes.

Não vos preoccupe mais a indagação dos nossos intuitos no caso da escolha feliz.

Quasi estou em affirmar que nem mesmo foi causa — "o romance que existe em toda obra de sciencia". Para os altos valores espirituaes ha sempre aqui um logar. Mas os romances guardam o antigo prestigio. A humanidade é muito moça.

Aqui, Sr. Miguel Osorio, onde hoje vos recebemos com tanta alegria, muitas vezes ha de vir ao vosso pensamento a lembrança daquella nave illuminada, que na lenda medieval singrava o mar, varando o nevoeiro e a tormenta, rumo incerto quando faltava a Tramontana, tudo soffrendo sem queixa, dominada pela visão da figura sem par de formosura e meiguice, que de longe attrahia toda a christandade. Depois vereis, de certo, que quasi tudo hoje é differente...

Mas bem de pressa concluireis commigo que o mesmo sonho de luz e de harmonia continua. Os da nave antiga nem mesmo tinham "a agulha que dita o Norte"; só a poesia os animava. Nós somos muito mais felizes; alem da Arte, a Sciencia nos ampara. Elles esperavam tudo da conquista; nós tudo esperamos do trabalho. Mas a esperança é a mesma...

Indice

PRIMEIRA PARTE

GLORIA SEM RUMOR

CAPITULO I — PAG.

Os allemães no Brasil — O monumento de Fritz Müller em Blemenau (20 de Maio de 1929) — A vida de Fritz Müller na Allemanha — Em Blumenau — Itajahy — Desterro — Volta a Blumenau — Naturalista viajante do Museu Nacional do Rio — "Principe dos Observadores" Für Darwin — Nauplius do Camarão — A lei biogenetica fundamental — Estudo critico dos trabalhos do sabio — A gloria sem rumor do grande naturalista. (Blumenau — 20 de Maio de 1929). 9

CAPITULO II

O ensino popular da Botanica no Passeio Publico do Rio de Janeiro — Frei Leandro do Sacramento — Sua formação em Coimbra — Professor da Academia Medico Cirurgica do Rio de Janeiro — Frei Leandro no Jardim Botanico — Estudo critico dos trabalhos de Frei Leandro — (Instituto Historico e Geographico Brasileiro — (1 de Julho de 1929). 42

CAPITULO III

O Brasil explicado a si mesmo na obra de Alberto Torres — Os racistas... — A conquista e a ocupação da Terra — O conceito nacionalista na Obra de Alberto Torres. . 63

CAPITULO IV

A physica no Brasil no começo do Seculo XX — Henrique Morize — A Capital do Brasil no Planalto Central — Morize e o Observatorio — A Fundação da Academia Brasileira de Sciencias em 1916 — Morize e a Radiodifusão no Brasil 66

CAPITULO V

PAG.

Os primeiros passos da radiodifusão no Brasil — A contribuição de Amadeu Amaral — a Propaganda 73

CAPITULO VI

Tres grandes mestres do Brasil: Tobias Moscoso-Ferdinando Labouriau e Manoel de Amoroso Costa — A fundação dos estudos de biometrica no Brasil — Os problemas da siderurgia nacional 76

CAPITULO VII

O estudo systematico das populações indigenas do Brasil — A escola allemã — Karl von den Steinen — Capistrano de Abreu e João Ribeiro 83

CAPITULO VIII

Snethlage — Alma de mulher e de sabia — Directora do Museu Goeldi, no Pará — Naturalista do Museu Nacional do Rio — A monographia das Aves do Brasil — Na academia Brasileira de Sciencias — Nos pantanaes do Rio Madeira... 88

CAPITULO IX

O Brasil na America — Formação da população brasiliana — A obra de Manoel Bomfim — Justiça para os Mestiços... 91

CAPITULO X

Quinze annos de trabalho nas fronteiras do Perú — O livro de Ferreira da Silva — As demarcações — as doenças — os indios. 95

CAPITULO XI

A Carta Topographica de Villa Rica — Claudio Manoel da Costa — Poeta? — Heroe da Inconfidencia? ou Topographo? 100

CAPITULO XII

PAG.

As tendencias da Medicina Moderna — Racional e Social — Miguel Couto, pioneiro. — O Congresso Brasileiro de Eugenia. 103

CAPITULO XIII

A Sciencia e a Arte — C. F. Hartt — A expedição Thayer — Hartt e Agassiz — A Comissão Geologica — Orville Derby — Hartt (28 de Junho de 1938.) 107

SEGUNDA PARTE

INSPIRAÇÕES DA TERRA

CAPITULO XIV

Os quadros fortes de "Os Sertões" — Os paineis de Euclydes da Cunha — A cegueira do sertanejo — O centauro bronco — O estouro da boiada — O desafio — O preludio da secca — Os quadros da vida religiosa — A creança morta — As telas esquecidas. 129

CAPITULO XV

Literatura e nacionalidade — Sciencia e Literatura — Estudo critico de "Os Sertões" — A Verdade e a Belleza. . 132

CAPITULO XVI

Os anachronismos da cultura Brasiliana — "Vida e morte do bandeirante" 139

CAPITULO XVII

O Bandeirante desconhecido — As migrações indigenas — A terra sem males — Uira-Assú 142

CAPITULO XVIII

A Terra do Inca — O Perú Socialista 147

CAPITULO XIX

PAG.

Dizer e fazer... — A Sciencia pura no Brasil — A investigação scientifica 156

CAPITULO XX

Pedro II e Gobineau — As cartas de Strasburgo — Gobineau esculptor — A Mima do Palacio da Boa Vista — Gobineau no Rio de Janeiro — Rei a força 159

CAPITULO XXI

Fundamentos biologicos da Sociologia — Estudo critico das theorias de Tobias Barreto — O meio e a herança na formação das raças — O racismo... — Os erros do povoamento oficial no Brasil 174

CAPITULO XXII

Estylisação 184

TERCEIRA PARTE

NA ACADEMIA BRASILEIRA

I — Affonso de Taunay 207
II — Miguel Osorio 225

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA

Fig. 1
Monumento de Fritz Müller, em Blumenau — Santa Catarina (A. Freihoffer, escupt.).

Fig. 2
Fritz Müller — 1877.

Fig. 3
Colonia de Fritz Müller, em Blumenau, Santa Catarina — 1891.

Fig. 4
Blumenau em 1867.

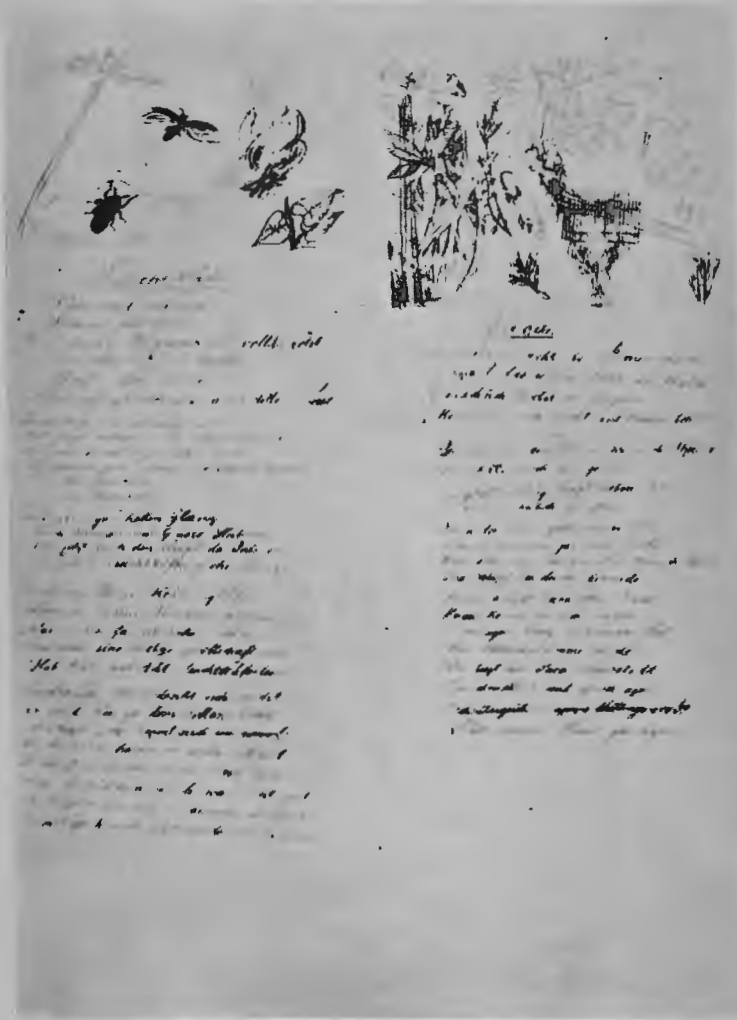
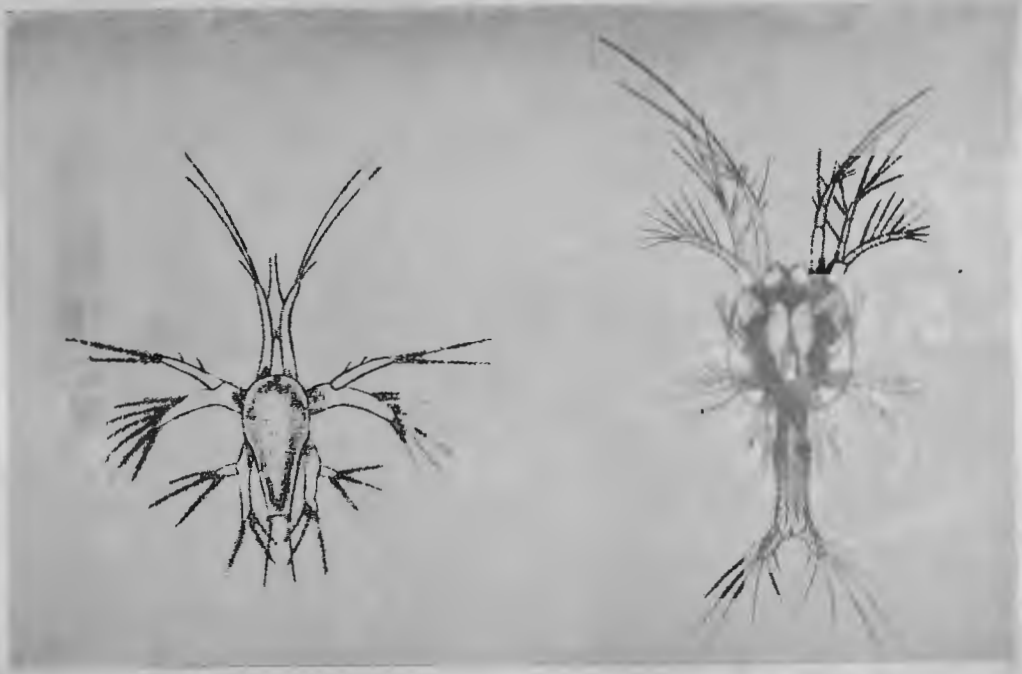


Fig. 5

Fig. 6
Fritz Müller — 1886.
(Apud A. Möller).



Nauplius do camarão
(x 45)

Zoëa do camarão.
(x 45)

Fig. 7

Fig. 8

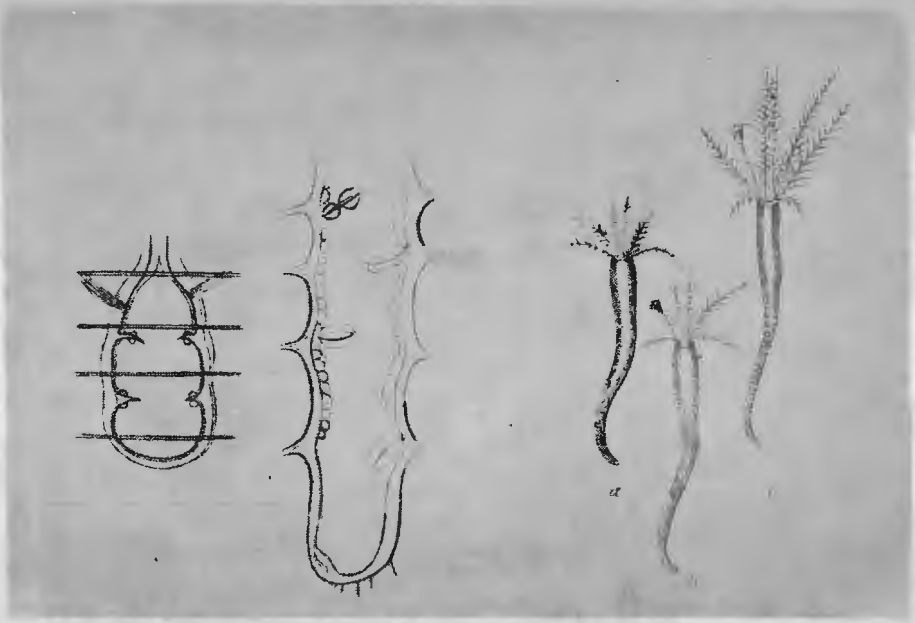
3 — Cabeça do macho de Tanais sp. (x 90) *forma commum.*

4 — Região buccal do mesmo.

5 — Cabeça do macho (x 25) *forma rara.*

6 — Filamentos olfativos do mesmo (x 90).

(für Darwin).



Coração de Cassidina. (Jovem)

Coração de Anilocra. (Jovem)

a) Protula.
b) Filograna.
c) Serpula.

Fig. 9

Fig. 10
ELPIDIUM BROMELIARUM

1-2 Elpidium bromeliarum — 3, femea — 7, olho — 10, 11 e 12, antenas 13, mandibula — 14, maxilla — 15, 16 e 17, pernas — 19-22, extremidade posterior de um macho — 23, Ovo — 24, larva — 26, *Elpe pinguis, Barr.*

Fig. 11
PROF. C. F HARTT

Fig. 12
Trançado de palha dos indios da Amazonia.

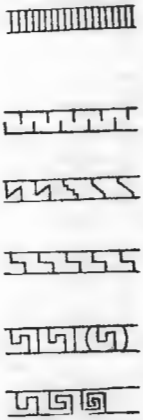


Fig. 14
Evolução da grega, segundo Hartt.

Fig. 13
Ceramica de Marajó.
Maracá de barro.

Fig. 15
Ceramica de Marajó.
Tanga de barro.

Fig. 16
Vaso gravado. Marajó.

Fig. 17
Morcegos pendurados.
Desenho dos indios Aueto do Xingú, segundo von de Steinen.

Fig. 18
Onça saltando sobre uma ema.
Desenho dos indios Parecis.
RONDONIA. — *Exc. Roquette-Pinto.*

Fig. 19
Indio Nambikuara flechando por elevação.
Foto Roquette-Pinto.